



# ACADEMIA CATARINENSE MAÇÔNICA DE LETRAS

Coletanea Concurso Bienal 2025



ACADEMICA  
CATARINENSE  
MAÇÔNICA DE  
LETRAS

Coletanea Concurso Bienal 2025

Rogério Cid Bastos (organizador)  
José Luiz Pinto da Silva  
(organizador)

Direitos autorais © 2026 Academia Catarinense Maçônica de Letras

Todos os direitos reservados

Partes deste livro podem ser reproduzidas mediante a permissão expressa por escrito da Associação Catarinense Maçônica de Letras.

ISBN

# APRESENTAÇÃO CERIMÔNIA DE PREMIAÇÃO

ACML – 22/04/2025

*(Discurso apresentado pelo Confrade José Luiz Pinto da Silva - na cerimônia de premiação do Primeiro Concurso Literário Bienal da Academia Catarinense Maçônica de Letras)*

Boa noite, aos Irmãos, cunhadas e convidados. Estamos muito felizes em recebê-los esta noite. A Academia se envaidece com suas presenças.

Como nos ensinou PLATÃO, “*Tudo têm início no mundo das Ideias e caso seja transformado em obra, aparecerá no mundo Físico*”.

O presente Concurso Literário foi pensado durante um almoço em Brasília, em junho de 2015, pelo saudoso Acadêmico CID GOMES e por mim, quando éramos Deputados Federais do GOB Central. Após se passarem oito anos, conquistamos a aprovação desta ideia pela ACADEMIA em 16/05/2023. Em 2024, os acadêmicos Paulo Roberto Pinto Ademar Valsechi, e este que vos fala, lançaram as sementes! Sementes estas que germinaram fortemente em solo catarinense. Criamos a estrutura do nosso Concurso Literário, com a sabedoria peculiar do nosso Confrade Ademar Valsechi, o nosso Regulamento e as nossas duas comissões, a Comissão Organizadora e a Comissão Julgadora.

Sabíamos que seria um trabalho grande e difícil, tínhamos a expectativa realista de trinta trabalhos, mas não tínhamos ideia da enorme quantidade de obras que seriam inscritas. O surpreendente número de cento e duas obras inscritas, de sessenta e nove Lojas, localizadas em vinte e sete

Orientes diferentes, nos dão a exata dimensão do potencial represado dos Irmão Maçons que querem escrever e divulgar os seus conhecimentos. Das suas vontades, de produzir textos de qualidade que nossos irmãos têm. Como nos ensinou o cantor Raul Seixas ... *“Um sonho que se sonha só, é só um sonho, MAS, um sonho que se sonha juntos, torna-se realidade”*.

Este Concurso Literário e o seu sucesso absoluto é fruto de um Trabalho Coletivo.

Somos em onze Acadêmicos que se uniram para realizá-lo. Peça gentilmente que fiquem em pé, a:

### **COMISSÃO ORGANIZADORA:**

**Presidente:** Acadêmico Paulo Roberto Pinto

**Vice-Presidente:** Acadêmico Ademar Valsechi

**Coordenador Geral:** Acadêmico José Luiz Pinto da Silva

#### **Membros:**

Acadêmico Rogério Cid Bastos( Nosso Mr. Google, gênio da Inteligência Artificial da UFSC e nosso homem forte da informática do Concurso Literário).

Acadêmico Rogério Bonnassis de Albuquerque( Secretário da ACML),

**COMISSÃO JULGADORA** - Tomamos o cuidado extremo em compor a nossa comissão Julgadora com dois Acadêmicos de cada Potência Maçônica, num total de seis Confrades de conhecimento intelectual irrefutável, da Maçonaria Catarinense, a saber:

#### **Coordenador:**

Acadêmico Walmor Backes - Ex Grão-mestre do GOB/SC.

#### **Membros:**

Acadêmico Getúlio Correa - Ex Grão-mestre do GOSC.

Acadêmico Alaor Francisco Tissot - Ex Grão-mestre do GOSC.

Acadêmico Márcio Luiz Pereira( Tesoureiro e Ex Presidente da ACML)

Acadêmico Eleutério Nicolau da Conceição( Orador e Ex Presidente da ACML) Acadêmico Geraldo Morgado Fagundes( Escritor Emérito de Obras Maçônicas).

Diga-se de passagem, Comissão Julgadora esta, totalmente independente e autônoma na decisão dos Resultados do presente Concurso Literário. Como

nos RECOMENDA o dramaturgo espanhol Don Antônio Machado...

*”Caminhante, não há Caminho, o Caminho se faz ao caminhar ”...*

Por favor, podem se sentar.

Alguns destaques do nosso primeiro Concurso Literário:

- Tivemos algumas pequenas falhas e correções de rumo no percurso.
- Quando da nossa reunião em 2024 com o Sereníssimo Paulo Augusto Meira de Albuquerque, ele nos falou da experiência que a GLSC já tinha com o prestigiado Concurso Pitágoras e sendo assim, ele nos propôs que ampliássemos o prazo por mais sessenta dias para as nossas inscrições e assim felizmente procedemos. Obrigado Sereníssimo Paulo Albuquerque pela preciosa sugestão.
- A nossa Comissão Julgadora após avaliar tão elevado número de trabalhos inscritos e a QUALIDADE deles, propôs a Comissão Organizadora, que fosse criada a Categoria de MENÇÃO HONROSA nos três graus, o que foi acatado com alegria pela comissão organizadora. Dar-se-ia assim o direito a que mais trabalhos de qualidade fossem premiados bem como incentivar a um maior número de escritores maçônicos.
- Somos brasileiros antes de sermos maçons, então, repetimos alguns comportamentos de típicos brasileiros.... Era o dia 30 de Setembro de 2024, último dia das inscrições e já tínhamos quase setenta trabalhos inscritos ao longo de cinco meses de inscrição, das 12 horas do dia 30 até as 23:55 horas, tivemos mais de trinta trabalhos inscritos. Quando deram 24 horas de 30/09, eu e o Rogério Bastos demos um UFA de alívio... pois ficamos doze horas computando e recebendo inscrições no último dia, na última horas e nos últimos minutos.

Como maior destaque, ressaltamos a enorme participação do interior do nosso estado. Ficamos muito surpresos e felizes por podermos dar vazão

para esta vontade de produção literária maçônica. Da enorme cidade de Joinville (que peço que a comitiva fique em pé) até a pequena Balneário Gaivotas, no sul do Estado (peço que o Irmão Paulo Fernando fique em pé), passando por Itajaí, Blumenau, Florianópolis, São José, Indaial e outras.

Uma motivação concreta para a nossa ACADEMIA MAÇÔNICA DE LETRAS para se interiorizar mais e quem sabe, juntamente com as nossas Potências, fazemos Sessões conjuntas nestas cidades. Não posso deixar de agradecer o extraordinário apoio que tivemos dos nossos três Grãos Mestres estaduais: Sereníssimo Abelardo Camilo Bridi (GOSC); Eminente Irmão Nilson Manoel de Souza (GOB/SC) e o sereníssimo Paulo Augusto Meira de Albuquerque (GLSC), os quais franquearam o nosso acesso a todas as Loja Maçônicas de Santa Catarina, possibilitando assim, a efetiva participação de todos os maçons catarinenses.

Agradecer aos nossos CONFRADES da ACADEMIA CATARINENSE MAÇÔNICA DE LETRAS, pela deferência, pelo apoio pessoal e do seu precioso tempo dispensados a este Concurso. Agradecer imensamente aos cento e dois Irmãos que se inscreveram, e principalmente aos nossos vinte e quatro homenageados e suas ilustres convidadas. Nosso Muitíssimo obrigado a todos e todas e encerro as minhas palavras com a seguinte frase: “A Beleza da Arte da Escrita como uma das expressões do Espírito“. Boa noite!

# PREFÁCIO

Escrito pelo Confrade Paulo Roberto Pinto, presidente da Academia Catarinense Maçônica de Letras quando do lançamento do Concurso

Lorem ipsum dolor sit amet, consectetur adipiscing elit, sed do eiusmod tempor incididunt ut labore et dolore magna aliqua. Ut enim ad minim veniam, quis nostrud exercitation ullamco laboris.

# PRÓLOGO

Texto do Confrade Walmor backes - atual presidente da Academia  
Catarinense Maçônica de Letras.

Lorem ipsum dolor sit amet, consectetur adipiscing elit, sed do eiusmod  
tempor incididunt ut labore et dolore magna aliqua. Ut enim ad minim  
veniam, quis nostrud exercitation ullamco laboris.

# ***CONSIDERAÇÕES SOBRE OS FATORES QUE LEVAM MAÇONS A SE AFASTAREM DA ORDEM A LUZ DA TEORIA DO CICLO DE VIDA DOS EMPREENDEDORES.***

Dante Luiz Juliatto<sup>[1]</sup>  
ARBLs Lealdade Ação E Vigilância, Nº 39  
GOSC - Oriente de São José

## ***INTRODUÇÃO***

Na intricada tapeçaria das jornadas humanas, onde o empreendedorismo e a Maçonaria frequentemente parecem mundos à parte, emergem pontos de convergência fascinantes quando olhamos através da lente da teoria do ciclo de vida. O ciclo de vida do empreendedor, uma narrativa de ascensão e queda marcada por momentos de inovação, crescimento e, por vezes, declínio, oferece um espelho intrigante para o ciclo de vida de um maçom. Esta teoria, inicialmente elaborada para entender os altos e baixos das aventuras empresariais, revela-se uma chave para decifrar a dinâmica dos caminhos maçônicos.

Ambos os ciclos compartilham uma essência de transformação e evolução, onde cada estágio é um reflexo de desafios e oportunidades que moldam a trajetória dos indivíduos envolvidos. O ciclo de vida do empreendedor é uma jornada marcada por fases distintas: da concepção de uma ideia inovadora à busca por estabilidade, passando pelos altos e baixos inevitáveis do crescimento e da consolidação. De maneira semelhante, o ciclo de vida do maçom também atravessa etapas que vão desde a iniciação até o engajamento pleno, seguido pela fase de reflexão e, potencialmente, por um período de afastamento ou renovação.

Explorar essas analogias não apenas ilumina as complexidades inerentes a cada trajetória, mas também destaca a importância do processo de adaptação e resiliência em ambos os contextos. Compreender como a teoria do ciclo de vida do empreendedor se aplica à Maçonaria pode revelar insights valiosos sobre como os maçons enfrentam desafios, buscam crescimento pessoal e, eventualmente, como a revitalização pode ser alcançada. Assim, a interseção entre essas duas jornadas oferece um rico caminho de aprendizado, onde as lições de um campo podem enriquecer e iluminar o outro.

## ***RAZÃO PARA EMPREENDER***

Empreender é, para muitos, uma jornada que nasce de um desejo profundo de transformar ideias em realidade, de ver o mundo não como ele é, mas como poderia ser.

A decisão de se lançar no mundo dos negócios pode ser motivada por diversas razões, cada uma delas carregada de sonhos, ambições e, muitas vezes, uma forte necessidade de mudança. Para alguns, o impulso para empreender vem da liberdade. A liberdade de ser dono do próprio destino, de não estar preso a horários rígidos e regras alheias. É o anseio de criar um ambiente de trabalho onde a criatividade e a inovação fluam sem barreiras, onde suas paixões e habilidades possam ser exploradas ao máximo, sem limitações impostas por outrem.

Outros são movidos pelo desejo de resolver problemas. Esses indivíduos veem o mundo através de uma lente crítica, identificando falhas, carências e necessidades não atendidas. Eles são os solucionadores, os que acreditam que podem fazer a diferença, que suas ideias têm o poder de melhorar a vida das pessoas, de criar produtos ou serviços que facilitem o cotidiano ou que tragam alegria e conforto.

Há também aqueles que empreendem por uma necessidade de autossuficiência financeira. O desejo de escapar da incerteza econômica, de construir algo sólido e duradouro que possa sustentar não apenas a si mesmo, mas também suas famílias e futuras gerações.

É a busca por segurança, pela capacidade de enfrentar crises e instabilidades com resiliência e autonomia.

Para muitos, o empreendedorismo é uma forma de deixar um legado. A vontade de criar algo que perdure, que seja lembrado e respeitado. É o desejo de impactar positivamente a sociedade, de ser reconhecido pelo trabalho e pelas contribuições feitas ao mundo. A sensação de estar construindo algo maior do que si próprio, algo que inspire e motive outras pessoas a seguirem seus próprios caminhos. Além dessas motivações, há também um aspecto emocional e pessoal. A necessidade de realização, de se sentir pleno e feliz com o próprio trabalho. O empreendedor encontra alegria nas pequenas vitórias diárias, no crescimento contínuo e na superação dos desafios. É um caminho repleto de incertezas, mas também de satisfação, onde cada conquista é fruto do próprio esforço e dedicação.

Assim, empreender é um ato de coragem, uma decisão de enfrentar o desconhecido com determinação e esperança. É a escolha de sonhar grande e de trabalhar arduamente para transformar esses sonhos em realidade. É, acima de

tudo, um reflexo da capacidade humana de inovar, criar e prosperar, movido por uma paixão inata de fazer a diferença no mundo.

### ***RAZÃO PARA ENTRAR PARA A MAÇONARIA***

Adentrar a maçonaria é um ato repleto de significado e profundidade, uma jornada que atrai aqueles que buscam mais do que simples respostas às suas indagações. A decisão de se tornar maçom pode ser impulsionada por diversas motivações, cada uma delas entrelaçada com o tecido da existência e das aspirações humanas.

Para muitos, a maçonaria é um chamado à busca do conhecimento. Aqueles que trilham este caminho são frequentemente atraídos pela sede de sabedoria, pelo desejo de entender as verdades mais profundas e universais que regem a vida. A maçonaria oferece um ambiente onde a filosofia, a ética e a ciência se encontram, proporcionando um espaço para o crescimento intelectual e espiritual. Há também o desejo de pertencer a algo maior do que si mesmo. A fraternidade maçônica é conhecida por seus laços de solidariedade e companheirismo, onde irmãos se apoiam mutuamente em suas jornadas pessoais e coletivas. Para alguns, ser maçom é encontrar uma segunda família, um círculo de indivíduos com valores e objetivos comuns, onde a confiança e o respeito mútuo são fundamentais.

Outra motivação significativa é o compromisso com a melhoria contínua, tanto pessoal quanto social. Os maçons são incentivados a trabalhar incessantemente em seu desenvolvimento moral e ético, buscando sempre ser melhores do que eram ontem. Este compromisso se estende além do indivíduo, influenciando positivamente a comunidade ao seu redor por meio de atos de caridade, justiça e benevolência.

O desejo de preservação de tradições e rituais também atrai muitos à maçonaria. Em um mundo em constante mudança, a maçonaria mantém vivas práticas e ensinamentos ancestrais, conectando os membros a uma linhagem histórica rica e complexa. Esta conexão com o passado oferece um senso de continuidade e propósito, ligando o presente a um legado de sabedoria acumulada. Para alguns, a maçonaria representa um refúgio espiritual. Em meio à agitação e incertezas da vida moderna, os templos maçônicos oferecem um espaço de introspecção, meditação e serenidade. Aqui, os maçons podem se desligar das distrações mundanas e se concentrar em seu crescimento interior, encontrando paz e clareza em meio ao simbolismo e aos ritos que praticam.

Finalmente, há aqueles que são movidos pelo desejo de fazer a diferença. A maçonaria inspira seus membros a serem agentes de mudança, a promoverem a harmonia, a igualdade e o progresso em suas comunidades e além. É um chamado para agir com integridade, coragem e compaixão, influenciando positivamente a sociedade e deixando um legado duradouro. Assim, tornar-se maçom é uma decisão que reflete um profundo compromisso com a busca da verdade, da fraternidade e do aprimoramento pessoal. É um caminho pavimentado por valores nobres e ideais elevados, onde cada passo é dado com propósito e convicção, na incessante busca por uma vida plena e significativa.

### ***SEMELHANÇAS***

O empreendedorismo desempenha um papel crucial no desenvolvimento econômico, na geração de empregos, na inovação e na melhoria da qualidade de vida. Ao impulsionar a criação e o crescimento de novos negócios, os empreendedores desempenham uma função fundamental na transformação econômica e social. Em contraste, a Maçonaria é uma ordem fraternal que valoriza a ética, a responsabilidade, o conhecimento e o desenvolvimento pessoal. Embora pareçam distintos à primeira vista, há diversas semelhanças entre o ciclo de vida do empreendedor e o ciclo de vida do maçom

O comportamento empreendedor engloba uma série de características, atitudes e ações que são comumente observadas em empreendedores bem-sucedidos. Os empreendedores têm uma visão clara do que desejam alcançar e estão constantemente em busca de oportunidades de negócios. São criativos, inovadores e dispostos a desafiar o status quo para adicionar valor aos produtos, serviços ou processos existentes. Estão preparados para assumir riscos calculados e agem prontamente para aproveitar as oportunidades que identificam. A resiliência e a perseverança são marcas registradas dos empreendedores, que não desistem facilmente diante dos obstáculos. Além disso, possuem habilidades de liderança e trabalho em equipe, sendo capazes de inspirar, motivar e coordenar esforços para alcançar resultados e buscar a excelência.

Tanto a Maçonaria quanto o empreendedorismo são baseados em princípios e valores fundamentais. A Maçonaria enfatiza a fraternidade, a busca pelo conhecimento, a ética e a responsabilidade individual, enquanto o empreendedorismo valoriza a iniciativa, a inovação, a perseverança e a responsabilidade pelos próprios negócios. A rede de contatos da Maçonaria pode fornecer oportunidades de negócios, parcerias e suporte mútuo para empreendedores maçons, facilitando conexões empresariais. Ambas as áreas

buscam o desenvolvimento pessoal, seja por meio de rituais e simbolismos maçônicos ou pelo aprendizado contínuo e aquisição de habilidades empreendedoras. A filantropia e a responsabilidade social também são valores importantes em ambos os contextos, promovendo um impacto positivo na sociedade.

### ***RAZÕES DE UMA INICIATIVA EMPREENDEDORA FALHAR***

No vasto cenário do empreendedorismo, onde sonhos se entrelaçam com a realidade e a esperança se mistura com a incerteza, nem todos os empreendimentos conseguem florescer. Quando uma iniciativa empreendedora falha, as justificativas são muitas e variadas, cada uma contando uma história de tentativa e aprendizado, de bravura e lições amargas. Uma das justificativas mais comuns é a falta de planejamento adequado. Em meio ao entusiasmo inicial, alguns empreendedores podem se lançar ao mercado sem uma visão clara, sem mapear os passos necessários para transformar suas ideias em sucesso concreto. Sem um plano detalhado, as surpresas do caminho podem se tornar obstáculos intransponíveis, desviando o projeto de seu curso e levando-o ao fracasso.

Outra razão frequentemente mencionada é a insuficiência de recursos financeiros. Empreender exige não apenas ideias brilhantes, mas também capital para sustentar o crescimento, enfrentar adversidades e investir em inovações. Empreendimentos sucumbem quando os recursos se esgotam antes que o negócio possa se firmar, deixando sonhos desfeitos e esperanças desvanecidas na falta de fundos. A falta de conhecimento do mercado é uma justificativa igualmente significativa. O desconhecimento das nuances e dinâmicas do setor escolhido pode ser fatal. Empreendedores que não compreendem plenamente seu público-alvo, suas necessidades e desejos, podem se ver ofertando produtos ou serviços que não encontram eco no coração dos consumidores. A falta de sintonia com o mercado pode transformar uma ideia promissora em um empreendimento vazio.

Além disso, a má gestão pode ser a ruína de muitos negócios. Administrar uma empresa requer habilidades diversas, desde a liderança inspiradora até a gestão eficiente de recursos humanos e financeiros. Quando a liderança é deficiente, quando as decisões são tomadas sem a devida ponderação, o caos pode se instalar, e a estrutura do empreendimento pode desmoronar sob o peso da desorganização e da falta de direção.

A resistência às mudanças e à inovação também pode ser um fator determinante. Em um mundo em constante evolução, a incapacidade de se adaptar e de abraçar novas tendências pode deixar um negócio obsoleto. Aqueles que se

agarram ao que é confortável e familiar, recusando-se a inovar, podem ver seus concorrentes mais ágeis e inovadores ultrapassá-los, relegando seu empreendimento ao esquecimento.

Outro aspecto crucial é a escolha inadequada de parceiros e colaboradores. Um time mal alinhado, sem coesão e sem um propósito comum, pode ser um peso insustentável. Conflitos internos, falta de comprometimento e ausência de uma visão compartilhada podem minar a energia e o potencial de um projeto, transformando o que poderia ser uma força motriz em uma barreira para o sucesso. Fatores externos também têm seu papel. Crises econômicas, mudanças regulatórias, desastres naturais ou pandemias podem surgir inesperadamente, afetando profundamente as operações e a viabilidade de um negócio. Tais eventos, muitas vezes fora do controle do empreendedor, podem transformar promissoras iniciativas em histórias de luta contra forças incontroláveis.

Assim, quando uma iniciativa empreendedora falha, as justificativas são múltiplas e complexas. Cada falha carrega consigo uma teia de circunstâncias e decisões, um mosaico de esforços e infortúnios. No entanto, em cada história de fracasso reside também a semente do aprendizado, a oportunidade de refletir, reavaliar e, quem sabe, recomeçar com maior sabedoria e resiliência.

### ***RAZÕES PARA UM MAÇOM SE AFASTAR OU SE TORNAR ADORMECIDO***

Desistir de frequentar a maçonaria, após ter adentrado em seus mistérios e rituais, é uma decisão repleta de complexidade e introspecção. As justificativas que levam um maçom a afastar-se da ordem podem ser diversas, cada uma delas tecendo uma narrativa de desencanto, reflexão e mudança de caminho. Uma das razões mais frequentemente citadas é a desilusão com os ideais praticados. Muitos ingressam na maçonaria atraídos pela promessa de fraternidade, ética elevada e busca pelo conhecimento. No entanto, ao longo do tempo, alguns podem perceber uma discrepância entre os princípios ensinados e as ações observadas. A percepção de hipocrisia ou falta de autenticidade entre os membros pode gerar um profundo desencanto, levando o maçom a questionar seu lugar dentro da ordem.

Outro motivo significativo é a sobrecarga de responsabilidades pessoais e profissionais. A vida moderna é um caleidoscópio de demandas, e conciliar as obrigações maçônicas com o trabalho, a família e outros compromissos pode se tornar uma tarefa hercúlea. Quando o equilíbrio se perde, a maçonaria, com seus rituais e reuniões, pode começar a parecer um fardo adicional, empurrando o maçom a se afastar para preservar sua paz de espírito.

A falta de afinidade com os membros da loja também pode ser um fator determinante. A maçonaria é construída sobre a fraternidade e a camaradagem, mas nem sempre há uma conexão genuína entre todos os irmãos. Diferenças de personalidade, valores ou perspectivas podem criar um ambiente desconfortável, onde o maçom não se sente plenamente aceito ou compreendido, levando-o a buscar um sentido de pertencimento em outros lugares. Mudanças na visão pessoal e nas crenças também desempenham um papel crucial. À medida que a vida avança, as pessoas evoluem e suas percepções mudam. Um maçom pode descobrir que as filosofias e ensinamentos da maçonaria já não ressoam com sua própria jornada espiritual ou intelectual. Essa evolução interna pode levá-lo a procurar novos caminhos que estejam mais alinhados com suas convicções e aspirações atuais.

Além disso, conflitos internos e disputas políticas dentro da loja podem se tornar insuportáveis. A maçonaria, como qualquer organização, não está imune a intrigas e rivalidades. Quando os interesses pessoais começam a sobrepujar os ideais coletivos, o ambiente se deteriora, transformando-se em um campo de batalhas veladas que minam o espírito de união e propósito. Nessas circunstâncias, afastar-se pode parecer a única forma de preservar a integridade e a paz interna. A sensação de estagnação pode levar um maçom a desistir. A maçonaria promete crescimento e iluminação, mas se o caminho percorrido parece não oferecer mais desafios ou descobertas, a motivação pode se esvaír. A ausência de progresso e a repetição dos mesmos rituais sem novas percepções podem gerar uma sensação de vazio, empurrando o maçom a buscar novos horizontes.

Assim, as justificativas para um maçom desistir de frequentar a ordem são múltiplas e profundamente pessoais. Cada razão conta uma história de expectativas não atendidas, de prioridades realinhadas, de frustrações e de busca incessante por significado e propósito. Apesar do afastamento, o tempo passado na maçonaria permanece como um capítulo significativo de suas vidas, carregando lições e memórias que continuam a moldar seu caminho futuro.

## ***A TEORIA DO CICLO DE VIDA PARA O EMPREENDEDOR E PARA O MAÇOM***

É possível fazer uma analogia entre o ciclo de vida do empreendedor e o ciclo de vida do maçom, considerando os estágios que ambos atravessam em suas respectivas jornadas. No estágio de iniciação, o empreendedor identifica uma oportunidade de negócio e lança o empreendimento, enquanto o maçom é iniciado na ordem e introduzido aos seus princípios e valores. No estágio

de aprendizado e desenvolvimento, o empreendedor continua aprendendo sobre o mercado, os clientes e os processos de negócio, enquanto o maçom estuda os ensinamentos maçônicos e desenvolve habilidades rituais e simbólicas. No estágio de crescimento e expansão, o negócio do empreendedor cresce e se expande, enquanto o maçom se engaja ativamente na ordem, participando de rituais e contribuindo para a comunidade maçônica. No estágio de estabilização e consolidação, o negócio do empreendedor alcança estabilidade e eficiência, enquanto o maçom reflete sobre os ensinamentos maçônicos e aplica os princípios na vida cotidiana. Finalmente, no estágio de legado e renovação, o empreendedor busca deixar um legado duradouro e compartilha conhecimento com outros empreendedores, enquanto o maçom mentora novos membros e preserva as tradições maçônicas.

O estágio de declínio no ciclo de vida do empreendedor é marcado por uma série de desafios que podem comprometer a sustentabilidade e o crescimento do negócio. A redução nas vendas e na receita, a diminuição dos lucros, os problemas financeiros, a desmotivação da equipe e a perda de talentos são impactos significativos dessa fase. Para mitigar esses impactos, os empreendedores podem adotar estratégias como reestruturação organizacional, diversificação de produtos e serviços, inovação e busca de novos mercados.

De maneira análoga, o estágio de declínio na jornada maçônica representa um período de desengajamento, falta de motivação ou afastamento das atividades maçônicas. O maçom pode sentir-se desmotivado, desconectado das atividades da loja e perder o senso de propósito. A diminuição das contribuições financeiras ou de tempo e o isolamento social são consequências comuns dessa fase. Para evitar ou reverter o declínio, a loja maçônica pode implementar estratégias de reengajamento, como programas de mentoria, novos projetos e atividades, renovação dos ensinamentos e rituais, e promoção de um ambiente acolhedor e inclusivo.



Figura 1 – Representação do Ciclo de Vida

Comparando os ciclos de vida do empreendedor e do maçom, observa-se que, apesar das diferenças contextuais, há paralelos significativos na fase de declínio de ambos. A desmotivação e o desengajamento são características comuns, afetando tanto empreendedores quanto maçons. Em ambos os casos, o declínio impacta a comunidade: no caso do empreendedor, funcionários, clientes e parceiros são afetados, enquanto na maçonaria, o afastamento de um maçom pode impactar a coesão e a vitalidade da loja. A necessidade de inovação e renovação é crucial para mitigar o declínio em ambos os contextos, assim como a importância

de um suporte sólido. Empreendedores podem se beneficiar de conselhos e investimentos, enquanto maçons podem se reengajar através do suporte fraternal e da camaradagem.

### ***LIÇÕES DE SUPERAÇÃO EMPRESARIAL PARA O RESGATE DE MAÇONS ADORMECIDOS***

A trajetória de empreendedores que superaram fases de declínio oferece valiosas lições aplicáveis ao resgate de maçons adormecidos ou afastados. Ao observar os métodos e estratégias utilizadas por esses empreendedores, podemos identificar abordagens eficazes para reengajar e revitalizar maçons que se distanciaram da ordem.

Empreendedores bem-sucedidos em superar declínios frequentemente reavaliam seus objetivos e renovam sua visão de negócios. Da mesma forma, maçons afastados podem ser incentivados a refletir sobre os valores e propósitos que inicialmente os atraíram para a Maçonaria. Reforçar a importância dos princípios maçônicos e como eles se aplicam às suas vidas pode ajudar a reavivar seu interesse e comprometimento.

Uma comunicação clara e aberta é essencial para reconquistar a confiança de membros afastados. Empreendedores que enfrentaram declínios geralmente melhoram suas práticas de comunicação interna para manter a equipe informada e engajada. As lojas maçônicas podem adotar práticas similares, promovendo diálogos francos sobre os desafios enfrentados e as estratégias para revitalizar a fraternidade. No mundo dos negócios, a inovação e a adaptação às novas circunstâncias são cruciais para superar períodos de dificuldade. Para atrair maçons afastados, as lojas podem introduzir novos projetos, rituais atualizados ou eventos que reflitam as mudanças na sociedade e nas necessidades dos membros. Inovar nas atividades maçônicas pode despertar o interesse e trazer um senso de novidade e relevância.

Empreendedores resilientes frequentemente investem em seu próprio desenvolvimento e no de sua equipe para superar desafios. Similarmente, as lojas maçônicas podem oferecer oportunidades de aprendizado contínuo e desenvolvimento pessoal. Programas de mentoria, workshops e cursos podem ajudar os maçons a crescerem pessoal e profissionalmente, incentivando seu retorno e participação ativa. Um ambiente de trabalho positivo e acolhedor é fundamental para reter talentos em uma empresa. As lojas maçônicas podem se beneficiar ao criar um ambiente fraterno e inclusivo, onde todos se sintam

valorizados e apoiados. Promover a camaradagem e a fraternidade pode fortalecer os laços entre os membros e encorajar maçons afastados a retornarem.

No mundo empresarial, o reconhecimento do esforço e das conquistas da equipe é essencial para manter a motivação. De forma semelhante, reconhecer e valorizar as contribuições passadas dos maçons afastados pode incentivá-los a se reengajar. Pequenos gestos de apreciação e celebração de realizações podem fazer uma grande diferença na motivação dos membros. Empreendedores muitas vezes se beneficiam de redes de suporte e colaboração com outros profissionais. As lojas maçônicas podem reforçar suas redes internas, incentivando a colaboração e o apoio mútuo entre os membros. Programas de apoio, grupos de discussão e oportunidades de networking podem ajudar a criar um senso de comunidade e suporte.

Ao aplicar essas lições do mundo empresarial, as lojas maçônicas podem desenvolver estratégias eficazes para reengajar maçons adormecidos ou afastados. Adaptando abordagens de sucesso na superação de desafios, é possível revitalizar a fraternidade, fortalecendo os laços entre os membros e promovendo um ambiente de crescimento e desenvolvimento contínuo. Para evitar ou reverter o declínio, a loja maçônica pode implementar estratégias de reengajamento, como programas de mentoria, novos projetos e atividades, renovação dos ensinamentos e rituais, além da promoção de um ambiente acolhedor e inclusivo.

## ***CONCLUSÕES***

À medida que o ciclo da vida de um maçom se aproxima de sua fase final, não é incomum encontrar-se em um ponto de reflexão e potencial estagnação. Essa etapa, semelhante à fase de declínio no ciclo de vida do empreendedor, pode parecer o fim de uma jornada repleta de desafios e conquistas. No entanto, é precisamente neste momento de aparente estagnação que surge a oportunidade para uma renovação significativa. A fase final, longe de ser um epílogo definitivo, é uma interseção onde a experiência acumulada e os ensinamentos vividos podem ser revitalizados. Para o maçom, assim como para o empreendedor em declínio, a capacidade de transformação é fundamental. Assim como empreendedores que enfrentam o declínio reavaliam suas estratégias e encontram novas formas de inovar e crescer, maçons afastados ou adormecidos também têm a chance de rejuvenescer seu compromisso e revitalizar seu engajamento.

O resgate dos maçons adormecidos não é apenas uma questão de reativar uma participação passiva; é uma chamada para a renovação, onde as lições do passado podem se fundir com novas perspectivas. É um convite para renovar a

paixão, reavivar o senso de propósito e redescobrir o valor profundo da fraternidade e do aprendizado contínuo. Assim, o ciclo não termina com um simples declínio, mas se transforma em uma nova possibilidade de crescimento e impacto. A revitalização dos maçons, tal como o renascimento de um empreendimento em declínio, representa uma nova fase de potencial e esperança, onde o legado é não apenas preservado, mas enriquecido e perpetuado.

Portanto, o verdadeiro poder da fase final do ciclo de vida está na capacidade de transformação e renovação. É neste espaço que a experiência se encontra com a oportunidade, e o que parecia um fim pode se revelar o início de uma nova e vibrante jornada. O resgate e a revitalização dos maçons afastados, assim como a recuperação dos empreendedores, é um testemunho de que a resiliência e a inovação são forças contínuas, capazes de trazer novas luzes para caminhos antigos e estabelecidos.

### ***REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS***

Blake, Richard. 1990. *The History of Freemasonry*. New York: Dover Publications.

Christensen, Clayton M. 1997. *The Innovator's Dilemma: When New Technologies Cause Great Firms to Fail*. Boston: Harvard Business School Press.

Collins, Jim. 2001. *Good to Great: Why Some Companies Make the Leap . . . and Others Don't*. New York: HarperBusiness.

Dickie, John. 2020. *The Craft: How the Freemasons Made the Modern World*. New York: PublicAffairs.

Gartner, William B. 1990. "What We Are Doing When We Explain Entrepreneurship." *Journal of Business Venturing* 5 (1): 15–22.

Hall, Manly P. 1928. *The Secret Teachings of All Ages*. San Francisco: Philosophical Research Society.

Higgins, John. 2005. *Freemasonry: A Journey Through Ritual and Symbol*. London: Duncan Baird Publishers.

MacNulty, W. Kirk. 1991. *Freemasonry: A Journey Through Ritual and Symbol*. London: Thames & Hudson.

Mackey, Albert G. 1917. *Mackey's Encyclopedia of Freemasonry*. Chicago: Masonic History Company.

Newton, Joseph Fort. 1914. *The Builders: A Story and Study of Masonry*. New York: George H. Doran Company.

Pike, Albert. 1871. *Morals and Dogma of the Ancient and Accepted Scottish Rite of Freemasonry*. Charleston, SC: Supreme Council of the Thirty Third Degree.

Ries, Eric. 2011. *The Lean Startup: How Today's Entrepreneurs Use Continuous Innovation to Create Radically Successful Businesses*. New York: Crown Business.

Sinek, Simon. 2009. *Start with Why: How Great Leaders Inspire Everyone to Take Action*. New York: Portfolio.

Timmons, Jeffrey A., and Stephen Spinelli. 2018. *New Venture Creation: Entrepreneurship for the 21st Century*. 10th ed. New York: McGraw-Hill Education.

## ***O AMOR E A CARIDADE***

Jacson De Borba<sup>[2]</sup>

ARLS Fraternidade Acadêmica Ciência e Arte Real No 4285,  
GOB - Oriente Joinville

### ***INTRODUÇÃO***

Em um mundo cada vez mais polarizado, onde as diferenças parecem se sobrepôr ao que nos une, a Maçonaria surge como um farol de esperança, convidando-nos a refletir sobre o poder transformador do amor e da caridade. Neste trabalho, mergulharemos nas profundezas desses sentimentos sublimes, explorando como os ritos maçônicos, em especial o Rito Schröder e o Rito Moderno, nos guiam de volta à essência da fraternidade universal.

Com originalidade e sensibilidade, traçaremos um paralelo entre a canção "*Monte Castelo*", da Legião Urbana, e os ensinamentos maçônicos, revelando como a arte e a filosofia se entrelaçam na busca por uma compreensão mais profunda do amor. Através da semiótica das contradições, desbravaremos os mistérios desse sentimento que transcende as palavras e se manifesta na prática da caridade.

Inspirados pela eloquência dos Irmãos Rogélio Lütke e André Horski, que nos provocaram a refletir sobre as diferenças entre os lemas da maçonaria brasileira e anglo-saxã, embarcaremos em uma jornada de autoconhecimento e aprimoramento moral. Veremos como as virtudes teológicas - fé, esperança e caridade - se entrelaçam com os princípios maçônicos, lançando luzes sobre o caminho que nos leva à verdadeira fraternidade.

Ao longo desta peça de arquitetura, teremos como guias os rituais dos Ritos Schröder e Moderno, que nos convidam a lapidar a pedra bruta de nossas imperfeições e a erguer templos à virtude em nossos corações. Através de uma análise criativa e autêntica, desbravaremos a racionalidade por trás da dualidade do amor, que se manifesta tanto na atração dos opostos quanto na superação de nossos instintos mais primitivos.

Com coerência e profundidade, refletiremos sobre o desafio de traduzir o amor fraternal em ações concretas, tanto dentro de nossas oficinas quanto em nossas vidas cotidianas. Questionaremos até que ponto as palavras e gestos ritualísticos têm moldado nosso comportamento e nos tornado verdadeiros agentes de transformação social.

Através das lentes da maçonaria francesa e anglo-saxã, exploraremos como as virtudes cardeais e os valores universais se manifestam em diferentes culturas e tradições maçônicas. Veremos que, apesar das diferenças aparentes, o que nos une é muito maior do que aquilo que nos separa, e que a verdadeira catolicidade da Maçonaria reside justamente na capacidade de enaltecer nossa irmandade.

Ao final desta jornada, seremos convidados a refletir sobre o poder do desapego e da doação, reconhecendo que o amor só se torna real quando é compartilhado e vivenciado na prática da caridade. Afinal, como nos lembra Renato Russo, "sem amor eu nada seria".

Que o Grande Arquiteto do Universo nos guie nessa busca pelo verdadeiro significado do amor e da caridade, e que os ensinamentos maçônicos sejam nossa bússola nesse mundo cada vez mais complexo e desafiador. Convido você, caro leitor, a se despir dos preconceitos e a se abrir para uma nova compreensão da fraternidade, através das lentes da filosofia maçônica.

Prepare-se para uma jornada de autodescoberta e reflexão, onde a arte, a razão e a espiritualidade se entrelaçam na construção de um mundo mais justo, ético e fraterno. Que esta leitura seja um convite para reencontrarmos nossa essência mais profunda e para vivenciarmos, em cada gesto e atitude, o poder transformador do amor e da caridade.

## ***A ARTE DÁ FORMA À FILOSOFIA***

A ideia para essa peça de arquitetura surgiu depois que o Irmão André Horski, Orador da ARLS Fritz Alt, nº 3194, discorreu em Loja e de maneira eloquente, acerca da diferença do lema da maçonaria brasileira, originária da franco-maçonaria e que por sua vez, se apropriou das insígnias

da Revolução Francesa: Liberdade Igualdade e Fraternidade, contrapondo o lema da maçonaria anglo-saxã que é Fé, Esperança e Caridade.

Chama a atenção que esse lema da maçonaria alemã também está definido no Catecismo da Igreja Católica como sendo as Virtudes Teologais, que encontra fulcro na 1ª carta do apóstolo Paulo aos cristãos que viviam em Corinto: "*Agora, pois, permanecem a fé, a esperança e o amor, estes três, mas o maior destes é o amor*" (1º Coríntios 13:13)

A canção Monte Castelo, da Legião Urbana, serve de inspiração a essa provocação sobre o Amor e a Caridade, visto que o autor promove uma verdadeira semiótica do amor, utilizando-se de contradições para definir o mais puro e sublime dos sentimentos humanos.

Segundo entrevista de Renato Russo, autor da canção, a ideia da composição surgiu em 1986, durante uma noite de insônia num quarto de hotel, durante uma turnê, ele estava sozinho e encontrou na gaveta do criado mudo um exemplar do Novo Testamento, oferecido pelos Gideões Internacionais<sup>[3]</sup>.

Ao folhear a 1ª carta aos Coríntios, surgiu a inspiração e passou então a discorrer sobre o amor e suas contradições, reunindo trechos bíblicos com o 11º Soneto do escritor português Luís Vaz de Camões, cujos versos ainda estavam frescos em sua memória, das aulas de literatura do Colégio Pedro II.

É importante frisar que o cantor reinterpreta a passagem bíblica, numa exegese que vai à raiz daquilo que o apóstolo Paulo quis transmitir à comunidade cristã de Corinto, ao escrever: "*Ainda que eu falasse as línguas dos homens e dos anjos, e não tivesse caridade, seria como metal que soa ou como sino que tine.*" (1Cor 13:1)

Renato Russo (1986), percebe que, tanto no contexto bíblico quanto na vida, a caridade é a face prática e tangível do amor, ou seja, o amor sem ação e estéril. Por isso ele transforma o trecho no verso cantado:

*Ainda que eu falasse a língua dos homens, que eu falasse a língua dos anjos, sem amor, eu nada seria.*

## ***O AMOR NA ARTE REAL***

Essa reflexão pretende apresentar o amor enquanto “*pedra fundamental*” do Rito Schröder, como podemos observar nas primeiras palavras dirigidas pelo irmão 1º Vigilante ao neófito, quando o recebe das mãos do Irmão Preparador ao ingressar no templo:

*Neste Templo sagrado, onde não se conhece a desforra, se o ser humano estiver caído, o amor o conduzirá às suas obrigações; assim através de uma mão amiga ele caminhará com alegria e prazer para um mundo melhor.*(Ritual de Aprendiz Schröder, 2009, p.48)

Noutro trecho do mesmo ritual de iniciação, durante a prece que antecede o rito de passagem do neófito à irmão, o Venerável Mestre clama ao Grande Arquiteto do Universo:

*Onipotente Arquiteto do Mundo, admiramos Tua sabedoria e grandeza no universo; admiramo-las, principalmente, no homem que, somente ele, embora imperfeito, sabe reconhecer-Te e adorar-Te. Abençoa o que aqui unidos realizamos! Faz com que este homem se torne um bom maçom! Concede a ele e a todos nós Luz e Força para reconhecemos o Bem, amá-lo cordialmente e praticá-lo com zelo e constância, para que o objetivo da Maçonaria seja atingido, difundindo cada vez mais no mundo a Verdade, a Virtude e o Amor ao próximo!* (Ritual de Aprendiz Schröder, 2009, p.54)

Observa-se aqui que, mesmo com todo o caráter humanista e antropocentrista do iluminismo alemão do século XVIII, e que impregnou o Rito Schröder, é eleita a caridade como fim de toda ação virtuosa do ser humano.

Mesmo sem atribuir a um ser supremo, o Rito Moderno, por ter bebido de todo o racionalismo e agnosticismo do iluminismo francês, reserva na fórmula da Obrigação prestada pelo neófito durante sua iniciação, especial lugar à caridade e ao amor, como se pode verificar:

*Prometo auxiliar os fracos, fazer justiça a todos, e ser dedicado às família e à Pátria e digno para comigo mesmo.*

*Prometo amar a meus irmãos, observar fielmente a Lei Maçônica e nada revelar do que em segredo me foi confiado (Ritual de Aprendiz p.105)*

Retornando à canção Monte Castelo, o compositor busca no Soneto 11 que Camões escreveu no final do século XVI, a racionalidade através da apresentação de antítese, a atração dos opostos. Esse silogismo estético e linguístico obriga-nos a sair apenas do campo do sentimento e adentrar na razão, no intelecto e perceber que se trata de um jogo de dualidades, de ambiguidades:

*Amor é fogo que arde sem se ver, é ferida que dói, e não se sente;  
é um contentamento descontente, é dor que desatina sem doer. É  
querer estar preso por vontade; é servir a quem vence, o  
vencedor; é ter com quem nos mata, lealdade.*

Assim também acontece com o Rito Schroeder e sua didática, que nos desafia diariamente a encontrar na racionalidade a forma mais eficaz de vencer as adversidades e com isso sobrepujar nossos instintos que muitas vezes querem nos controlar. Observe no Catecismo do aprendiz a resposta do 1º Vigilante à pergunta do Venerável Mestre quanto a em que trabalham os aprendizes: “*Na Pedra Bruta, símbolo das imperfeições da razão e do coração*”. (Ritual de Aprendiz, p.84)

Não é diferente no Rito Moderno pois nas Instruções do 1º grau, durante o exame do Aprendiz se pergunta: “*O que se faz em Loja?*” e a resposta é:

*Combate-se a tirania, a ignorância, os preconceitos e os erros;  
glorifica-se o Direito, a Justiça, a Verdade, a Razão. É o que os  
antigos formulários traduzem por essas palavras: elevam-se  
templos à Virtude e cavam-se masmorras ao Vício.*(Ritual de  
Aprendiz p.167)

Faz-se necessária uma pausa para refletir no amor e o quanto se tem traduzido esse amor fraternal em prática, tanto na nossa oficina, mas

principalmente na vida. Com que profundidade as palavras e gestos ritualísticos dos trabalhos em Loja têm moldado o comportamento, gerado hábitos saudáveis e tornando cúbica a pedra bruta e imperfeita de nossas ações como pais, filhos, cônjuges, líderes e liderados.

O poeta e cantor Nando Reis, em sua canção, quem vai dizer tchau, provoca a uma desapego: Tornar o amor real é expulsá-lo de você para que ele possa ser de alguém.

### ***A CATOLICIDADE MAÇÔNICA***

Retornando à inspiração da canção Monte Castelo, encontramos na primeira epístola de Paulo aos cristãos de Corinto um alento para a busca da maçonaria pelo autoconhecimento e a verdade:

*Agora, pois, vemos apenas um reflexo obscuro, como em espelho; mas, então, veremos face a face. Agora conheço em parte; então, conhecerei plenamente, da mesma forma como sou plenamente conhecido. (1ª Coríntios 13:12)*

Observa-se com profundidade nesse trecho do Novo Testamento, o quanto o grego fariseu Saulo de Tarso foi influenciado pela escola filosófica grega, quando comparamos seus escritos ao adágio de Sócrates: “*Conhece-te a ti mesmo e conhecerás o universo e os deuses*”.

Segundo a revista No Esquadro o lema original da maçonaria anglo-saxã seria: “*Fraternidade, Alívio e Verdade*” (Brotherly Love, Relief, Truth), onde a Verdade estaria ligada à Fé, pois Deus é a Verdade; o Alívio seria a demonstração de Caridade; e a Fraternidade representaria a Esperança de um dia todos os homens se tratarem como irmãos

Os mesmos valores, vistos pela lente agnóstica e racional da maçonaria francesa são encontrados nas virtudes cardeais, inicialmente propostas por Platão e depois pelos filósofos Ambrósio de Milão, Agostinho de Hipona e Tomás de Aquino que enumeram: a prudência (razão) , a justiça (dar a quem merece), a fortaleza (força em praticar o bem) e a temperança (moderação).

Observa-se que a catolicidade (universalidade), da maçonaria reside justamente na capacidade de enaltecer o que nos iguala e nos faz irmãos, deixando de lado aquilo que nos diferencia, prova cabal da fraternidade e do amor.

Enfim, como diria Renato Russo: “*Sem amor eu nada seria!*”

### ***REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS***

Bíblia Sagrada. Tradução de Fernando. 3ª ed. São Paulo: Editora NVI, 2023. 1 Coríntios.

Grande Oriente do Brasil. 2009. Ritual de Aprendiz: Rito Schröder. São Paulo: Grande Oriente do Brasil.

Grande Oriente do Brasil. 2009. Ritual de Aprendiz: Rito Moderno. São Paulo: Grande Oriente do Brasil.

Reis, Nando. 2000. "Quem Vai Dizer Tchau?" Letras.mus.br. Acessado em 30 de julho de 2024. <https://www.lettras.mus.br/nando-reis/47566/>.

Russo, Renato. 1989. "Monte Castelo." Letras.mus.br. Acessado em 30 de julho de 2024. <https://www.lettras.mus.br/legiaourbana/22490/>.

# ***A SAGRADA CHAMA DA VIDA: UMA REFLEXÃO MAÇÔNICA SOBRE A INVIOABILIDADE DA EXISTÊNCIA***

Leandro Jones Rodrigues Correa <sup>[4]</sup>

ARLS Fraternidade Acadêmica Ciência E Arte Real No 4284

GOB - Oriente Joinville

## ***INTRODUÇÃO***

A vida, dom supremo concedido pelo Grande Arquiteto do Universo, é o bem mais precioso e inviolável que um ser pode receber. Neste trabalho, mergulharemos em uma reflexão filosófica profunda e original sobre as diversas nuances da inviolabilidade da vida, abordando temas polêmicos que desafiam esse princípio fundamental.

Com criatividade e coerência, percorreremos os caminhos trilhados pela humanidade na valorização da vida, desde a Declaração Universal dos Direitos do Homem até os ensinamentos do Rito Moderno da Maçonaria. Discutiremos o significado e o sentido da existência, buscando compreender por que a vida deve ser preservada acima de tudo.

Através de uma abordagem envolvente e bem fundamentada, exploraremos o valor incalculável de cada ser humano e os complexos fatores que tornam a vida única e sagrada. Refletiremos sobre as posturas filosóficas que buscam definir o propósito da existência e como elas se relacionam com a inviolabilidade da vida.

Questões polêmicas como aborto, eutanásia, pena de morte e suicídio serão analisadas à luz dos princípios maçônicos, instigando o leitor a ampliar sua visão e formular seu próprio pensamento sobre esses temas desafiadores.

Por fim, traremos a perspectiva da Maçonaria sobre a inviolabilidade da vida, explorando como os ensinamentos dos graus simbólicos do Rito Moderno podem nos guiar na valorização das virtudes e na promoção de ações que tornem a vida verdadeiramente inviolável.

Prepare-se para uma jornada reflexiva instigante e transformadora, que certamente enriquecerá sua percepção sobre o maior bem que possuímos: a vida.

## ***A VIDA UM DIREITO FUNDAMENTAL***

Em várias sociedades apoiadas em seus direitos constitucionais e no caso específico de nosso País, Brasil, a vida é vista como um direito fundamental. Está

peça não tem pretensão de análise ou abordagem sobre o ponto de vista jurídico. Em nossa constituição encontramos no artigo quinto uma transcrição que diz:

*Art. 5º Todos são iguais perante a lei, sem distinção de qualquer natureza, garantindo-se aos brasileiros e aos estrangeiros residentes no País a inviolabilidade do direito à vida, à liberdade, à igualdade, à segurança e à propriedade, nos termos seguintes. (CONSTITUIÇÃO FEDERAL,1988.)*

Todavia, antes de iniciarmos essa temática sobre a inviolabilidade da vida, se faz necessário dar uma resposta a seguinte indagação: o que significa a Vida?

Para Dias (2010) o significado da vida não deve ser limitado ao ciclo existencial humano, que inicia e termina com a morte. Para ele, a vida deve ser compreendida em sua complexidade e, principalmente, em sua qualidade, intensidade e dignidade, e não apenas restrita a um mero fenômeno biológico.

A vida se constitui em um campo vasto de riqueza e significados, sendo um privilégio o qual distingue os seres humanos e segundo a corrente dos juristas um direito natural que independe da vontade do Estado, porém no curso da história e da própria humanidade verificam-se diversas violações à vida humana.

Os campos de concentração foram construções do período da Alemanha Nazista responsáveis por ceifar diversas vidas humanas. O holocausto nazista a partir da segunda grande guerra mundial repercutiu para o nascimento dos documentos internacionais que iniciaram o reconhecimento da necessidade do direito de proteção à vida.

Em 1948 a Assembleia Geral das Nações Unidas (ONU) editou a Declaração Universal dos Direitos do Homem, reconhecendo a vida como um direito inerente a todos os homens sem discriminações.

Neste sentido, em resposta às atrocidades nazistas, “muitas constituições ocidentais passaram a adotar em seus textos constitucionais, princípios de elevada carga axiológica, com destaque para o valor da dignidade humana”. (PIOVESAN, 2006, p. 408).

Importante destacar que um dos primeiros códigos de leis escrito de que se tem notícias, foi o Código de Hamurabi, gravado em uma Stela de basalto negro por volta do século XVIII a.C, que hoje se encontra no museu do Louvre, em Paris. O Código defendia a vida e o direito de propriedade, e contemplava a honra, a dignidade, a família e a supremacia das leis em relação aos governantes.

Em dezembro de 1948 a partir de princípios religiosos cristãos com os ideais da Revolução Francesa, origina-se a Declaração Universal dos Direitos do Homem, sendo adotada pela ONU em sua resolução n.217 a qual o Brasil aderiu.

A nossa Constituição Federal brasileira se espelhou na Declaração Universal dos Direitos Humanos da ONU. A Constituição Federal de 1988, trouxe o que se chama de Direitos e Garantias Fundamentais, válidos para todos os povos e em todos os tempos. Destaca-se para essa abordagem dois capítulos das cinco subdivisões:

Direitos individuais e coletivos: são os direitos ligados ao conceito de pessoa humana e à sua personalidade, tais como à vida, à igualdade, à dignidade, à segurança, à honra, à liberdade e à propriedade. Estão previstos no artigo 5º e seus incisos;

**Direitos sociais:** Esses direitos são referentes à educação, saúde, trabalho, previdência social, lazer, segurança, proteção à maternidade e à infância e assistência aos desamparados. Sua finalidade é a melhoria das condições de vida dos menos favorecidos, concretizando assim, a igualdade social. Estão elencados a partir do artigo 6º.

Para muitos constitucionalistas, o direito à vida pertence à Primeira Geração dos Direitos.

**Fundamentais.** Neste caso, “são os direitos individuais e os políticos, nos quais se incluem a vida, a liberdade, a igualdade, a propriedade, a segurança, a liberdade de consciência e de expressão”. (LOPES, 2001, p. 63).

A inviolabilidade do direito à vida, descrito no artigo 5º não deve ser compreendido como dever de viver imposto pelo Estado, mas sim, em uma proteção à vida humana, contra as ações eventuais ou aleatórias do poder público e das agressões da pessoa humana a este bem.

Para Dias (2010) o objetivo desse preceito constitucional é impedir que a vida da pessoa seja ceifada, arbitrariamente. Porém, isso não significa que seja permitido ao indivíduo escolher seus caminhos, no que diz respeito à própria vida e à própria morte.

Importante ainda entender que o direito fundamental a vida está alicerçado em um princípio de sacralidade da vida e não deve ser entendido sob o princípio da santidade da vida no aspecto religioso.

A ideia de santidade da vida- princípio dogmático e religioso, que teve início com a humanização do divino, representada pela personificação do Divino (Jesus) a um corpo humano - deve ser suplantada pela noção de sacralidade da vida, um princípio laico, pelo qual se reconhece o valor moral da existência humana sem que possa, portanto, ser confundido com a intocabilidade da vida. (LIMA, 2010, p. 71).

A partir desta visão o direito à vida toma significado nos princípios coletivos do que o autor denomina como sacralidade da vida, ou seja, aquilo que é sagrado para a vivência, para a autonomia que deve resguardar a vida humana como bem, mantendo se distante do poder estatal da apropriação indevida sobre a região do espaço ou ambiente subjetivo do ser humano. Contribui defendendo essa tese, que o caput do artigo 5º da Constituição brasileira “*refere-se não apenas e objetivamente ao estado de ser vivo, mas a um modo qualificado de exercer os predicativos da existência, o que vale dizer, de acordo com os padrões de dignidade existencial*”. (CASTRO, 2007, p. 283). Nesse sentido, o direito à vida retrata o direito de viver uma vida, em conformidade com os valores jurídico sociais do que deva ser uma existência, com dignidade.

Talvez essa seja um grande questionamento para todo ser humano. Qual é o sentido da vida e o como ter uma existência digna sem violar o direito maior a vida?

### ***O SIGNIFICADO E O SENTIDO DA VIDA***

Buscar um significado e razão para nossa existência muitas vezes ao longo de nossas vidas está ligado a um desejo íntimo de busca de melhores formas de viver, bem como de maneiras de nos tornarmos realizados. Mas, por que existimos?

É claro que esta questão pode nos levar a outras, tais como para onde caminhamos e de onde viemos? Ou ainda, somos felizes? Ou existimos porque Deus quer?

Estas e outros questionamentos mexem com a natureza humana nos trazendo inquietude e ao mesmo tempo busca por entendimento e respostas, mas então como poderemos obter uma resposta concreta ao sentido da vida?

Se pode iniciar esta investigação e reflexão entendendo que o conceito etimológico da palavra sentido está ligada a conceitos como objetivo, propósito ou direção e rumo. Face a estas definições podemos nos apropriar da situação cotidiana das sinalizações de trânsito e os seus sentidos no contexto das

organizações e atividades humanas em suas regras de trânsito e normatizações, uma vez que cada um dos tipos de placas ou sinalizações denotam alguma informação ou procedimento a ser seguido.

Caso tenhamos uma placa com E cortado sabemos que há uma proibição de estacionamento, se a placa possuí uma buzina com uma tarja na diagonal há uma restrição proibindo uso da buzina naquela área. Estes exemplos nos permitem melhor compreender os conceitos de sentido e significado, ou seja, “*Quando sabemos o que significam os elementos de um símbolo, entendemos o significado desse símbolo (ao ver uma buzina cortada, entendemos que é proibido buzinar; e assim por diante*”. (FILHO, 2016, p.74).

Este mesmo autor nos deixa claro que somos capazes de entender algo maior do que o próprio símbolo – o seu sentido (razão, seu porquê).

Portanto o significado é o conteúdo da identidade de algo, Filho (2016) faz uma analogia simples para que este conceito seja assimilado de forma mais fácil: ao ver um animal de quatro patas que late, abana o rabo entendemos seu significado, pois pertence a uma espécie de cachorro, portanto não é um cavalo.

Já o Sentido nos possibilita pensar em um conjunto de significados que seria o somatório de várias informações que nos fazem pensar em uma ideia mais ampla, portanto uma buzina com uma barra na diagonal nos leva a pensar em uma área de proibição sonora que pode ser um hospital.

O sentido, então, é mais do que um simples significado; é um conjunto de significados que, correlacionados, permitem produzir ideia. Por isso, o sentido refere-se ao que os seres humanos produzem como explicação de suas ações, pensamentos, emoções, sentimentos. Ao considerar a existência, entendemos que ela é a experiência de estarmos no “mundo” e de estabelecermos relações com tudo e todos. Esse é o significado da existência. (FILHO, 2016, p.74).

Ao observarmos que o ser humano distingue emoções como ódio, paixão, animais, uma pessoa de uma árvore, enfim produzimos entendimento das coisas, situações, ou seja, o conjunto de tudo isto pode nos dar uma percepção da existência, mas não poderá ser analisado apenas por esta ótica. Podemos então conforme Filho (2016) enxergar que este conjunto de tudo que existe e pensar que um motivo talvez os tenha feito existir e os mantem na existência, portanto ao perguntar o motivo ou a razão disso ou daquilo significa perguntar pelo sentido da existência.

## ***ORIGEM E FINALIDADE UMA ABORDAGEM PARA FALAR DO SENTIDO***

Muitas produções cinematográficas iniciam seu roteiro mostrando o final do filme em suas cenas iniciais. É uma forma de contar a história a partir do final. Ao abordarmos o sentido da existência necessita-se também abordar de onde vem algo, sua procedência ou começo, portanto estamos falando da origem. Ao buscar para onde algo vai e aquilo que ele almeja alcançar estamos tratando da finalidade.



Figura 1 - Sentido e Finalidade.

Podemos partir do ponto em que a existência é nossa estrada no mundo cercado por nossas relações e com tudo que nos cerca e o que há em nossas vidas, porém qual nossa vivência ou experiência para falar de nossa origem? Temos explicações diversas vindas do campo da religião e ciência, umas mais aceitáveis outras mais justificáveis, umas com mais evidências, mas que possuem sombras sobre aspecto racional, desta forma não se torna fácil uma abordagem da origem por isso a filosofia quando trata a interpretação da origem da existência, identifica um grande risco de repetir crenças não justificadas tanto no campo religioso quanto científico (FILHO,2016).

Esta dificuldade de dar um significado mais palpável a pergunta sobre o sentido da vida ou existência, também foi sentida pelo filósofo britânico Bertrand Russel (1872 – 1970) que era ateu, para ele responder que horas são em Pequim fazia sentido, mas que horas são no Sol não, pois só usamos fuso horário na terra.

Portanto, *“Seguindo esse raciocínio, faz sentido perguntar sobre o significado de um símbolo matemático ou de um sinal de trânsito, mas, quando perguntamos o que significa a vida humana, as respostas são sempre confusas e incoerentes porque, segundo esses filósofos, a própria pergunta não faz sentido.”* (VASCONCELOS,2016, p.42).

Nos resta uma alternativa que é olhar o sentido da existência como finalidade, ou seja, para onde vamos e o que buscamos alcançar. Todavia, alguns pensadores entendem que é possível entender a finalidade da existência, outros dizem são ser possível, pois não se conhece a existência e outras ainda defendem que a existência não tem qualquer finalidade.

Mas porque estamos discutindo o sentido da vida? Simples, para dizer que ela é única, intransferível, inalienável, pertence a você, portanto podemos também afirmar que é inviolável. Somente você pode ser quem você é e representa para o meio em que vive fazendo o que faz, interferindo, auxiliando, construindo, executando, se reinventando, tornando se melhor para alguém ou para algo. Se damos sabor a vida e a iluminamos temos um valor que dá a sociedade em que vivemos um grande sentido para existir:

*Vós sois o sal da terra. Ora, se o sal se tornar insosso, com que salgaremos? Ele não servirá para mais nada, senão para ser jogado fora e ser pisado pelos homens. Vós sois a luz do mundo. Não pode ficar escondida uma cidade construída sobre um monte. Ninguém acende uma lâmpada e a coloca debaixo de uma vasilha, mas sim num candeeiro, onde brilha para todos que estão na casa. Assim também*

*brilhe a vossa luz diante dos homens, para que vejam as vossas boas obras e louvem o vosso Pai que está nos céus”.* (BÍBLIA SAGRADA NOVO ESTAMENTO EVANGELHO Mateus 5 ,13-16).

Fazemos aqui uma pequena digressão ou ligação desta reflexão ao sentido iniciático ou da vivência dos membros pertencentes a Maçonaria, pois cumpre também trazer para a reflexão temática o sentido também da existência do próprio Maçom e sua Ordem, porém para não nos alongarmos é importante destacar que o texto extraído do Evangelho de Mateus carrega consigo a missão e uma indicação de direção e sentido para a vida humana demonstrando que realmente há um valor intrínseco em cada um , pois consiste em dar significado a vida não somente individual o que é amplamente apoiado pela Ordem dos Pedreiros Livres.

Tal pensamento não o é diferente na Ordem e Oficinas Maçônicas, por tratar seus membros como construtores sociais que carregam em si inicialmente a missão de preparar-se, lapidar-se a fim de que suas ações façam sentido não somente em suas vidas, mas principalmente onde estão inseridos, pois a luz que ilumina o templo deve irradiar todo o universo e esse é uma espécie de envio de cada obreiro ao final de suas reuniões, pois ao encerrá-la começa sua missão prática no mundo profano.

Um maçom que busca sentido e dar sentido a vida em sua mais variada possibilidade dentro de sua sociedade poderá entender que assim como o sal dá sabor e impede a putrefação de muitos alimentos estas qualidades e efeitos da ação fecunda maçônica são requisitos que se procura desenvolver ou até mesmo captar para o seio das lojas nos casos de busca de novos membros.

Ao cumprir esta missão entende-se que a maçonaria cumpre o seu sentido existencial frente aos desafios humanos dando sabor a vida, tornando-a mais bela, mais agradável e amena pois diariamente o mundo possui violações a vida.

### ***O SENTIDO DA EXISTÊNCIA A PARTIR DAS POSTURAS FILOSÓFICAS***

São três posturas filosóficas que definem uma linha de debate para reflexão sobre o sentido da vida ou existência entendidas como finalidade.

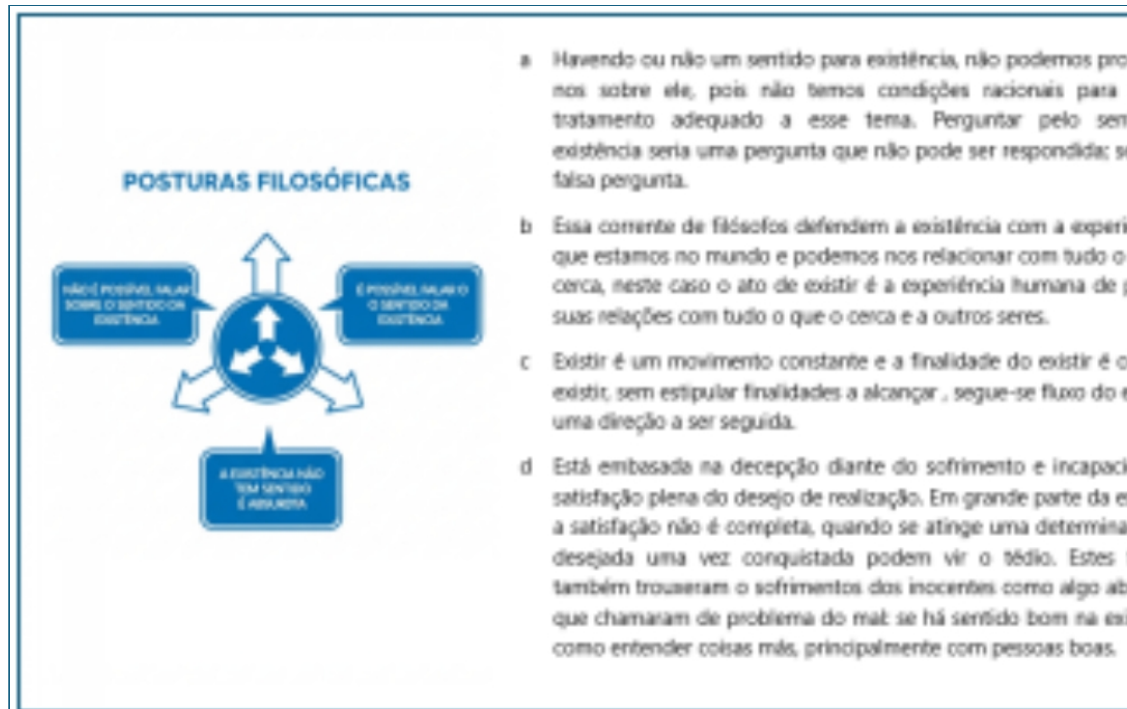


Figura 2 – Posturas Filosóficas sobre o sentido da Existência

Quando a abordagem passa pela postura filosófica de que não é possível falar sobre o Sentido da existência, a construção deste pensamento conduz a reflexão que não se pode ter uma resposta concreta, sendo este questionamento falso, pois havendo ou não um sentido para existência, não podemos pronunciar-nos sobre ele, pois não temos condições racionais para dar um tratamento adequado a esse tema.

Uma outra forma é entender que é possível falar sobre o sentido da existência a partir do ato de existir como uma experiência humana de relação com tudo o que nos cerca e a outros seres, ou seja, a experiência humana de estarmos no mundo. “Mais do que “uma” coisa a ser conhecida em sua totalidade, a existência é sentida ou experimentada como ato, o ato de existir, quer dizer, de se perceber em relação aos outros seres”. (FILHO, 2016, p.77).

Jean Grondim, filósofo canadense defendia o sentido da existência como finalidade, onde a própria existência tem por si só uma finalidade, ou até mesmo direção, em sua análise o ato de existir é o que revela sua própria finalidade ou o seu sentido (FILHO,2016).

Todavia, quando partirmos do pensamento que a existência não tem sentido é absurda, a decepção diante do sofrimento e da incapacidade de satisfazer

plenamente o desejo de realização é a base desta atitude e pensamento.

Recusar que a vida humana faça qualquer sentido, “*Trata-se, sim, de reconhecer que a vida humana não passa de absurdo, que ela não tem sentido algum a ser descoberto ou mesmo a ser inventado*”. (VASCONCELOS,2016, p. 44). Por este pensamento os indivíduos vivem em direção ao nada, que é a morte, e que, portanto, nada faz sentido, esse pensamento filosófico é a base do niilismo, corrente filosófica que defende a crença que o ser humano vive na direção do nada. (VASCONCELOS, 2016).

Alguns pensadores se concentram no sofrimento dos inocentes, neste aspecto o escritor Albert Camus também se soma a estes pensadores ao observar a falta de explicação objetiva para o sofrimento e para a felicidade, onde sua revolta tem por base o desejo de que a vida fosse melhor.

Segundo Camus, cada um de nós, com suas atividades, é como Sísifo, quando nos tornamos conscientes de que nossa vida é sem sentido, nos vêm os sentimentos de revolta e de desprezo que nos tornam verdadeiramente humanos.

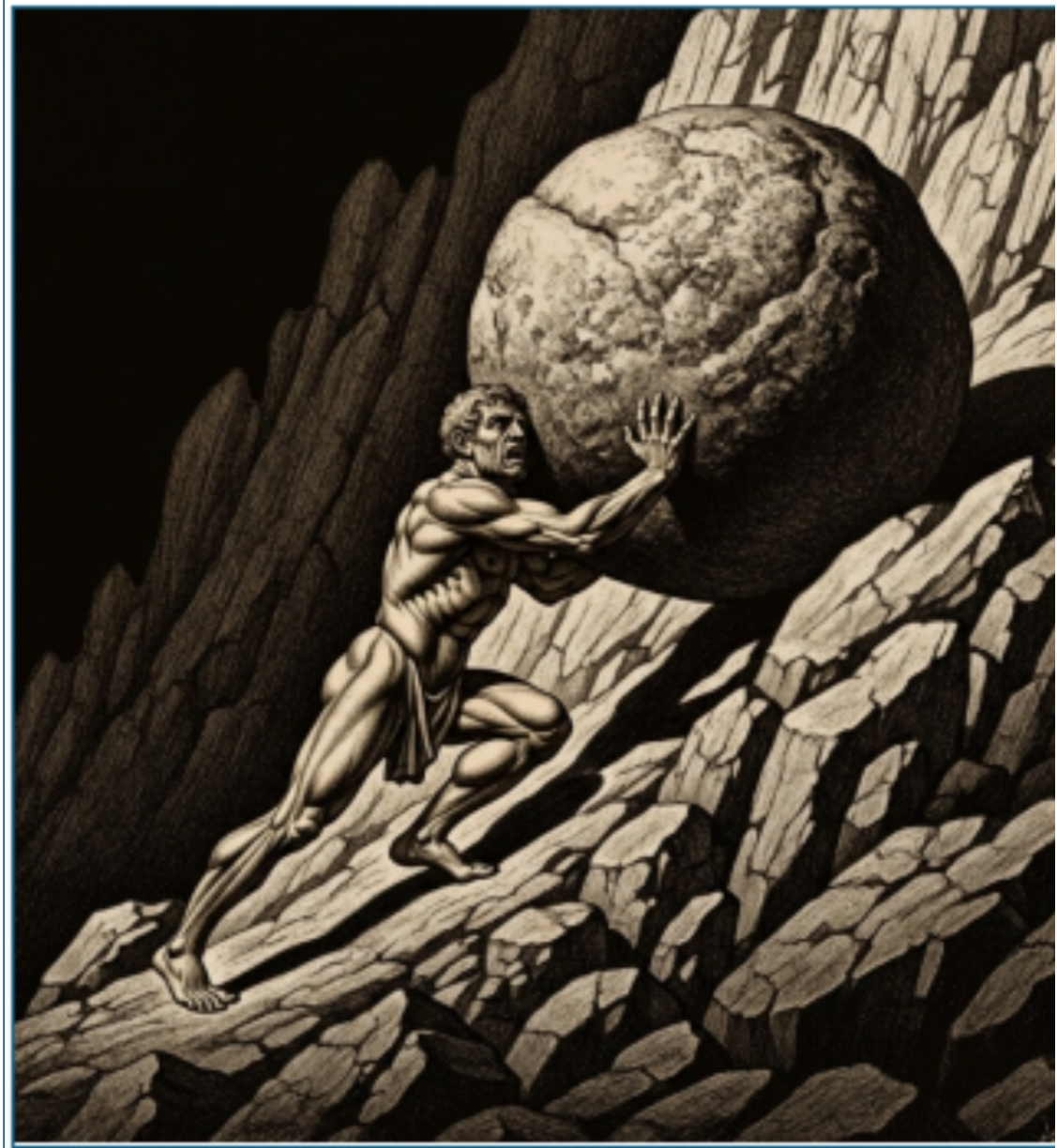


Figura 3 – Mito de Sísifo

Já para o filósofo judeu-alemão Hans Jonas que convida as pessoas assumirem os absurdos da vida e transformá-lo em ocasião para se tornarem melhores: *“Deus, ao criar o “mundo”, deu tudo o que podia dar; agora ele suporta em silêncio as consequências de ter criado o “mundo”, principalmente os resultados da liberdade humana”*. (FILHO,2016, p.85).

Neste caso o absurdo tem um lado bom que é mostrar que em vez de esperar a intervenção de um ser transcendente (milagres, graças) cabe aos serem

humanos desenvolver a responsabilidade por sim mesmos e pelo mundo.

### ***O ENIGMA DO SENTIDO DA VIDA***

Para os egípcios a esfinge representava o símbolo de enigmas e que, em suas crenças e mitologias, poderiam devorar o ser humano ou torná-lo livre.

A vida pode ser contextualizada nesta mesma reflexão, pois “*O enigma sobre o sentido da vida permanece em aberto, chegando a contemporaneidade*”. (VASCONCELOS, 2016, p.35). O mistério da vida é uma questão obscura, muitas vezes ambíguas para que se possa interpretar ou adivinhar, portanto responder ao enigma da vida há dimensões do conhecimento humano e científico que por mais sofisticadas que sejam não dão suporte as teorias explicativas ou aos conceitos pré-estabelecidas pela sociedade para alcançar explicações ao enigma do sentido da vida.

Para o psiquiatra Vitor Emil Frank, “*O sentido da vida é dar sentido à vida*”. Quando Jesus fala “*Eu sou o caminho a verdade e a Vida*”, ele filosoficamente aponta um caminho para dar sentido à vida vivida pelos seus adeptos.

A doutrina hedonista (hedoné – prazer) cujo objetivo maior da vida humana é a busca do que dá prazer evitando o que causa dor, prega uma vida que leva a não pensar na morte e sim a vida vivida no presente, no agora. Colher o dia, ou Carpe diem em latim, esta frase usada no poema de Horácio sintetiza bem este pensamento de usufruir a vida em tudo o que ela tem de bom e enquanto ela durar, sendo maior proposito da vida humana.

Mas porque então refletir sobre o sentido da vida diante da abordagem da vida sem violação ou integra.

Uma vida integra nos leva a pensar no inteiro, no todo em uma existência calcada no significado pleno e único que é cada um e cada uma. Portanto a vida em sociedade está cercada por uma dinâmica a qual muitas vezes ameaça direitos inalienáveis ligado a cada ser humano ou por muitas vezes simplesmente aos riscos que corrompem e violam a vida.

Em uma cultura de vida não há como buscar o sentido dela a partir também de questões polêmicas da sociedade moderna como o aborto, eutanásia, pena de morte, ortotanásia, distanásia, pesquisas com células tronco entre outros temas que nos questionam sobre a inviolabilidade da vida.

## ***O VALOR DA VIDA***

Transgredir a existência de um ser humano e dar fim a sua vida como ato último que leva a morte, podemos então abreviar a vida? Subtrair a vida de alguém seja por questões violentas, aplicação de leis de execução denominadas de Pena de Morte, assistir por meio de procedimento técnico o desejo de alguém de abreviar sua existência são perspectivas que se configuram como possíveis situações que cercam a vida.

Em vários países a pena de morte ainda é praticada, os líderes em execução são: China, Irã, Arábia Saudita, Vietnã e Iraque. Até mesmo o Brasil já praticou a pena de morte, a execução era prevista em diversos crimes e para maioria das infrações, a última aplicação da pena de morte aconteceu em 1876, abolida em 1889 com a Proclamação da República. Mais só em 1988 com a Constituição Federal (artigo 5º, inciso XLVII) a pena de morte é abolida para todos os crimes não militares. Geralmente não há pena de morte no Brasil. A exceção, em caso de guerra declarada do país a outro (artigo 84, inciso XIX). No final de 2018, 106 países aboliram a pena de morte na lei para todos os crimes, e 142 países na lei ou na prática.

Mesmo com a abolição da pena de morte, isso não significa que estamos livres que o ocorra o contrário, como por exemplo, em legítima defesa a pessoa não pode ser responsabilizada pela morte que causou, previsto na legislação penal.

Com o passar dos anos a pena de morte vem sendo cada vez menos praticada, os números de execuções vêm caindo a cada ano, esperamos que essa punição cruel e desumana acabe e que o direito à vida seja preservado.

Questões como estas ampliam nosso estudo sobre a violação da vida ou sua inviolabilidade. Requer, portanto, se abordar temas polêmicos os quais passaremos a discutir neste estudo.

## ***INTERRUPÇÃO DA GESTAÇÃO, O ABORTO***

Aborto, do latim “ab-ortus”, é o nome dado para a interrupção da gestação, sendo ele de forma espontânea ou provocada.

Para caracterizar o aborto tem que haver a interrupção da gestação ou da vida, aqui começa a discussão, com a indagação, quando inicia a vida? para medicina uma pessoa passa a existir a partir do momento que possui a formação do córtex cerebral, o que lhe confere a capacidade do pensamento e do raciocínio, que ocorre após 90 dias de gestação. A ciência defende que a vida começa com a fusão do espermatozoide e o óvulo, chamada de fecundação. Outros dizem que o óvulo fecundado não é uma pessoa, não pode evoluir sozinho, logo, não sobreviria fora do útero da mãe. E, a mais comum é a do nascimento, que determina que somente existe vida a partir do nascimento, com vida.

O aborto pode acontecer de forma natural ou espontâneo, é quando a mãe não utiliza nenhum método para realizar o aborto, normalmente 1 a cada 3 abortos são espontâneos, muitas vezes as mulheres nem sabiam que estavam grávidas. O aborto pode ser considerado acidental, pode ocorrer por algum acidente que venha causar o aborto; o aborto criminal é quando a mãe de forma forçada interrompe a gestação, vale lembrar que o direito penal não admite o aborto forçado, e caso ocorra, os responsáveis serão punidos de acordo com os crimes contra a pessoa humana, incluindo crimes contra a vida (artigos 124 a 128). O aborto legal é permitido em três situações, em situações de gravidez resultante de violência sexual, anencefalia do feto e quando a gestação oferece risco à vida da mulher. Conforme o art. 128 do Código Penal a legislação brasileira não penaliza o médico que decidir interromper a gravidez caso não tenha alternativa para salvar a vida da gestante, ou que o feto tenha sido concebido por ato de estupro e a gestante aceite o procedimento de interrupção da gestação.

Na visão da igreja, *“o aborto provocado é a morte deliberada e direta, independente da forma como venha a ser realizado, de um ser humano na fase inicial de sua existência, que vai da concepção ao nascimento.”* (MORAIS, 2008, p.50).

Há diversas opiniões entre que apoiam e entre os que não apoiam o aborto, os argumentos são fortes e convincentes dos dois lados, como um exemplo para discussão: Uma mulher que foi brutalmente abusada sexualmente teria o direito de escolher se continua ou não com a gestação desse ser concebido por um ato inconcebível, teriam os pais o direito de interromper uma gestação porque o médico diagnosticou que o feto está com uma má formação, teria a mãe direito de abortar o feto por uma gravidez não planejada?

Após refletir sobre o assunto, certamente os leitores terão diversas opiniões sobre os casos citados, essa é a intenção, refletir sobre essas questões que nos rodeiam.

Esses são apenas alguns exemplos de muitos que acontecem na vida real. O que se refere a discussão de quando se inicia a vida, a ciência pode de forma técnica e fundamentalista explicar, já o aborto, quem pode decidir se o feto segue a gestação natural, é justo uma outra pessoa escolher se uma outra que não tem a opção e condição de se defender. Independente do fato, esse ser foi escolhido para receber o bem mais precioso, a vida, por tanto, afirmar as condições e situações de ceifar a vida de alguém é mais complexo do que se pensa.

### ***BOA MORTE OU SIMPLEMENTE EUTANÁSIA***

Existem inúmeras divisões e subdivisões do tema, abordaremos de uma forma geral apenas os pontos que classificamos como as principais no momento.

A eutanásia é um assunto discutido em todas as esferas e classes da sociedade, principalmente por se tratar de um ato em que se autoriza a antecipação da morte. O termo eutanásia foi criado por volta do séc. XVII pelo filósofo inglês Francis Bacon, em uma de suas obras no qual indicava esse procedimento para doenças incuráveis. Formada por duas palavras gregas, EU, que significa bem ou boa, e THANASIA, equivalente a morte, assim “*eutanásia*” tem o significado de boa morte. Para Santoro (2010), há basicamente duas formas de prática da eutanásia: a ativa e a passiva (ou indireta).

Eutanásia Ativa, é o ato em que o próprio paciente negocia com o médico a intenção e o efeito da ação de antecipar a morte para que não tenha mais que lidar com o sofrimento. A eutanásia ativa ainda é subdividida como direta e indireta, a direta busca o encurtamento da vida do enfermo por intermédios de prática positiva induzindo a morte. A indireta não se procura a morte do enfermo e sim amenizar a dor ou sofrimento, com cuidados médicos ou medicações, como efeito secundário causando redução do tempo de vida ocasionando a morte.



Figura 4 - Desligar os aparelhos mantém a vida artificialmente - Forma de eutanásia passiva

A ortotanásia, também chamada de eutanásia passiva, não tem o objetivo de antecipar o fim da vida, mas sim, não mais prolongar artificialmente o processo natural. De acordo com VillasBôas (2005), a palavra ortotanásia vem do grego orthos, que significa correto, reto, e thanatos, que significa morte.

Por se tratar da vida o ato gera diversas controvérsias sobre a legalidade do procedimento, em 2006 o Conselho Federal de Medicina emite uma resolução:

*Art. 1º É permitido ao médico limitar ou suspender procedimentos e tratamentos que prolonguem a vida do doente em fase terminal, de enfermidade grave e incurável, respeitada a vontade da pessoa ou de seu representante legal.*

*§ 1º O médico tem a obrigação de esclarecer ao doente ou a seu representante legal as modalidades terapêuticas adequadas para cada situação.*

*§ 2º A decisão referida no caput deve ser fundamentada e registrada no prontuário.*

*§ 3º É assegurado ao doente ou a seu representante legal o direito de solicitar uma segunda opinião médica.*

*Art. 2º O doente continuará a receber todos os cuidados necessários para aliviar os sintomas que levam ao sofrimento, assegurada a assistência integral, o conforto físico, psíquico, social e espiritual, inclusive assegurando-lhe o direito da alta hospitalar. (RESOLUÇÃO, 1.805/2006).*

A resolução possibilitou ao médico limitar, suspender os procedimentos ou tratamentos que prolonguem a vida do doente em fase terminal, esse é o entendimento do ponto de vista médico. Por outro lado, do ponto de vista jurídico o entendimento é diferente, alguns processos tramitam na justiça. Já no Congresso Nacional tramita o Projeto de Lei n.º 6715/09 de reforma da Parte Especial do Código Penal, incluindo, em seu artigo 121, a classificação da ortotanásia como causa de exclusão de ilicitude no homicídio (GUIZZO, 2017).

Para Maria de Fátima Freire de Sá:

*[...] Entende-se que a eutanásia passiva, ou ortotanásia, pode ser traduzida como mero exercício regular da medicina e, por isso mesmo, entendendo o médico que a morte é iminente, o que poderá ser diagnosticada pela própria evolução da doença, ao profissional seria facultado, a pedido do paciente, suspender a medicação utilizada para não mais valer-se de recursos heroicos, que só tem o condão de prolongar sofrimentos (distanásia) [...] (SÁ, 2005, p.134).*

Como já exposto, à inúmeras divisões e subdivisões do tema e com certa complexidade de entendimento, com o passar do tempo outros tipos aparecerão para classificar o ato. Guimarães (2011) faz uma breve diferenciação entre eutanásia ortotanásia:

*[...] a ortotanásia, como alhures indicado, a despeito de comumente ser tida como termo sinônimo da expressão eutanásia passiva, com ela não pode confundir-se, já que enquanto está significa a deliberada suspensão ou omissão de medidas indicadas no caso concreto, antecipando-se a morte, aquela consiste na omissão ou suspensão de medidas cuja indicação, por se mostrarem inúteis na situação, já se mostraram perdidas, não se abreviando o período vital. (GUIMARÃES, 2011, p.130).*

De um lado o direito à vida e de outro, o direito a uma morte digna, sem dor e sofrimento. Temos assegurado no princípio da dignidade da pessoa humana ter uma morte digna, no entanto, a morte digna não se confunde com o direito de morrer, ou seja, não se consolida exatamente como um direito.

O questionamento é: o ciclo natural da vida é nascer, viver e morrer, tem alguém o direito por algum motivo interrompê-lo?

### ***CUIDADO PALIATIVO CONFORTO, ALÍVIO DA DOR AO DOENTE***

Se na eutanásia encontra-se uma maneira de provocar a morte deliberadamente, seja de alguém que deseja morrer motivado por doença terminal ou doença crônica que ao longo de sua existência tornou-se insuportável, diferente disto há o que se chama de cuidados paliativos caracterizado pela assistência médica no sentido de que:

*Quando mantém artificialmente a vida prolongando o sofrimento dos doentes terminais, existem instituições que adotam a medicina paliativa, um tipo de atendimento aos pacientes incuráveis que não apressa nem retarda a morte, mas visa a aliviar a dor, dar o conforto possível ao doente, evitando a terapêutica invasiva. (ARANHA e MARTINS, 2009, p. 101).*

Vivemos uma cultura de formação cristã-judaica em que valoriza a vida e que remete a Deus a autoria da criação e por assim dizer a vida de cada um. Numa cultura em que a superioridade Divina também lhe dá a soberania entre a vida e a morte, questões como o cuidado paliativo também chocam e contrastam com este pensamento. Na medicina paliativa busca-se superar este conceito por meio do entendimento em que pelos critérios de justiça e benevolência, aliados aos conhecimentos científicos seria possível entender e reconhecer o momento em que a passagem deste indivíduo ou a morte propriamente dita venha naturalmente, sem adiá-la inutilmente por meios artificiais.

Mariana Araguaia em seu artigo denominado “*Ortotanásia*”, publicado na revista Brasil Escola, mostra que a prática da ortotanásia traz consigo, os cuidados visando o bem-estar da pessoa passam a ser a prioridade, e não a luta contra algo que, inevitavelmente, não tem como se combater – no caso, a doença e o fim da vida.

Podemos assim ainda pensar em um termo denominado ortotanásia no qual se tem o processo pelo qual se opta por não submeter um paciente terminal a procedimentos invasivos que adiam sua morte, mas, ao mesmo tempo, comprometem sua qualidade de vida. Assim, a ortotanásia foca na adoção de procedimentos paliativos, buscando o controle da dor e de outros e de outros sintomas, e o cuidado dos problemas de ordem psicológica, social e espiritual; atingindo a melhor qualidade de vida possíveis para os pacientes e suas famílias.

Destaca-se que não há unanimidade em aceitar essa orientação por parte dos profissionais da área da saúde e familiares. Há um debate ético, mesmo quando é aceita que envolve médicos, parentes e o próprio doente quando este possui a lucidez. Eis uma questão que choca com o livre arbítrio, violar ou não o desejo humano? Violar ou não a vida e quem a possui por mais dilacerada que esteja e na qual o sofrimento ultrapassa a dignidade de terminar com o “sopro da vida”. Mas cabe sim entender que a palavra misericórdia quer dizer “compaixão” suscitada pela miséria, pela dor alheia, neste aspecto um olhar por essa ótica polemizaria mais ainda a abordagem deste tópico, pois conduzir um ser humano em sua trajetória irreversível de vida, pode ser revestido deste conceito que abriga a compaixão, uso do sentimento.

## ***SUICÍDIO E PENA DE MORTE***

Podemos comparar a vida a uma viagem que tem um ponto de partida e um ponto de chegada, para Cícero filósofo e orador romano, filosofar não é outra coisa senão se preparar para a morte.

Mas como preparar se para este momento em que a viagem chega ao seu ponto final na estação da vida? Ou como entender a dimensão da finitude de nossas existências quando elas não ocorrem em uma escala natural?

Nesta dimensão podemos então ainda perceber que “*há pessoas que só reavaliam sua maneira de viver em situações-limite, como doença grave, sequestro ou uma ameaça qualquer que revele de modo contundente a fragilidade da vida*”. (ARANHA e MARTINS, 2009, p.96).

Ainda quando se fala em vida, podemos aprofundar o pensamento de seu valor sua significância, seu sentido e finalidade, mas o que realmente podemos aqui descrever que a vida humana como a conhecemos está inserida em uma vivência em sociedade, a qual nem sempre é justa e com oportunidades igualitárias para todos.

Se a vida pode ser sinônimo de existência, ela pode ser marcada por diversas formas, ou seja, por sentido, talvez sem finalidade ou simplesmente absurda por sua complexidade. Não há explicações claras muitas vezes para identificarmos que algumas pessoas estarão ou serão marcadas pelo fim de suas existências e da jornada de vida em função do sofrimento e das dificuldades, as quais muitas vezes podem ser caracterizadas da forma social ou econômicas podendo levar a caminhos e escolhas equivocadas que resultam em uma vida sem propósito e de ações que prejudicam uma vida que poderia ser melhor.

Se abordamos o pensamento de valor da vida, poderíamos então pensar quanto vale uma vida humana?

Eis uma questão difícil de mensurar, pois trata-se de uma análise complexa, pois a vida humana em sua dimensão existencial não nos permite chegar a um valor monetário, pois as componentes que envolvem mensurar seu valor não estão ligadas apenas a fatores econômicos, uma vez que as componentes subjetivas ligadas aos aspectos sociais, culturais, princípios e valores.

Portanto esta valoração não possui precificação. Em texto de Donizete Romon denominado O valor da vida. Onde está realmente o valor da vida? Publicado em Brasil Escola, encontramos a profundidade desta resposta:

*O dinheiro pode comprar uma cama maravilhosa, mas não pode comprar um sono tranquilo. Pode comprar as mais finas iguarias, mas não pode comprar o apetite. O dinheiro pode comprar uma casa maravilhosa, mas jamais comprará um verdadeiro lar. O dinheiro pode comprar as mais finas roupas, mas não compra a elegância. O dinheiro pode comprar uma noite de prazer, mas não um grande amor. Pode comprar o remédio, mas não a saúde. Onde está realmente o verdadeiro valor da vida? (DONIZETE ROMON, Texto publicado em Brasil Escola).*

Neste sentido o valor da vida se torna incalculável e a particularidade de cada ser humano o torna único levando a um valor imensurável.

Saint-Exupéry escreveu que “*Apesar da vida humana não ter preço, agimos sempre como se certas coisas superassem o valor da vida humana*”.

Por este ângulo se o valor da vida é incalculável e sem preço nos cabe reflexões mais profundas para problemas da natureza sociológica das civilizações e da humanidade, “*Uma das questões mais intrigantes da humanidade é sermos capazes de tirar a nossa própria vida*”. (CORTELA, 2017, p. 85).

Um dos especialistas na temática foi o francês Émile Durkheim, um sociólogo do século XIX que em sua obra *O Suicídio* aborda esta temática. Para o sociólogo, se o equilíbrio está no apego a si, o suicídio está no desapego à vida ou na crença que nada mais interessa ou importa.

Cabe aqui um destaque! Parece que violar a vida por meio do suicídio dá uma conotação de perda de razões e motivações para viver! Referências importantes para uma vida, tais como família, trabalho, relações pessoais como amizades, casamento, filhos, projetos sociais ou profissionais, entre outros fatores motivacionais para importar se consigo e com os demais não são suficientes e fogem ao equilíbrio para o apego a si e aos outros. Para Cortela (2017) o apego é responsável para nos agarrarmos à vida, à natureza, ao mundo, mas deixa claro sem sentir se proprietário deles e sim usuário, alguém que compartilha e por isso, quer que o outro fique bem e por consequência se sintam bem. Entre outras coisas são motivações para não violarmos e bem precioso da vida e finalizá-la por nossa própria vontade.

Ante a perspectiva de supressão da vida por meios naturais ou morte resultante de uma doença ou um mau funcionamento interno do corpo, não causado diretamente por forças externas, geralmente devido à idade avançada estão associadas ao conceito de morte natural. Mas a morte pode ser objeto de fatores ou forças externas, neste caso podemos trazer para essa discussão a reflexão sobre a Pena de Morte.

Pena de morte ou pena capital é um processo legal pelo qual uma pessoa é morta pelo Estado como punição por um crime cometido. A decisão judicial que condena alguém à morte é denominada sentença de morte, enquanto o processo que leva à morte é denominado execução.



Figura 5 - Sentença de morte

Para punir crimes comuns segundo a revista Super Interessante, existem 8 países que ainda mantêm a pena de morte, mas vários outros lugares – inclusive o Brasil – podem executar prisioneiros em casos especiais.

Importante lembrar que a pena de morte foi instaurada, séculos atrás, para ser lenta, dolorosa, torturante. Crucificação e até esmagamento por elefante fizeram parte do desfile de crueldades cometido em inúmeras sociedades:

Então Pilatos soltou Barrabás, mandou flagelar Jesus, e o entregou para ser crucificado. Em seguida, os soldados de Pilatos levaram Jesus ao palácio do governador, e reuniram toda a tropa em volta de Jesus. Tiraram a roupa dele, e vestiram com manto vermelho; depois teceram uma coroa de espinhos, puseram a coroa em sua cabeça, e uma vara em sua mão direita, (...) cuspiram nele e, pegando a vara, bateram na sua cabeça. Depois de zombarem de Jesus tiraram-lhe o manto vermelho, e o vestiram de novo com as próprias roupas dele; daí o levaram para crucificar. (NOVO TESTAMENTO, BÍBLIA SAGRADA EVANGELHO MATEUS 27, 26-31)

A figura 6 mostra as transformações da Pena de Morte ou Pena Capital ao longo da história.



Figura 6 Evolução da Pena de Morte

A cultura da pena de morte em sua trajetória histórica já na idade média por exemplo significava a retribuição do mal pelo mal e as execuções se transformavam em um espetáculo público. As execuções eram realizadas em

praças públicas com objetivo de ferir a moral do indivíduo e de sua família, os tribunais de Inquisições se espalharam com sentenças para crimes religiosos, bruxarias e crimes de ordem sexual, onde uma das formas de eliminar as vítimas era a fogueira.

Hoje, alguns países ainda repetem os modos de execução operados antigamente. Enquanto nos Estados Unidos houve uma tentativa de “*humanizar*” – se o termo é possível -- a execução ao trocar o enforcamento e a cadeira elétrica pela injeção letal, o modo usado na maioria dos Estados norte-americanos que permitem a pena de morte, os países do Oriente utilizam meios mais violentos e antigos, como fuzilamento, enforcamento, apedrejamento e decapitação.



**Guilhotina**  
*Arábia Saudita*

**Apredejamento**  
*Afeganistão, Irã, Nigéria e Sudão*

**Enforcamento**  
*Afeganistão, Bangladesh, Botsuana, Cingapura, Egito, Irã, Iraque, Malásia, Coreia do Norte, Japão, Síria, Sudão*

Figura 7- Tipos de execuções utilizados por países do Oriente

Os países na ilustração acima utilizam por exemplo a decapitação, enforcamento e apedrejamento como forma de execução principalmente para condenações ligadas a homossexualidade e adultérios.

Ao longo dos séculos, as formas de execução foram mudando, na Europa utilizava-se a decapitação e entre os séculos XVIII e XIX a guilhotina. Para o jurista e teórico italiano Cesare Beccaria a pena de morte seria insuficiente e desnecessária. Para o jurista, se uma série de crimes de pesos diferentes for punida com a pena de morte, não haverá critério e a população não compreenderia a gravidade de um ou outro delito. Além disso, Beccaria acreditava que "a

*perspectiva de um castigo moderado, mas inevitável, causará sempre uma impressão mais forte do que o vago temor de um suplício terrível, em relação ao qual se apresenta alguma esperança de impunidade".* Ou seja, a severidade da pena não inibiria um indivíduo a cometer um delito, mas a certeza da punição sim.

As organizações humanitárias, em especial a Anistia Internacional, seguem na campanha para reverter essa pena nos países em que ela é executada. Porém, trata-se de uma discussão mais difícil quando a sentença é mais aplicada para punir a quebra de valores morais, religiosos e culturais do que por crimes reais. Pois a questão passa a ser transformar toda uma cultura e crença, e não apenas a legislação criminal.

### ***A VIDA HUMANA É INVOLÁVEL?***

Por mais que se possa reconhecer como um direito fundamental, a vida está cercada por diversas circunstâncias que a qualquer momento podem ameaçá-la ou suprimi-la.

Lutar a favor da vida sempre deve estar entre as principais ações de uma sociedade composta por pessoas, grupos sociais organizados, Estados, Governos e instituições como forma de trabalho ou ideal para o bem-estar do cidadão e defesa dos direitos do homem e de uma sociedade igualitária e fraterna.

Mesmo que por sonho, perspectiva, ideário ou utopia seria a vida gerando mais vida, uma perspectiva que deveria nortear nossas relações. Para VASCONCELOS (2016) se pudéssemos adotar essa abordagem diante da própria vida, poderia tornar-se um caminho para construção da felicidade não apenas individual, mas daquela que se espalha e que atinge os outros transformando-se em uma busca de ideal coletivo. Atingir os outros com a construção da felicidade é buscar promover bons encontros o que não nos coloca imunes de estar exposto aos maus momentos que possam vir, portanto são situações inevitáveis. *“Mas, com eles, é necessário ter paciência, dar-se o direito de entristecer, mas também de fazer escolhas. Escolhas pautadas pela valorização da vida”.* (VASCONCELOS, 2016, p. 328).

Pode haver tristeza, quando há assassinatos, abortos, execuções que suprimem vidas ou vícios que as tiram ao longo do caminho da existência arrastando individualmente as pessoas ou muitas vezes todos de uma relação familiar ou fraterna para um caminho de turbulência e que possibilitam dar-se o direito de entristecer-se diante da violação da vida.

Para se responder a essa questão sobre a inviolabilidade da vida, onde não há uma resposta cartesiana sem considerar a complexidade da vida e das relações sociais, pois a própria vida pressupõe que a morte é uma extensão do cotidiano da vida e das complexas situações culturais e sociais que as sociedades estão expostas. Vida e morte duas faces de uma mesma moeda, uma realidade que se inicia na fecundação em um pulsar de um coração em uma gestação e um apagar que pode ser natural ou inatural.

Mas então como podemos chegar a uma resposta que tenha a visão de uma instituição centenária como a Maçonaria a respeito da inviolabilidade da vida?

Uma das questões para aqueles que adentram na Ordem Maçônica está em sua visão sobre a inviolabilidade da vida. “*A vida humana é inviolável?*”. (RITUAL, 1º GRAU APRENDIZ MAÇOM, 2009, p.101).

O ingresso na Ordem pressupõe ao candidato denominado de profano responder esse questionamento em um de seus interrogatórios que tem por seu maior objetivo melhor definir a formação do candidato.

Este interrogatório está ligado a uma liturgia de passagem, ao qual a maçonaria utiliza um ritual e neste caso específico na iniciação em uma sessão ou reunião especial, por tratar-se do acolhimento de um novo membro.

Portanto quando a maçonaria em seu processo de iniciação traz consigo um conjunto de mais de 25 questionamentos em formato de interrogatório, não somente busca sondar o pensamento e a formação do profano, mas busca a partir de suas respostas abrir um caminho para o ideário e doutrina maçônica que vira a partir de sua jornada na Oficina.

Ao questionar “*O que pensais da pena de morte?*”. (RITUAL, 1º RITUAL, 1º GRAU APRENDIZ MAÇOM, 2009, p.101), a Loja do Rito Moderno busca então ouvir uma resposta em que não haverá a mais certa ou errada, mas a resposta mais adequada e alinhada dentro da concepção maçônica sobre o que ela traz sobre a pena de morte.

*Se por acaso o candidato responder que é a favor da mesma uma posição natural entre os profanos, o Orador, em sua saudação, devera, se outro Irmão não o fizer, lembrá-lo que a Maçonaria combate, terminantemente, força e à violência para a consecução de quaisquer objetivos, mesmo que por parte do Estado.* (RITUAL, 1º GRAU APRENDIZ MAÇOM, 2009, p.93)

Quando a maçonaria traz a luz uma indagação para seus iniciados sobre a sua opinião a respeito do planejamento familiar e sobre o aborto, além de prescrutar o pensamento da formação do iniciado quer lhe trazer ainda por meio de uma de suas viagens uma reflexão mais forte que é o tumulto das paixões, o choque dos diversos interesses, as dificuldades das empresas e os obstáculos que se multiplicam sobre os seus passos empenhados em desgosta-lo, mas isso tudo faz parte do emblema da vida humana e da defesa da família.

Em uma visão mais holística do ser humano e da humanidade imersa em seus ensinamentos filosóficos e simbólicos, a maçonaria prefere o todo ou um sistema completo e não a separação das respectivas partes componentes, pois ao entender a inviolabilidade da vida o maçom é levado a entender que “*se é oprimido pela injustiça, se é vítima de um acidente, se fica na indigência ou enfermo, ele necessita de socorro e auxílio*”. (RITUAL, 1º GRAU APRENDIZ MAÇOM, 2009, p. 102). Este princípio, esta visão ritualisticamente está ligada a última viagem que justamente encerra o que chamamos de fase madura, todavia enriquecida pela simbologia filosófica do Rito Moderno, esta fase madura para o Rito Francês ou Moderno também caracteriza o Amigo, pois para assegurar e guardar a vida humana não se pode fazer esta jornada sozinho, desacompanhado, pois os percalços da vida são situações que podem atrapalhar o seu desenvolvimento a sua chegada a plenitude:

*Um amigo fiel é uma poderosa proteção: quem o achou, descobriu um tesouro, nada é comparável a um amigo fiel, o ouro e a prata não merecem ser postos em paralelo com a sinceridade de sua fé. Um amigo fiel é remédio de vida e imortalidade; quem teme ao Senhor, achará esse amigo.* (ANTIGO TESTAMENTO, BIBLÍA SAGRADA, ECLESIASTICO 6, 14-17).

A proteção pressupõe ter um abrigo um resguardo ou uma dedicação pessoal para alguma coisa ou alguém que dela precise, portanto, um auxílio ou amparo. A vida maçônica deve levar a esse princípio e os que dela fazem parte abastecer-se destes ensinamentos para torná-los homens úteis e bons cidadãos. Neste contexto encontra-se espaços amplos para valorização de virtudes e valores que possam abarcar a promoção da vida humana em seus mais variados aspectos dentre eles a solidariedade humana. É a partir daí que encontramos obras sociais maçônicas ou até mesmo atos isolados que justificam a fidelidade de seus adeptos a optarem pela vida e por ações e projetos que concorram para torná-la inviolável.

## **CONCLUSÕES**

O desenvolvimento deste estudo possibilitou o entendimento da vida como um direito fundamental, fato que em nossa abordagem contou com tópicos que consumaram esta perspectiva para refletir sobre a inviolabilidade da vida. Corroborou para esta constatação as fundamentações teóricas que demonstram que a vida e a existência humana podem ser entendidas através de sua complexidade aliadas a qualidade, suas manifestações carregadas de energia e força que as circunstâncias a cercam, além do que não é possível esquecer que ela é carregada de dignidade não se perdendo ao simples olhar da magia biológica de existir.

O caminho percorrido através deste tema, nos permitiu constatar que a transgressão da vida não deve ser um ato aceito pela sociedade e pelos indivíduos que a constituem, portanto, a vida certamente é o bem mais precioso que um ser pode receber, pois ela é inalienável, única, complexa e por assim dizer decisivamente é inviolável.

Dada a importância do assunto, a estruturação deste estudo levou ao desenvolvimento de uma abordagem ultrapassando os caminhos que a humanidade percorreu para valorizar a vida instituindo códigos, postulados, normas e constituições em busca de garantir direitos e deveres, sendo que no aspecto dos direitos muitos chegaram em nossa contemporaneidade, tais como: direito a educação, saúde, trabalho, proteção à infância, além daqueles ligados ao direito a propriedade, dignidade entre outros que podem ser encontrados em nossa constituição.

Portanto, um dos resultados encontrados nesta pesquisa está ligada a desmistificação do entendimento de sacralidade da vida, uma vez que esta não está ligada ao conceito religioso e sim pelo qual se reconhece o valor moral da existência humana sem que possa, portanto, ser confundido com a intocabilidade da vida, mas os requisitos baseados em princípios coletivos, ou seja, aquilo que deva ser sagrado para a vivência e básicos para o seu desenvolvimento humano.

Outro resultado está no fato de que o estudo nos permitiu prescrutar elementos filosóficos que abordaram o significado e sentido da vida de forma que o sentido da existência de cada um pudesse levar ao melhor entendimento sobre as posturas filosóficas que discutem esta temática, a qual impacta no conceito da inviolabilidade da vida levando também ao que se pode descrever e refletir sobre o enigma da vida.

Dada à importância do assunto, tornou-se necessário tratar-se de assuntos que sustentassem o desenvolvimento de forma ordenada do pensamento sobre o valor da vida para além da importância do seu sentido, e de sua existência. Desta

forma se fez necessário trazer a luz desta discussão reflexiva assuntos que colocam em xeque a inviolabilidade da vida. Para este propósito abordar a interrupção da gestação, eutanásia, cuidado paliativo e alívio da dor de pessoas em estado de doença foram caminhos percorridos pelo estudo que culminou com os tópicos relacionados ao suicídio, pena de morte e um questionamento para entender-se como maçonaria responde esta questão: a vida Humana é Inviolável?

Dada à riqueza do tema e sua relevância, verificou-se que ele carecia de uma imersão inicial em tópicos que pudessem abrir o cenário reflexivo transformando este estudo em uma primeira parte. Considerando esta metodologia para uma sequência de estudos nessa área, se faz necessário ampliar o espectro deste tema para tópicos que possam trazer ao conceito da inviolabilidade da vida temas que perpassem por peças de arquitetura de formas individuais ou até mesmo em uma segunda parte com temas como: Ciência , Religião e a Maçonaria diante da Inviolabilidade da Vida, bioética e Pesquisas com células tronco, direito a vida na sociedade Moderna e o desafio do maçom pela não violação dos direitos essenciais – Direitos a vida, cuidados Paliativos uma Passagem Digna para Oriente Eterno – Qualidade de Morte e Viver Bem para Morrer Bem.

Fica claro ao final deste que o estudo proposto neste tema cumpriu seu objetivo precípua, levar a reflexão por meio de um referencial teórico um tema vasto, trazer a luz por meio da escola maçônica seu pensamento e ensinamentos para o valor da vida. Além disso, diminui proporcionar ao meio maçônico mais uma bibliografia que possa fundamentar os estudos dos maçons e ampliar o acervo bibliográfica deste conceito a partir da visão do Rito Moderno.

### ***REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS***

Amaral, Ariel Carneiro. 2020. "Pena de morte." Jusbrasil. Acessado em 4 de fevereiro de 2020. <http://carneiro.jusbrasil.com.br/artigos/111686526/pe-na-de-morte>.

Anistia Internacional. 2021. "Pena de morte e execuções em 2014." Acessado em 19 de agosto de 2021. <https://anistia.org.br/noticias/pena-de-morte-em-2018-fatos-e-numeros/>.

Aranha, Maria Lucia de Arruda, e Maria Helena Pirez Martins. 2009. *Filosofando: Introdução à Filosofia*. 4ª ed. São Paulo: Moderna.

Araguaia, Mariana. 2021. "Ortotanásia." Brasil Escola. Acessado em 3 de maio de 2021. <https://brasilecola.uol.com.br/sociologia/ortotanasiahtm>.

- Bíblia Sagrada. Tradução da CNBB. 8ª ed. São Paulo: Editora Canção Nova, n.d.
- Brasil. 1990. Constituição da República Federativa do Brasil: promulgada em 5 de outubro de 1988. 4ª ed. São Paulo: Saraiva.
- Castro, Carlos Roberto Siqueira. 2007. "A Constituição e o direito ao corpo humano." In *Nos limites da vida: aborto, clonagem humana e eutanásia sob a perspectiva dos Direitos Humanos*, organizado por Daniel Sarmento e Flávia Piovesan, [páginas não especificadas]. Rio de Janeiro: Lumen Juris.
- Cortella, Mario Sergio. 2017. *Viver em paz para morrer em paz: se você não existisse, que falta faria?* 1ª ed. São Paulo: Planeta.
- Dias, Roberto. 2010. "Disponibilidade do direito à vida e eutanásia: uma interpretação conforme a Constituição." *Revista da Faculdade de Direito de São Bernardo do Campo* 16: 182–206.
- Filho, Juvenal Saviani. 2016. *Filosofia e filosofias: existência e sentidos*. 1ª ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora.
- GOB. 2009. *Ritual do 1º Grau: Aprendiz-Maçom do Rito Moderno*. São Paulo: Editora GOB.
- Guimarães, Marcello Ovidio Lopes. 2011. *Eutanásia: Novas Considerações Penais*. Leme: J.H. Mizuno.
- Guizzo, Retieli. 2017. "A eutanásia no ordenamento jurídico brasileiro." Trabalho de Conclusão de Curso, Centro Universitário Univates. Acessado em 22 de fevereiro de 2021. <https://www.univates.br/bdu/bitstream/10737/1745/1/2017RetieliGuizzo.pdf>.
- Horta, Márcio Palis. 2021. "Eutanásia – problemas éticos da morte e do morrer." *Revista Bioética*. Acessado em 20 de agosto de 2021. <http://revistabioetica.cfm.org.br/index.php/revistabioetica/article/view/290/429>.
- Lima, Paloma Mello de Sousa. 2010. "Aspectos éticos e legais da aplicabilidade da ortotanásia." *Revista Jus Societas* 3 (4): 58–77.
- Lopes, Ana Maria D'Ávila. 2001. *Os direitos fundamentais como limite ao poder de legislar*. Porto Alegre: Sérgio Antônio Fabris Editor.
- Martins, Andréia. 2021. "Pena de morte: Em vigor em mais de 50 países, medida não reduziu criminalidade." UOL Educação. Acessado em 20 de agosto de 2021.

<https://vestibular.uol.com.br/resumodas-disciplina/atualidades/pena-de-morte-em-vigorem-mais-de-50-paises-medida-nao-reduziu-criminalidade.htm>.

Morais, Lorena Ribeiro de. 2008. "A legislação sobre o aborto e seu impacto na saúde da mulher." *Senatus* 6 (1): 50–58.

Piovesan, Flávia. 2006. "Tratados internacionais de proteção dos direitos humanos e a reforma do Poder Judiciário." In *Direitos fundamentais: estudos ao professor Ricardo Lobo Torres*, organizado por Daniel Sarmiento e Flávio Galdino, 405–429. Rio de Janeiro: Renovar.

Ramon, Donizete. 2021. "O valor da vida. Onde está realmente o valor da vida?" *Brasil Escola*. Acessado em 24 de junho de 2021. <https://meuartigo.brasilecola.uol.com.br/filosofia/ovalor-vida.htm>.

Sá, Maria de Fátima Freire de. 2005. *Direito de morrer: eutanásia, suicídio assistido*. 2ª ed. Belo Horizonte: Ed. Del Rey.

Santoro, Luciano de Freitas. 2010. *Morte Digna: O Direito do Paciente Terminal*. Curitiba: Juruá.

Vasconcelos, José Antônio. 2016. *Reflexões: filosofia e cotidiano: filosofia: ensino médio*, volume único. 1ª ed. São Paulo: Edições SM.

Villas-Bôas, Maria Elisa. 2005. *Da Eutanásia ao prolongamento Artificial. Aspectos Polêmicos na Disciplina Jurídico-penal do Final de Vida*. Rio de Janeiro: Editora Forense.

Wagner, Bruna. 2021. "Pena de morte: A hora de afrouxar mitos e cordas." *Superinteressante*. Acessado em 27 de junho de 2021. <https://super.abril.com.br/pena-de-morte/>.

# ***IGNORÂNCIA: A ORIGEM DE TODOS OS VÍCIOS***

Lincoln Paulo Fernandes<sup>[5]</sup>

ARBLS Lealdade Ação E Vigilância, Nº 39

GOSC - Oriente de São José

## ***INTRODUÇÃO***

Há alguns meses, em um dos encontros da Loja de Perfeição do Rito Escocês Antigo e Aceito (REAA), um nobre e valoroso irmão declarou com convicção que "*a mãe de todos os vícios*" seria a "*vaidade*". A assertiva me surpreendeu, pois não seria a ignorância a origem de todos os vícios? Essa divergência me instigou a explorar mais profundamente o assunto na literatura maçônica e profana, a fim de compreendê-lo melhor e tentar responder a uma pergunta que para alguns pode parecer um tanto óbvia, mas que em tempos de confusão e desinformação generalizadas, simplesmente afirmar o óbvio torna-se um ato de inteligência e integridade<sup>[6]</sup>.

Como educador universitário e membro da Maçonaria, percebi a importância de refletir sobre a complexidade dos vícios humanos antes de me aventurar a formular uma resposta. Optei por não contestar imediatamente o referido Irmão, escolhendo o silêncio como companheiro inicial para evitar parecer influenciado pela vaidade, ironicamente, o próprio vício em questão. Esse período de contemplação foi crucial para desenvolver uma compreensão mais aprofundada.

Este estudo é o fruto desse processo. Aqui, exploro não apenas a vaidade e sua relação com a ignorância, mas também com outros vícios, buscando entender suas origens e impactos no comportamento humano. Meu objetivo é oferecer uma visão clara e objetiva, sustentada por uma análise concisa na esperança de proporcionar uma compreensão mais aprofundada da temática aqui discutida.

***“LEVANTAM-SE TEMPLOS À VIRTUDE E CAVAM-SE MASMORRAS AO VICIO”***

No ritual de iniciação do REAA, o acrônimo VITRIOL – *Visita Interiora Terrae Rectificando Invenies Occultum Lapidem* – que traduzido literalmente significa, “*visite o interior da terra e, retificando, encontrará a pedra oculta*”, desempenha um papel simbólico de extrema relevância (vide Figura 1). O significado desse acrônimo é uma metáfora alquímica que aconselha o iniciado a explorar o seu interior, ou seja, a fazer uma introspecção profunda em busca do desenvolvimento espiritual e moral do indivíduo.



Figura 1: Figura alquímica anagramática representando o VITRIOL  
Fonte: Stolzius von Stolzenburg, Theatrum Chymicum, 1614.

O processo de "*visitar o interior da terra*" e de "*retificar*" simboliza o esforço contínuo para superar os vícios internos e cultivar virtudes. Isso está alinhado com a ideia de construir Templos para a virtude – elevando-se através do desenvolvimento pessoal e moral, enquanto simultaneamente "*cavando masmorras aos vícios*", ou seja, restringindo e controlando as

tendências negativas que podem impedir o crescimento pessoal e a realização espiritual.

A compreensão de que a jornada maçônica é uma contínua elevação através da virtude e um constante combate aos vícios nos leva a uma exploração mais profunda dos próprios vícios que buscamos erradicar. Essa reflexão não apenas ressoa com o princípio do VITRIOL, encorajando-nos a olhar para dentro e retificar, mas também ilumina o caminho para identificar e compreender as várias manifestações de comportamentos viciosos. Ao delinear claramente os vícios, podemos melhor equipar-nos com as ferramentas necessárias para sua superação, permitindo uma transformação pessoal alinhada com os elevados ideais de moralidade e ética que a Maçonaria sustenta. Portanto, aprofundar-se na discussão sobre os vícios específicos que desafiam os maçons é essencial para o crescimento pessoal e a integridade que a ordem promove.

### ***COMPREENDENDO E COMBATENDO OS VÍCIOS***

Tanto na literatura maçônica quanto na profana, os vícios são interpretados como padrões de comportamento negativos que atormentam a humanidade desde os primórdios da civilização até os dias atuais (Aristóteles, 350 a.C.; Freud, 1905/1997; Rahula, 1974, Kabat-Zinn, 1994). Esses padrões, que variam desde a ira descontrolada no trânsito até os sussurros insidiosos da inveja nos círculos acadêmicos, perturbam nossos relacionamentos, obstruem nosso progresso e, em última instância, causam um sofrimento cuja origem muitas vezes é difícil de discernir.

Os vícios são frequentemente discutidos em contextos filosóficos, religiosos e psicológicos, onde diversos autores e pensadores abordaram o conceito de vícios como padrões enraizados de comportamento negativo.

Aristóteles, por exemplo, já apontava que os vícios surgem de práticas excessivas ou deficientes que desviam o ser humano de uma vida virtuosa (Aristóteles, 350 a.C.). No Budismo, a ignorância das verdades fundamentais é vista como a principal origem do sofrimento humano (Rahula, 1974). Essa visão é corroborada por São Tomás de Aquino, que enfatiza como os vícios corrompem a razão humana e a desviam da ordem

natural e do bem supremo (Aquino, 1265 -1274). Na psicologia moderna, Sigmund Freud também reconhece como os mecanismos de defesa e conflitos inconscientes podem resultar em comportamentos autodestrutivos, que são manifestações de vícios psicológicos (Freud, 1923). Essas noções são complementadas por Jon Kabat-Zinn, que mostra como a falta de autoconsciência e a desconexão das próprias emoções e pensamentos podem levar a comportamentos autodestrutivos (Kabat-Zinn, 1994). Juntas, essas perspectivas de diferentes épocas e disciplinas destacam a complexidade dos vícios e a necessidade de uma abordagem multifacetada para entendê-los e combatê-los.

Este entendimento multidisciplinar nos permite ver que, embora os vícios se manifestem de diferentes formas, eles compartilham uma origem comum que transcende contextos culturais e históricos. Reconhecer a ignorância como a origem dos vícios não apenas nos dá uma perspectiva mais clara de suas causas, mas também sugere que o aumento do autoconhecimento e da educação emocional pode ser chave para superar esses padrões destrutivos.

### ***PARA O MAÇOM, “IGNORANCE IS NOT BLISS!”***

No universo das tirinhas de Calvin e Haroldo (Figura 2), há uma memorável cena em que se brinca com a ideia de que a “*ignorância é uma bênção*”. Contudo, essa visão lúdica contrasta diretamente com os princípios maçônicos, onde a ignorância definitivamente não é vista como uma bênção. Este contraste destaca a diferença entre a percepção popular, muitas vezes retratada na cultura e no entretenimento, e os valores da Maçonaria, que enfatizam o conhecimento e o autoaperfeiçoamento como essenciais para o crescimento pessoal e espiritual. Então, por que a ignorância não é uma bênção na Maçonaria?

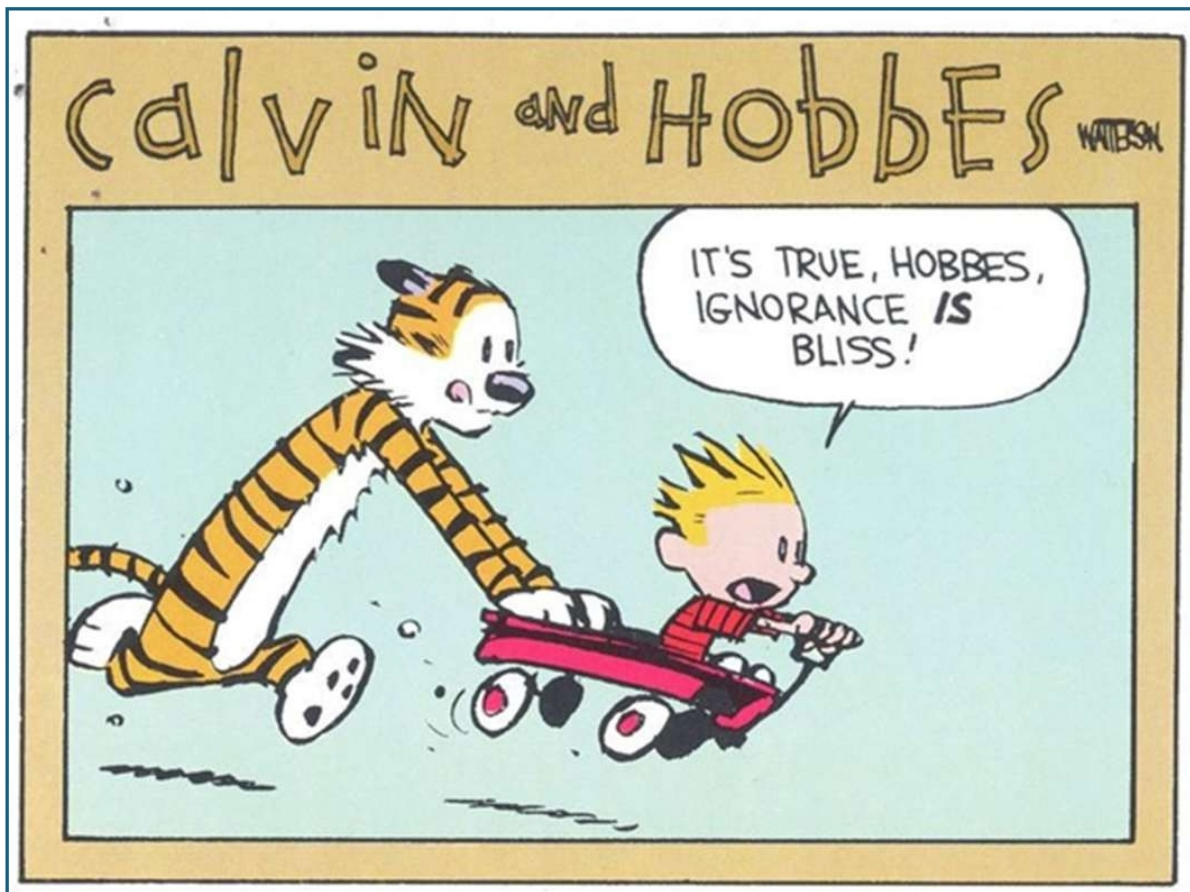


Figura 2: Tirinha Calvin e Haroldo de Bill Watterson Fonte: World Wide Web – WWW

A ignorância não é uma bênção na Maçonaria porque contraria seus princípios fundamentais, que valorizam o conhecimento, o desenvolvimento pessoal, o compromisso com a melhoria social e a busca pela perfeição moral.

### ***VALORIZAÇÃO DO CONHECIMENTO***

A Maçonaria incentiva a busca contínua por conhecimento e verdade. Ignorância, neste contexto, é uma barreira que impede o

entendimento profundo e a aplicação de princípios éticos e morais.

### ***CRESCIMENTO E DESENVOLVIMENTO PESSOAL***

Os maçons veem o aprendizado e a educação contínua como essenciais para o desenvolvimento moral e espiritual. Diferentemente do mundo descompromissado de Calvin e Haroldo, onde a ignorância pode ser fonte de humor e simplicidade, na Maçonaria ela é um obstáculo a ser superado. Compromisso com a melhoria social

A responsabilidade de contribuir positivamente para a sociedade é central na Maçonaria. A ignorância das questões sociais, éticas e morais compromete esse papel, limitando a capacidade de um maçom de agir como um agente de mudança positiva. Busca pela perfeição moral

A filosofia maçônica sustenta que, embora a perfeição seja inalcançável, o esforço para alcançá-la é imperativo, e a ignorância é vista como um impedimento a esse processo.

Tendo estabelecido que a ignorância não é uma bênção na Maçonaria, mas sim um obstáculo a ser superado, é essencial aprofundar nossa compreensão de como esse princípio se aplica especificamente aos vícios. A ignorância em relação aos vícios não apenas impede o desenvolvimento pessoal e espiritual, mas também compromete a capacidade de lidar eficazmente com essas falhas de caráter. Na próxima seção, explora-se a natureza da ignorância em relação aos vícios, focalizando especificamente a falta de conhecimento sobre suas causas, seus efeitos, e as estratégias para sua superação. Esse entendimento é crucial para qualquer maçom que busca aperfeiçoar-se e cultivar uma vida de virtudes em oposição aos vícios.

### ***DESVENDANDO OS VÍCIOS À LUZ DA IGNORÂNCIA***

A ignorância, em sua forma mais destrutiva, muitas vezes se manifesta através de nossos vícios, aqueles padrões de comportamento enraizados que distorcem nossa percepção e ação no mundo. Compreender a ignorância em relação aos vícios é crucial para desvendar não apenas como eles surgem, mas também como perpetuam ciclos de comportamentos

prejudiciais que afetam não só a nós mesmos, mas também aqueles ao nosso redor. Importante enfatizar aqui que a ignorância em relação aos vícios, refere-se à falta de conhecimento sobre:

*a verdadeira natureza de um contexto situacional, ou seja, o entendimento inadequado ou incompleto das circunstâncias e dinâmicas que influenciam determinados comportamentos;*

*si mesmo, abordando a falta de autoconhecimento e a dificuldade em reconhecer e aceitar as próprias limitações e fraquezas. Isso envolve compreender profundamente suas habilidades, valores, impulsos, falhas, traumas emocionais etc., a fim de desenvolver um senso de autoavaliação mais realista e construtivo.*

Como pode-se observar, a ignorância, nesse contexto, refere-se a uma falta de compreensão profunda sobre as complexidades de uma situação ou de si mesmo. Essa deficiência não é apenas uma ausência de fatos, mas também uma falha em captar as nuances emocionais e sociais que definem nossas interações e autopercepção.

A escolha dos vícios abordados a seguir foi realizada com base em minhas percepções pessoais, com o intuito de ilustrar como a ignorância, definida como uma falta de compreensão profunda tanto de si mesmo quanto das complexidades ao redor, pode ser a origem dessas falhas morais. Em cada exemplo, é destacada a relação direta entre a ignorância e a manifestação desses vícios, reforçando a ideia de que o desconhecimento, seja das próprias limitações, das virtudes alheias ou das consequências de suas ações, atua como um catalisador para comportamentos inadequados na vida maçônica.

## ***VAIDADE***

A vaidade se manifesta quando um indivíduo tem uma preocupação excessiva com sua imagem ou status, frequentemente com base em uma compreensão superficial do próprio valor. A ignorância da verdadeira estima pessoal e da contribuição dos outros para seus próprios sucessos

pode alimentar uma obsessão desmedida pela aparência e aprovação externa (Ramachandran & Jalal, 2017).

Exemplo: Um maçom que constantemente busca reconhecimento público e adulação por suas contribuições à loja, seja em termos de tempo, dinheiro ou conhecimento, pode estar cedendo à vaidade. Ele pode exagerar suas realizações, buscando mais aplausos do que o mérito real justifica, ignorando o verdadeiro valor da humildade. Sua ignorância sobre a importância do trabalho desinteressado pelo bem da humanidade e sobre o valor das contribuições coletivas, em vez de individuais, o leva a se desviar dos princípios maçônicos fundamentais.

### ***ARROGÂNCIA***

Este vício surge quando indivíduos têm falta de autoconsciência, levando-os a superestimar suas capacidades e conquistas. A arrogância é essencialmente enraizada na ignorância — ignorância das próprias limitações, dos esforços dos outros e da realidade das circunstâncias que cercam os sucessos de alguém (Ramachandran & Jalal, 2017).

Exemplo: Um maçom que acredita ser superior aos seus irmãos por causa de seu conhecimento ou posição dentro da loja pode indicar arrogância. Esse comportamento é frequentemente alimentado pela ignorância sobre as próprias limitações e sobre o valor das contribuições alheias. Ele se manifesta quando o maçom desconsidera as opiniões dos outros, acredita que suas ideias são sempre as melhores, ou impõe sua vontade sem considerar o consenso do grupo, violando o princípio da igualdade entre irmãos e mostrando falta de compreensão sobre a importância da colaboração e do respeito mútuo.

### ***IRA***

Frequentemente, a ira descontrolada surge de interpretações erradas ou de um entendimento superficial de situações complexas. Um indivíduo que é ignorante sobre as paisagens emocionais mais profundas e motivações dos outros pode reagir desproporcionalmente com raiva quando se sente menosprezado ou injustiçado (Cohen-Charash & Mueller, 2007).

Exemplo: Durante as discussões em loja, um maçom que não controla sua ira pode reagir desproporcionalmente a uma crítica ou desacordo, levantando a voz ou usando palavras ofensivas. Esse comportamento é frequentemente alimentado pela ignorância sobre as motivações e perspectivas dos outros, bem como pela falta de compreensão sobre o impacto de suas reações. Além de quebrar a harmonia da loja, essa atitude vai contra os ensinamentos maçônicos sobre autocontrole e fraternidade, demonstrando uma falha em reconhecer a importância do respeito mútuo e da paciência nas interações.

### ***INVEJA***

Alimentada por uma percepção distorcida das posses, relações ou sucessos de outra pessoa, a inveja prospera na ignorância das próprias forças e dos caminhos únicos que cada um percorre na vida. É um mal-entendido e uma subvalorização das conquistas pessoais e das bênçãos que nutrem essa emoção (Parrott & Smith, 1993).

Exemplo: A inveja pode surgir quando um irmão observa que outro maçom recebeu um cargo ou reconhecimento que ele próprio desejava. Essa inveja é frequentemente alimentada pela ignorância sobre as próprias conquistas e potencial, bem como pela falta de compreensão do valor do sucesso coletivo. Em vez de apoiar e celebrar o sucesso do outro, ele pode começar a espalhar boatos ou a sabotar sutilmente os esforços do irmão, prejudicando a união dentro da loja e comprometendo o espírito de fraternidade que deveria prevalecer entre os membros.

### ***PRECONCEITO***

O preconceito é o resultado de uma compreensão limitada ou distorcida sobre pessoas ou grupos, com base em estereótipos sem fundamentação real. A ignorância das verdadeiras características, histórias e capacidades dos outros pode levar a julgamentos injustos e tratamento discriminatório (Buunk & Dijkstra, 2012).

Exemplo: Um maçom que demonstra preconceito pode rejeitar a admissão de um novo membro com base em suas origens culturais, sociais

ou religiosas, ignorando os princípios da Maçonaria que pregam a tolerância e a aceitação. Esse preconceito é muitas vezes enraizado na ignorância sobre a riqueza e o valor da diversidade humana. Tal comportamento pode criar divisões e minar a universalidade que a Maçonaria busca promover, comprometendo a harmonia e o respeito mútuo que são fundamentais para a fraternidade.

### ***INTOLERÂNCIA***

A intolerância muitas vezes surge da ignorância sobre a diversidade humana e a complexidade das experiências e perspectivas individuais. Esse tipo de ignorância inclui uma compreensão limitada ou distorcida de outras culturas, crenças, práticas sociais e estilos de vida, o que pode levar a julgamentos precipitados e falta de empatia (Buunk & Dijkstra, 2012).

Exemplo: A intolerância pode ser evidenciada quando um maçom recusa ouvir ou considerar pontos de vista diferentes dos seus, seja em debates filosóficos ou discussões sobre as tradições da loja. Esse comportamento geralmente decorre da ignorância sobre a importância da diversidade de opiniões e da riqueza que o aprendizado contínuo traz. Ao agir assim, ele vai contra o espírito de aprendizado contínuo e diálogo respeitoso que caracteriza a Maçonaria, limitando tanto seu próprio crescimento quanto a harmonia dentro da loja.

### ***NEGLIGÊNCIA***

Esse vício ocorre quando há uma falta de atenção e cuidado adequado para com as responsabilidades e com os outros. A negligência muitas vezes decorre de uma falta de consciência sobre a importância de suas ações e das consequências que podem afetar a si mesmo e aos outros (Campbell & Miller, 2011).

Exemplo: Um exemplo de negligência seria um maçom que ocupa um cargo de responsabilidade, como Venerável Mestre, mas que não cumpre suas obrigações, seja por falta de preparo ou por desinteresse. Essa negligência geralmente resulta da ignorância sobre a importância de suas responsabilidades e do impacto que sua falta de ação tem sobre a loja. Tal

comportamento pode levar ao enfraquecimento da loja, pois a falta de liderança e organização afeta diretamente o progresso e a harmonia do grupo, comprometendo o bom funcionamento da fraternidade.

### ***NARCISISMO***

Caracterizado por uma autoadmiração excessiva e uma falta de empatia, o narcisismo surge de uma ignorância profunda sobre as necessidades e sentimentos alheios. A pessoa narcisista frequentemente superestima suas qualidades, negligenciando as contribuições e valor dos outros (Campbell & Miller, 2011).

Exemplo: Um irmão que exhibe narcisismo pode utilizar sua posição dentro da Maçonaria para promover sua própria imagem e interesses pessoais, em vez de trabalhar pelo bem comum. Esse comportamento é frequentemente alimentado pela ignorância sobre a verdadeira essência do trabalho maçônico, que é coletivo e voltado para o bem-estar de todos. Ele pode insistir em ser o centro das atenções em todas as reuniões, desconsiderando a natureza colaborativa da fraternidade e prejudicando a união e o espírito de igualdade entre os irmãos.

### ***CIÚMES***

Semelhante à inveja, o ciúme é alimentado pela ignorância de uma avaliação realista das próprias qualidades em relação aos outros. É um medo com base na possibilidade de perda ou na comparação desfavorável com outra pessoa, que muitas vezes não tem fundamento na realidade (Parrott & Smith, 1993).

Exemplo: O ciúme pode se manifestar quando um maçom sente que outro irmão está recebendo mais atenção ou favores do que ele, seja do Venerável Mestre ou de outros membros. Esse sentimento geralmente surge da ignorância sobre o valor das próprias contribuições e da falta de compreensão de que o sucesso dos outros não diminui o seu próprio. Isso pode levar a atitudes hostis ou a uma tentativa de diminuir o sucesso do

outro, prejudicando a solidariedade e o espírito de irmandade que são fundamentais para a coesão e harmonia dentro da loja.

### ***HIPOCRISIA***

Esse vício ocorre quando há uma discrepância entre as crenças que alguém professa e suas ações reais. A hipocrisia frequentemente decorre da ignorância das próprias falhas morais ou de uma falta de autoconhecimento genuíno. Indivíduos podem não perceber ou admitir suas próprias contradições, ou podem falhar em ver a importância de alinhar seus atos com seus valores declarados (De Cremer & Van Knippenberg, 2004).

Exemplo: Um maçom que professa os valores de honestidade, integridade e igualdade em loja, mas que em sua vida pessoal ou profissional age de forma contrária a esses princípios, demonstra hipocrisia. Essa hipocrisia frequentemente decorre da ignorância sobre a importância de alinhar palavras e ações, tanto dentro quanto fora da Maçonaria. Ele pode advogar pela justiça dentro da fraternidade, mas participar de práticas corruptas fora dela, comprometendo a imagem da Maçonaria e minando a confiança e o respeito que devem caracterizar um verdadeiro maçom.

### ***AMBIÇÃO***

A ambição se torna um vício quando é impulsionada por uma busca desenfreada por sucesso ou poder, sem consideração pelas consequências éticas ou pelos danos causados a outros. A ignorância, neste caso, reside na falta de entendimento ou no descaso pelas implicações morais das próprias ambições, bem como na falta de reconhecimento de que a verdadeira satisfação e sucesso sustentável vêm de uma abordagem mais equilibrada e alinhada com valores éticos (Campbell & Miller, 2011).

Exemplo: A ambição desenfreada pode ser observada em um maçom que deseja ascender rapidamente dentro da hierarquia da loja ou da Grande Loja, utilizando-se de estratégias manipulativas ou desleais para alcançar posições de poder. Esse comportamento é muitas vezes alimentado pela ignorância sobre os princípios de meritocracia e fraternidade que a Maçonaria valoriza. Ao ignorar esses valores fundamentais, ele

compromete a integridade da ordem e prejudica o espírito de cooperação e igualdade que deve prevalecer entre os irmãos.

Em todos os exemplos citados, a ignorância se manifesta de diversas formas, todas contribuindo para comportamentos que contrariam os princípios fundamentais da Maçonaria. A vaidade é alimentada pela ignorância sobre o verdadeiro valor da humildade e do trabalho coletivo. A arrogância surge da falta de compreensão sobre as próprias limitações e o valor das contribuições alheias. A ira desproporcional é resultado da ignorância sobre as motivações e perspectivas dos outros. A inveja e o ciúme se desenvolvem a partir da ignorância sobre o valor das próprias conquistas e da importância do sucesso coletivo. O preconceito e a intolerância nascem da ignorância sobre a riqueza da diversidade e a importância do diálogo respeitoso. A negligência decorre da ignorância sobre as responsabilidades e o impacto da liderança. O narcisismo é impulsionado pela ignorância sobre a natureza coletiva do trabalho maçônico. A hipocrisia resulta da ignorância sobre a necessidade de coerência entre discurso e prática, e a ambição desenfreada provém da ignorância sobre os princípios de meritocracia e fraternidade. Em todos esses casos, a ignorância impede o desenvolvimento moral e espiritual, comprometendo a harmonia e a integridade dentro da Maçonaria.

Ao entender melhor como a ignorância pode ser a origem desses comportamentos indesejados, pode-se começar a desenvolver estratégias mais eficazes para combatê-los e promover um crescimento pessoal mais saudável e relações interpessoais mais harmoniosas.

## ***O CAMINHO PARA A VIRTUDE***

Felizmente, o caminho para se afastar do vício está na busca pelo conhecimento. Ao buscar ativamente entender a nós mesmos, aos outros e ao mundo ao nosso redor, podemos cultivar as virtudes que levam a uma vida mais plena. Neste sentido, o combate aos vícios requer uma abordagem multifacetada que envolve tanto a expansão do conhecimento quanto a

adoção de estratégias comportamentais específicas. A seguir estão algumas estratégias que podem ser eficazes.

### ***EDUCAÇÃO E CONSCIENTIZAÇÃO***

A primeira etapa para combater qualquer vício é entender profundamente suas causas e efeitos. Isso pode ser alcançado através de educação formal, leitura, palestras e seminários que ajudam a desmistificar os preconceitos e a compreender melhor a nós mesmos e nossos comportamentos (Cunningham, 2005; Ergas & Hadar, 2019).

### ***REFLEXÃO E INTROSPECÇÃO***

Praticar a autoanálise regular pode ajudar a identificar padrões de comportamento viciosos e suas raízes. Métodos como a meditação e o diário pessoal podem facilitar uma maior compreensão de si mesmo e promover a honestidade interior (Germer, 2005; Harvard Graduate School of Education, 2019).

### ***DESENVOLVIMENTO DE EMPATIA***

Ampliar a capacidade de se colocar no lugar do outro pode reduzir preconceitos e aumentar a compreensão sobre as circunstâncias alheias. Práticas como interagir com grupos diversos e participar de atividades comunitárias podem ser úteis (Sheinman & Hadar, 2017; Langford et al., 2014).

### ***TREINAMENTO EM HABILIDADES SOCIAIS***

Cursos e oficinas que ensinam habilidades de comunicação, resolução de conflitos e manejo de estresse podem ser extremamente úteis para lidar com a negligência e a gestão das próprias emoções e ações (Kekes, 1990; Ergas & Hadar, 2019).

### ***MINDFULNESS E/OU ATENÇÃO PLENA***

Essas práticas de concentração na experiência presente e não julgamento ajudam a desenvolver uma maior consciência do presente, reduzindo a probabilidade de agir de forma impulsiva e negligente. Atenção plena ajuda a reconhecer nossos pensamentos e sentimentos sem julgamento precipitado, facilitando uma escolha mais consciente das ações (BMC Psychology, 2020; Harvard Graduate School of Education, 2019).

### ***TERAPIA E ACONSELHAMENTO***

Trabalhar com um terapeuta pode fornecer insights profundos sobre a natureza dos vícios e oferecer estratégias personalizadas para lidar com eles. A terapia cognitivo-comportamental, por exemplo, é eficaz no tratamento de muitos vícios, ajudando a mudar padrões de pensamento e comportamento (Cole, 2006; Kekes, 1988).

### ***CONSTRUÇÃO DE UM AMBIENTE DE SUPORTE***

Rodear-se de uma comunidade ou rede de apoio que valorize o crescimento pessoal e a superação de vícios pode fornecer o encorajamento necessário para mudanças duradouras (MacIntyre, 2007; Oser, 1996).

### ***ESTABELECIMENTO DE METAS E MONITORAMENTO DE PROGRESSO***

Definir metas claras e realistas para a superação de vícios e monitorar o progresso regularmente pode motivar e fornecer feedback concreto sobre as melhorias alcançadas (Locke & Latham, 1990; Cunningham, 2005).

### ***CRIAÇÃO DE HÁBITOS POSITIVOS***

Conforme discutido por James Clear em seu *Atomic Habits*, a criação de hábitos positivos pode ser uma poderosa estratégia para substituir vícios. Ao focalizar pequenas mudanças que se acumulam ao longo do tempo, pode-se reformular seu ambiente e rotinas diárias para promover comportamentos virtuosos. Clear (2018) enfatiza a importância de "*tornar o hábito óbvio, atraente, fácil e satisfatório*", facilitando assim a transição de hábitos negativos para positivos.

Ao implementar as estratégias mencionadas, é possível abordar os vícios de uma maneira holística e integrada que vai além do simples tratamento dos sintomas. Focalizando as causas subjacentes, especialmente a ignorância que frequentemente alimenta esses comportamentos negativos, essas abordagens permitem não apenas uma superação temporária, mas uma verdadeira transformação do indivíduo. Isso envolve um processo de educação contínua, autorreflexão e desenvolvimento de empatia, que juntos, não só dissipam os mal-entendidos e preconceitos que sustentam os vícios, mas também fomentam um entendimento mais amplo e compreensivo de si mesmo e dos outros.

## ***CONCLUSÕES***

Enquanto diversos vícios afligem a humanidade, este trabalho defendeu que a ignorância é a origem de onde esses comportamentos negativos emergem. Reconhecendo nossas limitações e buscando ativamente o conhecimento, pode-se cultivar as virtudes que conduzem a uma existência mais justa, compassiva e gratificante. A escolha é sempre individual e consequente: permanecer nas trevas da ignorância ou abraçar a luz do entendimento. Diante dessa reflexão, não seria a ignorância a origem de todos os vícios?

É crucial destacar que o impacto da ignorância vai muito além dos vícios individuais. Conflitos históricos, preconceitos e injustiças sociais frequentemente nascem de uma falta de compreensão entre culturas e etnias. Quando indivíduos ou grupos permanecem ignorantes sobre as experiências e perspectivas dos outros, sentimentos como medo, suspeita e, eventualmente, ódio podem se desenvolver.

As análises de Macedo (2018) e Quirino (2017) ilustram vividamente como a ignorância, especialmente quando combinada com hipocrisia e ambição, catalisa a disseminação de vícios e corrompe a integridade social e moral. Os autores reforçam que a superação da ignorância através da educação e do desenvolvimento pessoal é essencial não apenas para o crescimento individual, mas como um imperativo social para construir uma sociedade mais justa e compassiva. Eles argumentam que, ao promovermos uma cultura de aprendizado contínuo e autorreflexão,

podemos efetivamente continuar a "cavar masmorras aos vícios", mitigando seus efeitos corrosivos e promovendo um ambiente de virtude e respeito mútuo. Logo, se a ignorância é a origem, a solução reside na busca pelo conhecimento.

### ***REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS***

Aquino, São Tomás de. 1265–1274. Suma Teológica. [Diversas edições].

Aristóteles. ca. 350 a.C. *Ética a Nicômaco*. [Tradução de época].

BMC Psychology. 2020. "Mindfulness-based positive psychology interventions: A systematic review." BMC Psychology. <https://bmcp psychology.biomedcentral.com/articles/10.1186/s40359-020-0412-z>.

Buunk, A. P., e P. Dijkstra. 2012. "The social animal within organizations." In *Applied Evolutionary Psychology*, editado por S. C. Roberts, 36–51. Oxford: Oxford University Press.

Campbell, W. K., e J. D. Miller. 2011. *The Handbook of Narcissism and Narcissistic Personality Disorder: Theoretical Approaches, Empirical Findings, and Treatments*. Hoboken, NJ: Wiley.

Christopher, Kaczor, e Thomas Sherman. 2008. *Thomas Aquinas on the Cardinal Virtues: A Summa of the Summa on Justice, Courage, Temperance, and Practical Wisdom*. Washington, DC: Catholic University of America Press.

Clear, James. 2018. *Atomic Habits: An Easy & Proven Way to Build Good Habits & Break Bad Ones*. New York: Avery.

Cohen-Charash, Yochi, e J. S. Mueller. 2007. "Does perceived unfairness exacerbate or mitigate interpersonal counterproductive work behaviors related to envy?" *Journal of Applied Psychology* 92 (3): 666–80.

Cooper, John M. 2016. *Emotional Intelligence and Human Behavior*. London: Routledge. Capítulo sobre self-awareness.

Cunningham, C. A. 2005. "A certain and reasoned— The rise and fall of character education in America." In *Character Psychology and Character Education*, editado por D. K. Lapsley e F. C. Power. Notre Dame, IN: University of Notre Dame Press.

De Cremer, David, e D. van Knippenberg. 2004. "Leader self-sacrifice and leadership effectiveness: The moderating role of leader selfconfidence." *Organizational Behavior and Human Decision Processes* 95 (2): 140–55.

Ergas, O., e L. Hadar. 2019. *Mindfulness in Education: Towards an Integrative Paradigm*. Cham: Springer.

Freud, Sigmund. 1923. *O Ego e o Id*. Rio de Janeiro: Imago Editora. (Edição Standard Brasileira).

Freud, Sigmund. 1905/1997. *Três Ensaio sobre a Teoria da Sexualidade*. Rio de Janeiro: Imago Editora.

Germer, C. K. 2009. *The Mindful Path to SelfCompassion: Freeing Yourself from Destructive Thoughts and Emotions*. New York: Guilford Press.

Goleman, Daniel. 2006. *Emotional Intelligence: Why It Can Matter More Than IQ*. New York: Bantam. Capítulo sobre empathy.

Grande Oriente de Santa Catarina. 2008. *Ritual do Rito Escocês Antigo e Aceito – Aprendiz Maçom*. Florianópolis: GOSC.

Harvard Graduate School of Education. 2019. "Making Time for Mindfulness." Acessado em [data não especificada]. <https://www.gse.harvard.edu/news/uk/19/01/makingtime-mindfulness>.

Kabat-Zinn, Jon. 1994. *Wherever You Go, There You Are: Mindfulness Meditation in Everyday Life*. New York: Hyperion.

Kekes, J. 1990. *Facing Evil*. Princeton, NJ: Princeton University Press.

Kuhn, Thomas S. 1996. *The Structure of Scientific Revolutions*. Chicago: University of Chicago Press. Capítulo sobre critical thinking.

Locke, E. A., e G. P. Latham. 1990. *A Theory of Goal Setting and Task Performance*. Englewood Cliffs, NJ: Prentice Hall.

Macedo, Gutemberg B. de. 2018. "A Ignorância é a Mãe de Todos os Males." Gutemberg.com.br. <http://gutemberg.com.br/gutemberg/a-ignorancia-e-amae-de-todos-os-males>.

MacIntyre, A. 2007. *After Virtue: A Study in Moral Theory*. 3ª ed. London: Duckworth.

Nussbaum, Martha C. 2010. *Not for Profit: Education and Flourishing in a Democratic Society*. Princeton, NJ: Princeton University Press. Capítulo sobre the importance of education.

Oser, F. K. 1996. "Learning from negative morality." *Journal of Moral Education* 25 (1): 67–74.

Parrott, W. G., e R. H. Smith. 1993. "Distinguishing the experiences of envy and jealousy." *Journal of Personality and Social Psychology* 64 (6): 906–20.

Plato. ca. 380 a.C./1992. *The Republic*. Traduzido por G. M. A. Grube. Indianapolis: Hackett Publishing Company. Livro VII.

Quirino, S. 2017. "Ignorância - Hipocrisia - Ambição." [Bensodicavour.org.br.http://bensodicavour.org.br/artigos/67-ignoranciahipocrisia-ambicao](http://bensodicavour.org.br/artigos/67-ignoranciahipocrisia-ambicao).

Rahula, Walpola. 1974. *What the Buddha Taught*. New York: Grove Press.

Ramachandran, V. S., e B. Jalal. 2017. "The Evolutionary Psychology of Envy and

Jealousy." *Frontiers in Psychology* 8: 1619.

# ***A FENOMENOLOGIA DE UMA INICIAÇÃO MAÇÔNICA: UMA CONTEXTUALIZAÇÃO HISTÓRICA***

Marcílio Lima<sup>[2]</sup>

ARLS Jerônimo Coelho N° 1820

GOB - Oriente de Florianópolis

## ***INTRODUÇÃO***

Pretendemos, com a produção deste trabalho discorrer sobre o alcance e as consequências dos aspectos fenomenológicos de uma iniciação maçônica, cuja repercussão deve perpassar o tempo, acompanhando o neófito por toda a sua vida

O candidato, ao ser convidado para ingressar na maçonaria, traz consigo, ainda que de forma incipiente em relação aos augustos mistérios dessa ordem, um cabedal de conhecimentos suficientes, que foram objeto de reconhecimento por parte de seu “*padrinho*”. Entretanto, na quase totalidade das vezes, esse conhecimento fica circunscrito às ciências ou às suas disciplinas auxiliares, obtidas em um meio estéril, invariavelmente contaminado pela ruptura de um holismo relacional entre o homem e sua condição imaterial, preponderante após o estabelecimento da filosofia socrática que perdurou até o advento do iluminismo, no século XVIII.

A questão primordial que permeia e transcende as demais, destacando-se como o âmago de todos os dilemas que a humanidade enfrenta, reside na definição do lugar do homem na vastidão da natureza e na compreensão de sua intrincada conexão com o cosmos. De que abismos emergiu nossa espécie? Que fronteiras invisíveis delimitam nosso poder sobre as forças naturais e o domínio que estas, por sua vez, exercem sobre nós? E, afinal, para qual direção inexorável nos dirigimos? Esses têm sido os mais remotos e profundos mistérios, perenemente renovados em sua relevância e complexidade, que se apresentam a cada ser humano que respira sob o véu do céu, jamais esgotando o magnetismo que despertam no âmago da existência. Foi em busca da compreensão dessas questões que o homem, ser gregário, se organizou em agrupamentos sociais específicos,

nos quais os interesses comuns ou conciliáveis de seus indivíduos fossem atendidos.

Para tanto, instituiu-se um ordenamento social, político e jurídico que possibilitou a convivência, mais ou menos pacífica, em uma ampla rede de interações numa complexa estratificação social, produzida como consequência. Essa estratificação, configurada em instituições que, entre outras formas, se apresentam como organizações políticas, religiosas, econômicas e sociais, é produto de um constructo histórico a partir da mais remota ontologia humana, com propriedades sempiternas, físicas ou metafísicas. Foi neste contexto que, possivelmente, surgiu a maçonaria, quando a humanidade procurava respostas a questões antes ordinariamente pragmáticas, alcançando níveis conceituais para as quais as ciências ou mesmo as religiões não davam conta.

Contudo, por se tratar de uma organização viva (como naturalmente são todas as instituições humanas), que se move no tempo seguindo os ditames de uma teoria evolucionista e objetivando atender às demandas circunstanciais de cada época, a maçonaria se viu contingenciada a um reordenamento de suas estruturas orgânicas e a um acomodamento tempestivo de seus propósitos, sem perder, contudo, suas propriedades atávicas mais elementares.

Esse é, precisamente, o ponto central para onde convergiram as mais primárias axiologias que consubstanciaram as milenares instituições humanas, mais notadamente a maçonaria, bem como as religiões e os exércitos que sobreviveram ao tempo, testemunhadas pelas mais remotas notícias que se têm da civilização humana. Torna-se mister registrar que a história da maçonaria, em sua condição primeva, está mais sustentada por lendas de uma realidade invulgar, portanto mítica, oferecendo ao historiador a prerrogativa de especular sobre suas origens, baseando-se na filogenia da espécie humana. Lima (2024) propõe essa alternativa quando escreve que:

*... neste período (10.000 a.C. a 5.000 a.C.), não se produziram substanciais artefatos arqueológicos que conferissem alguma visibilidade histórica mais representativa ao possível início da história maçônica. Suas produções, se houveram, se confundiram com outras, de instituições também de relevante significado, sem,*

*contudo, definirem claramente suas matrizes filogenéticas. Podemos citar como exemplo o fato de ter sido encontrado uma espécie de livro, gravado em uma pedra, com escrita cuneiforme, com um objeto que se assemelha a uma cunha e que remonta a 2.600 a.C., no tempo do rei 'Lugalanemundu ou Lugalane', do império sumério. É um documento secreto, que era mantido sob a guarda do rei e se destinava a ensinar os 'obreiros' sumérios tudo sobre o design e a construção de templos religiosos e palácios. Esse tipo de livro fornece a quantidade exata de material necessário e suas dimensões precisas, as quais a engenharia atual ainda utiliza.*

Desde então, um hiato histórico se abriu, permitindo que a névoa do tempo encobrisse todas as naturais transgressões míticas que cercam as lendas, para que encontremos alguma objetividade na história da maçonaria a partir do século X, quando surgem as primeiras notícias de algo menos vetusto, com o aparecimento das primeiras Lojas Maçônicas conhecidas na Europa (Revista Maçônica I QUADERNI DI IPAZIA, 2012). Como é certo que a maçonaria moderna, tida como maçonaria especulativa, surgiu do seio do que era conhecido como “*Guildas*”, que haviam adquirido em algum momento a condição de maçonaria operativa, e considerando a eventual possibilidade de que essas mesmas *Guildas*<sup>[8]</sup> tenham, pelo menos em sua formatação ideológica e estrutura física, sido as sucedâneas dos “*obreiros sumérios*”, é possível que não apenas as propriedades físicas tenham perpassado pela história, mas também, além delas, as metafísicas.

Qualquer cultura que se queira perpetuada — e a história da maçonaria não é diferente — contém em seu estofo uma estética transcendental, que permite aos seres humanos combinarem os aparatos cognitivos de suas faculdades sensoriais com os da sua racionalidade substantiva. Estes são os ingredientes que formam e dão significado às crenças, valores, mitos, lendas e alegorias que explicam à complexidade do mundo maçônico.

Diante desse arcabouço heurístico e por entendermos que as coincidências na história estão sujeitas as repetições em circunstâncias

sucessivas que se mantêm no tempo, podemos especular que as estratégias utilizadas pelas Guildas no desenvolvimento e manutenção em segredo de suas técnicas de construção de palácios e catedrais possam ter tido suas origens ainda no tempo dos sumérios, há mais de 5.500 anos. Tal especulação nos permite conjugar, no mesmo tempo verbal, as práticas ritualísticas adotadas mais tarde pelos “pedreiros livres” em suas cerimônias iniciáticas, que possivelmente surgiram das mesmas fontes sumérias, que seriam, necessariamente, requeridas para a preservação das técnicas arquitetônicas e seus segredos. Concomitantemente, um provável movimento atávico nos faculta propor que a “*aventura espiritual maçônica, intimamente ligada aos mitos e símbolos, muitas vezes utilizados como ferramentas de reflexão e de união entre a Terra e o Céu*”, conforme relata Maxence (2004, p. 48), “*remonta, aparentemente, ao nascimento das confrarias de construtores de catedrais e às sociedades iniciáticas da Idade Média*”.

## ***OS MITOS COMO ARQUÉTIPOS***

Apresentamos, a seguir, algumas informações sobre a mitologia criada e amplamente utilizada como arquétipos por todas as civilizações históricas para, posteriormente, justificar as práticas místicas fundamentais a qualquer cerimônia maçônica.

O homem, desde os primórdios, sempre manteve uma estreita afinidade com a natureza, criando toda uma mitologia fenomenológica, suficiente para configurar uma realidade mítica inserida em seu cotidiano, na qual ambos os atores — ora um, ora outro — protagonizavam o espetáculo da natureza, e, ora um, ora outro, antagonizavam-se em contendas épicas. A verdade é que a relação de intimidade e interdependência com a natureza proporcionou ao ser humano consubstanciar-se<sup>[9]</sup> em um processo evolutivo suficiente para descer das árvores, criar seus primeiros abrigos em cavernas, “*dominar*” a terra, a água e o mar no globo terrestre e, gradativamente, conquistar o cosmo. Em apenas alguns milhares de anos, deixamos a condição de caçadores-coletores para adquirirmos a posição de garimpeiros cósmicos.

Toda essa evolução foi alcançada gradativamente, na mesma sequência na qual a relação do ser humano com a natureza atendia tempestivamente aos ditames de uma ontologia criada de forma orgânica, influenciando essa evolução. O homem primordial recorria inicialmente as alegorias, as figuras de linguagem, os deuses, o sobrenatural e aos mitos para explicar sua existência na natureza; era a abordagem que conhecia para entender a realidade. A partir do século V aC., essa abordagem saiu das terras férteis do misticismo, que privilegiava de modo bastante ostensivo a relação com a natureza, para se concentrar com maior ênfase na racionalidade humana, o que ficou conhecido como a passagem do “*Mythos*” para o “*Logos*” (razão). Dessa forma, os valores antes direcionados à natureza voltam-se para o homem e se reconfiguram em novos paradigmas sociais e éticos. O discurso tornou-se conceitual e argumentativo, pressupondo a lógica de que a natureza tem suas próprias leis, que padronizam harmonicamente seu comportamento e que podem ser compreendidas sem a necessidade de recorrer às especulações metafísicas.

Essa nova abordagem conceitual, centrada na racionalidade humana, apesar de oferecer diferentes visões de mundo, com lentes bem mais ampliadas, não foi, no entanto, suficiente para, ao longo do tempo, fornecer todas as respostas aos questionamentos que se sucediam no processo evolucionário do conhecimento humano. O mundo tornou-se repleto de meios, mas sem fins muito bem definidos. As bases antropológicas que poderiam sustentar por longo tempo a clivagem entre a humanidade e a natureza não foram suficientemente sólidas para assegurar estabilidade aos anseios e expectativas das sociedades nascentes, já que as interações humanas estão relacionadas às tensões e alternâncias da vida social e, em última análise, aos ritmos cósmicos. Isso trouxe conflitos de ordem psíquica, provocando no ser humano o que Leon Festinger (1975) chamou de “dissonância cognitiva”, ou seja, incongruências de ordem valorativa em sua substantividade.

Isso se explica quando constatamos haver algo que vai muito além da consciência de cada indivíduo, já que ele está sempre em busca do conhecimento do absoluto, daquilo que não consegue controlar: estamos tratando da alma, do mundo e de Deus. Enquanto a ciência compartilha verdades comunicáveis, baseadas em hipóteses empiricamente

demonstráveis por estarem ancoradas em fatos observáveis, há coisas que transcendem a percepção e a experiência, como a metafísica e, nela, a mitologia, por exemplo, atuando como orientações para alcançar uma profundidade do saber que não é passível de ser conhecida de forma empírica e, como tal, não aparece à cognição humana. Ainda assim, o homem, desde que é homem, faz questionamentos sobre essas coisas, perseguindo, insistentemente, a tentativa de adquirir conhecimento do desconhecido.

Kant (2007), célebre filósofo alemão do século XVIII, analisando esse processo, o denominou de “*númeno*”<sup>[10]</sup>, considerando-o tratar-se de uma causa que não passa pelo nosso intelecto, nem pelos nossos sentidos. É a “*coisa em si*”, na forma como a estrutura “*a priori*” do conhecimento se apresenta. De fato, ao longo da história humana, o trabalho da cultura consistiu em selecionar e cultivar as sementes do conhecimento sobre a vida humana em sua transitoriedade histórica, evocar a duração da espécie a partir da transitoriedade e propor a continuidade a partir da descontinuidade, transcendendo, assim, os limites da cognição impostos pelo oximoro da física versus metafísica.

Como atesta Campbell (1997), os historiadores podem testemunhar a dificuldade em encontrar uma cultura que seja indiferente à eternidade e que não lute por sua durabilidade. Nas culturas onde a ética humana e a maioria dos hábitos aprendidos por meio de elaboradas produções míticas, para lidar com as vicissitudes da vida perderam suas utilidades e sentidos, a consequência foi uma inevitável “antropofagia” dessas por outra cultura.

Foram, contudo, as culturas antropófagas sobreviventes na história (no Ocidente, destacadamente as grega e romana) que souberam promover um alinhamento assertivo, suficiente para manter coesa a integração humana com a natureza. Os antigos gregos e romanos destacavam-se pela profunda conexão que mantinham com os mitos, os quais enriqueciam o imaginário popular com seus deuses, heróis, musas etc. Suas tradições culturais foram as que mais influenciaram toda a civilização ocidental. Os mitos constituíam, para esses povos, um intrincado sistema que elucidava quase todos os aspectos de sua cultura. Estavam estruturados em um

conjunto coeso e lógico: em essência, eram uma forma de interpretar o mundo, de desvendá-lo e entendê-lo.

O mito, desde tempos imemoriais, exerceu (e ainda exerce, em inúmeras culturas) um papel de suma importância nas sociedades, perpetuando o saber de geração em geração, assegurando a preservação e a perenidade dos valores sociais, além de congregar os indivíduos no seio de uma comunidade. Embora destituído de fundamentos científicos, tal fato não lhe retira o valor como forma de interpretação da realidade, tampouco o relega a uma condição inferior no que concerne às explicações sobre o mundo. O mito é como um caminho familiar, uma rota segura que o indivíduo pode seguir sem correr grandes riscos, entendendo como agir e o que esperar, tendo em mente o significado dos eventos que surgem ao longo da vida.

### ***A SEMIÓTICA DA INICIAÇÃO MAÇÔNICA***

O<sup>[11]</sup> advento do Iluminismo na Europa, no século XVIII, conhecido como o Século das Luzes — movimento antecedido pelo renascentismo de dois séculos antes, que lhe preparou o terreno cultural e intelectual possibilitando o seu florescimento -, promoveu um reordenamento radical dos valores sociais vigentes à época, os quais, há muitos séculos, baseavam-se em premissas de uma ortodoxia medieval centrada no teocentrismo — o Ocidente se viu iluminado por novos faróis conceituais e filosóficos que influenciaram decisivamente a criação de novos paradigmas, colocando o homem no centro das atenções e recuperando a prevalência das mais elementares bases antropológicas, que restabeleciam a naturalização das relações entre o homem e a natureza. Em outras palavras, a crítica filológica tornou-se também crítica histórica, e talvez seja precisamente aí que resida a importância dos humanistas no contexto da época. Esses pensadores, impulsionados pelo alcance obtido pelos renascentistas que os antecederam, contribuíram para promover, no campo cultural, uma visão mais crítica, sensível às transformações e à ruptura com a cultura medieval. Adeptos das propostas iluministas, fomentaram um processo de conscientização com repercussão mundial, questionando o absolutismo, a religião e a ignorância. Entre seus maiores feitos está o de reintegrar o homem à natureza e à

história, facilitando sua reinterpretação dentro desse contexto. Entre os principais pensadores desse movimento, destacam-se alguns maçons ou adeptos da filosofia maçônica, tais como Voltaire (1694–1778), John Locke (1632–1704), Montesquieu (1689–1755), Jean-Jacques Rousseau (1712–1778), Thomas Hobbes (1588–1679), entre outros.

Como não poderia deixar de ser, a maçonaria foi diretamente influenciada por esses movimentos, criando, como consequência, um novo escopo em sua proposta. Os maçons abandonaram sua tradicional forma metodológica, chamada de “*operativa*”, na qual os interesses estavam mais voltados para um pragmatismo operacional — ou seja, predominava a racionalidade instrumental —, e a substituíram pelo modelo “*especulativo*”, cuja proposta se concentra mais no avanço da humanidade, não somente em seus valores físicos, mas, destacadamente, em seus valores morais. Trocou-se a construção de edifícios físicos pela construção de edifícios sociais.

O “*Logos*” e o “*Mythos*”, cujos antecedentes históricos se classificam como superposições filosóficas — desde os pré-socráticos até os socráticos e seus sucessores —, ressurgiram na maçonaria nesse período como uma amálgama conceitual promovida, principalmente, por John Locke, filósofo que compartilhava os preceitos maçônicos e exerceu grande influência sobre a Ordem, sem que haja, contudo, notícias de sua adesão formal. Desde então, instituíram-se na Ordem Maçônica duas formas de pensamento: a primeira, dotada de um sincretismo religioso, todas de caráter monoteísta, que se definiu, em termos de filosofia social e política, com o liberalismo nascente da época; a segunda, do ponto de vista esotérico, preservou suas tradições míticas, em que os símbolos, as alegorias e uma metódica ritualística tornaram-se as bases da cátedra maçônica. Com efeito, a função primária da mitologia e dos ritos usados na maçonaria sempre foi fornecer símbolos que levem o espírito do maçom a avançar, opondo-se às fantasias humanas constantes que tendem a levá-lo para trás.

Toda a orientação e o rigor ritualístico próprios da maçonaria, incluindo as relações etéreas com os símbolos e alegorias, têm, fundamentalmente, a intenção de promover a integralidade psicofísica do maçom, o que, na psicologia junguiana, é chamado de “*individuação*”. A

individualização é um conceito central na psicologia analítica de Carl Gustav Jung (1964). Refere-se ao processo pelo qual uma pessoa se torna consciente de sua totalidade psíquica, integrando os diferentes aspectos de sua personalidade e alcançando um estado mais completo de si mesma. Esse processo envolve a unificação do inconsciente e do consciente, de forma que o indivíduo se torne uma totalidade única e indivisível. Na maçonaria, o “*Eu*” do iniciado se desenvolve a partir de arranjos que se processam desde os momentos preliminares ao cerimonial de iniciação, nos quais elementos inatos de sua personalidade, os componentes de sua psique e sua futura vivência na Ordem, com práticas que o substantivem maçonicamente, promovem, ao longo do tempo, uma integração desse profano em seu todo, ou seja, promovem sua individualização.

É nesse ponto que se torna de máxima relevância destacar a importância do rigor exigido na realização dos cerimoniais de iniciação na maçonaria. O candidato, na iminência de sua iniciação, traz consigo uma experiência imaginária que lhe é constitutiva tanto quanto suas experiências práticas. Essas experiências lhe proporcionam a faculdade de saber que suas realidades subjetivas, apesar de não serem ratificadas pelas estruturas de suas realidades objetivas, não tornam irreal o mundo do imaginário. Como já detalhamos anteriormente, a imaginação revela estruturas de uma realidade que não podem ser acessadas pela experiência dos sentidos nem pelo pensamento racional. No entanto, essas estruturas tornam-se perfeitamente inteligíveis quando avaliadas no plano da mística e da metafísica (mitos, imagens e símbolos), onde exprimem claramente as ideias de transcendência a que se propõem. Em suma, nos cerimoniais maçônicos, o candidato descobrirá uma continuidade entre as mensagens transmitidas por determinados símbolos aos níveis mais profundos do inconsciente e os significados que emergem do plano de sua mais pura espiritualidade. A ideia é que essas mensagens façam com que o candidato compreenda a importância existencial dessas imagens para si; ele as verá como imagens que não só ampliam o universo de seu conhecimento, mas que, nesse conteúdo imagético simbólico, encontrará a proposta de uma aventura extraordinária, repaginando todo o seu cotidiano e desvelando-lhe um mundo mais vasto e infinitamente mais rico, carregado de significações espirituais e de promessas dóxicas<sup>[12]</sup>.

Entre as diversas intenções destinadas a acolher e, sobretudo, facilitar uma visão mais sistêmica ao candidato durante o processo de iniciação, está, em última instância, a de libertá-lo dos laços que o prendem a qualquer espécie de obscurantismo e ignorância. Nesse processo, o profano aprende a desatar o nó que prende seu espírito aos labirintos traçados inconscientemente por si próprio e que o limitam em suas potencialidades psíquicas. O iniciado, por meio de estudos filosóficos, aliados à sua vivência maçônica, vai, gradativamente, rasgando o “Véu de Maya”<sup>[13]</sup> que cobre a realidade do mundo em sua essência e que o mantinha em relativa ignorância do todo. Como escreveu Schopenhauer:

Embora ninguém, através do véu das formas da intuição, possa conhecer a ‘*coisa em si*’; por outro lado, entretanto, cada um a carrega dentro de si. (2015, p. 127).

### ***A SIMBOLOGIA E A MÍTICA MAÇÔNICA***

Mesmo antes de a história ser escrita, o símbolo já aparecia como uma criação da psique, o que pode ser constatado nas alegorias e nos desenhos pré-históricos feitos pelos homens das cavernas. Desde as mais remotas buscas do homem por um sentido na vida — busca que precede a linguagem e a razão discursiva — , o símbolo tem sido essencialmente o instrumento propício para tentar revelar uma realidade total, inacessível aos outros meios de conhecimento, à experiência imediata do homem e ao pensamento discursivo. Daí se conclui que o simbolismo exprime, essencialmente, que, no Cosmos, como na vida humana, tudo está ligado a tudo por uma textura invisível. Quando os obreiros de uma oficina iniciam o processo de iniciação de um candidato, é de extrema importância que todos tenham em mente que, naquele momento, estarão executando um cerimonial que vem sendo repetido ao longo dos séculos, visando oferecer ao iniciado uma visão holística, pela qual este integre de forma sistêmica sua estrutura profana com a maçônica, fazendo disto o seu todo e proporcionando-lhe a oportunidade de se libertar de amarras que limitavam suas percepções numinosas.

Em suas pesquisas sobre os mais diversos rituais de iniciação ou de passagem praticados por diferentes civilizações ao longo da história,

Campbell (1997) oferece um relato das principais características e propósitos desses rituais. Segundo este antropólogo, quando analisamos os diversos rituais peculiares das tribos primitivas e das grandes civilizações de épocas passadas, fica evidente que a finalidade e a consequência real desses rituais eram facilitar a transição das pessoas por difíceis etapas de transformação. Essas mudanças exigem uma alteração nos padrões tanto da vida consciente quanto da inconsciente. Os chamados “ritos de passagem”, que desempenham um papel fundamental na vida de qualquer sociedade — como cerimônias de nascimento, nomeação, puberdade, casamento e morte, entre muitos outros —, caracterizam-se pela realização de exercícios formais e rigorosos que rompem com as atitudes, vínculos e hábitos típicos dos estágios anteriores. Após esses exercícios, há um período de isolamento mais ou menos prolongado, durante o qual são realizados rituais destinados a introduzir o indivíduo às formas e sentimentos adequados à sua nova fase. Assim, quando chega o momento de retornar ao seu ambiente usual, o iniciado está preparado, como se tivesse passado por um renascimento.

Esta é uma das propostas mais básicas do cerimonial de iniciação maçônica: tentar levar o candidato à busca de suas potencialidades latentes, difíceis de se realizarem em seu cotidiano. Estas são algumas outras partes de nós mesmos, que, embora desconhecidas pelo consciente, são sementes douradas que possuímos e que jamais perecem. A este fenômeno, Sócrates deu o nome de Maiêutica<sup>[14]</sup>, cujo objetivo é fazer o indivíduo promover um processo gradativo de descoberta da verdade, algo que, como uma flor, floresce pouco a pouco. Na iniciação maçônica, isso ocorre quando o postulante, estimulado pela estreita relação que manteve com toda a simbologia do processo iniciático, consegue trazer à luz pelo menos algumas parcelas dessas potencialidades, podendo assim experimentar uma maravilhosa expansão de seus poderes, semeando habilidades que até então desconhecia. Será, então, possível que ele vivencie o que Buber (1977) chamou de “*fluxo torrencial da reciprocidade universal*”, que ele traz, necessariamente, latente em si.

O simbolismo que reveste todo o processo de uma iniciação maçônica, desde o momento em que o candidato é recebido vendado às portas do templo, faz com que ele vivencie a experiência de estar transitando por um território não mapeado e inexplorado, que ultrapassa os

limites da razão. Cria-se, desta forma, o entendimento de que o candidato estaria seguindo em direção contrária às suas certezas e que, ao cruzar algum limiar à frente, encontraria uma forma de autodestruição ou de morte. No entanto, contrariamente a esse entendimento, na mítica maçônica, o candidato descobre que, em vez de se mover para fora em sua jornada, além dos limites do mundo visível e racional, ele se dirige para dentro, para o seu interior físico e psíquico, buscando seu renascimento. O ato de transpor os umbrais do templo maçônico, no qual o candidato é trasladado do mundo profano para o mundo maçônico, reflete a entrada deste em um mundo misterioso e carregado de misticismo — onde ele será revitalizado pela recordação de sua essência, a qual é “*pó e cinzas*”. O interior do templo torna-se, assim, a terra celestial que se encontra acima e abaixo dos limites do mundo e se constitui em sua única realidade<sup>[15]</sup>. Por isso, ele é vigiado por enormes colunas e pela representação de guerreiros destemidos empunhando suas espadas desembainhadas. Estes são os guardiões da milenar mítica maçônica e, como tais, se revestem da responsabilidade de afastar aqueles que não conseguem acessar, por meio do silêncio e da meditação mais profunda, o futuro que se lhes anuncia e que se constituirá na integração substanciada de seu corpo e espírito, como veremos mais adiante.

A repetição de tais episódios sensitivos, longe de indicar monotonia ou pobreza criativa, é fundamental para estabelecer e cimentar as relações existentes entre sensações e lembranças. Acima de tudo, tais momentos de reencontro com sua história dão ao candidato o sentimento de um reencontro consigo mesmo. Suas reflexões o levam a uma luta de seu espírito, de sua atividade criativa, contra o tempo, diante da impossibilidade de encontrar na realidade um ponto fixo de referência ao qual o seu “*Eu*” possa se prender.

Este é o instante em que algo novo surge para o candidato, algo desconhecido; seus sentimentos se calam em um arrebatamento de todas as tensões; sua vontade recua, surge uma quietude, e o “*novo*”, que ele ainda não conhece, é encontrado bem ali, diante de si, em silêncio. O que era uma estressante expectativa, que o candidato poderia sentir e que lhe trazia uma paralisia diante do desconhecido, diante do isolamento a que foi submetido, torna-se um desafio, porque ele passa a ouvir o ecoar da vida de seus

sentimentos, que se tornaram perceptíveis para si. Isso ocorre porque ele está sozinho com o estranho que lhe fez companhia. Quase sempre, segundo Bauman (2001), nosso encontro com estranhos, mesmo que não deixem de ser percepções antropomorfizadas, é um acontecimento sem passado e, na maioria das vezes, também sem futuro; é a história da “*não continuação*”, uma oportunidade única de terminar enquanto é possível, sem adiar e sem deixar assuntos inacabados para outra oportunidade.

Em encontros dessa natureza, não há espaço para tentativa e erro, nem aprendizado a partir dos erros ou expectativa de outra oportunidade. Tudo o que era confiável e habitual ao candidato lhe foi retirado por um instante; ele está no meio de uma transição, em um ponto do qual não pode mais retornar. É por isso que ele, mesmo sem compreender exatamente o que pode estar acontecendo consigo, encontra, cada um a seu modo, em meio as suas elocubrações, um socorro, como se este viesse das entranhas de seu âmago, para tirá-lo de um nada, do qual ele nunca poderia sair sem esse recurso. Em questão de minutos, sua clarividência o conduz por cima de sua história, vislumbrada por meio de imagens opacas, que recompõem lentamente os traços peculiares de sua personalidade.

Chega o momento, então, no qual o aspirante à iniciação identifica vários sinais sensoriais, que indicam que o futuro passou a lhe pertencer e se transformou como tal, muito antes de acontecer. Sua solidão e sua atenção aos últimos eventos facilitarão a experiência desse futuro. Neste estado de sublimação, ele começa a vislumbrar horizontes muito mais amplos. Ele passa a saber que o futuro está bem mais próximo da vida do que aquele ponto ruidoso e acidental, no qual ele acontecia como que vindo das incertezas. Quanto mais tranquilo, paciente e receptivo o candidato for, tanto mais ele merecerá este futuro e tanto mais ele se efetivará como seu destino.

Será dessa forma que, em um dia distante, quando o novo acontecer, isto é, revelar-se também para os outros, o candidato estará intimamente familiarizado com ele e mais preparado para recebê-lo. É necessário que, para quem será iniciado, neste processo de sua gradual evolução espiritualista, nada de estranho seja experimentado, mas apenas aquilo que lhe pertence há muito tempo: uma sensação de vida e o florescimento de

seu cérebro flexível e nutrido. Sua percepção de futuro, que deve aflorar para si, será a de que ele não estará mais só; ao seu lado, circulando pela Terra, do Oriente ao Ocidente, e do Setentrião ao Meridião, estarão milhões de novos irmãos trilhando os mesmos caminhos, em busca dos mesmos objetivos, dispostos a dar-se as mãos para que nenhum deles se perca em alguma encruzilhada.

### ***LIDANDO COM O PRÓPRIO EGO***

Em seguida, o candidato é encaminhado para o interior da Câmara de Reflexão, um ato simbólico que representa a passagem pela nebulosa fronteira que separa o conhecido do desconhecido. Ali, ele permanecerá alguns instantes a sós e sem as vendas, tendo à sua frente uma série de símbolos e alegorias enigmáticas, que se destinam a lhe oferecer uma visão com outras perspectivas da sua vida profana. Em outras palavras, o candidato é então convidado a ultrapassar limites que, até então, ele apenas havia contornado: a fronteira de seu ego. Não é nossa intenção aqui descrever qual é o significado e a condição metafórica de cada alegoria encontrada na Câmara de Reflexão pelo candidato à iniciação. Tentamos, sim, intuir suas propriedades metafísicas na promoção da sacralização no tempo. E o tempo que aqui mencionamos não é o tempo cronológico, ritmado pelo bater do relógio, mas um tempo da infinitude do espírito, cadenciado por uma maior ou menor riqueza da história deste candidato.

É muito difícil comunicar, por meio de simples palavras, uma experiência que invariavelmente transcende sua condição física. Para aqueles que ainda não viveram essa experiência, ou pelo menos algo que se aproxime dela, só é possível fazer referência por meio de imagens metafóricas, pois a imagética exerce uma influência mais forte sobre nossos sentimentos do que ideias abstratas e sofisticadas. Melhor dizendo, traduzir uma imagem em terminologia concreta, reduzindo-a a um só de seus planos de referência, é pior que a mutilar: é aniquilá-la, anulá-la como instrumento de conhecimento. Nessas circunstâncias, como diria Lispector (1998), cabe ao candidato deixar germinar por completo, dentro de si, cada semente de seus sentimentos, na permanência do indizível e nos labirintos do inconsciente, em um ponto inalcançável para o próprio entendimento, e

esperar, com humildade e paciência, a hora em que uma nova clareza surgirá, como se a eternidade se encontrasse diante dele, com toda a amplitude e serenidade, sem preocupação alguma. O que Kundera (2008, p. 211) complementa: “*Não é a grande arte do pensamento o fato de pintar uma imagem do mundo cheia de confiança e digna de fé?*” Este é o pano de fundo no qual os padrões culturais da maçonaria foram moldados após sua singularização especulativa. As alegorias, símbolos e mitos, muito utilizados pelos maçons, são tidos como metáforas reveladoras do passado e do destino do homem, bem como de sua esperança e fé. Todos os maçons podem se tornar sábios por intermédio do estudo, da experiência e da compreensão de suas efetivas formas iniciatórias, cujo padrão ritualístico está fundado nessas metáforas, pois elas, na realidade, tocam e põem em jogo as energias vitais de toda a psique humana. Elas servem, nessas circunstâncias, como vínculo entre o inconsciente e os campos de ação prática do maçom, não irracionalmente, à feição de uma projeção neurótica, mas de maneira a permitir uma compreensão madura, ponderada e prática do mundo dos fatos. Este estágio é, porém, percorrido individualmente na experiência silenciosa e pessoal de cada obreiro da arte real.

Consequentemente, para perceber plenamente o valor envolto na mítica maçônica, manifestada por meio de uma rica e detalhada ritualística cerimonial que se destaca desde a primeira sessão iniciática, é essencial entender que ela não representa apenas manifestações do inconsciente (como de fato são todos os pensamentos e ações humanas), mas também manifestações intencionais e ponderadas de determinados princípios espirituais, que permaneceram imutáveis ao longo da história, assim como a forma e a essência da psique humana (Campbell, 1997).

### ***AS PROVAS DA TERRA, DA ÁGUA E DO FOGO***

Superadas essas etapas preliminares, o postulante, ainda vendado, será convidado a fazer algumas viagens metafóricas. Melhor dizendo, será convidado a caminhar por uma paisagem onírica, “*povoada*” por formas estranhamente fluidas e ambíguas, na qual deve sobreviver a uma sucessão

de provas. Ainda que em graus variados, quase todos os candidatos à iniciação conseguem dominar a arte de transitar pelos tortuosos labirintos que a ritualística maçônica lhes impõe durante a realização das viagens simbólicas: aceitação da desorientação, disposição para viver fora do espaço e do tempo, com vertigens, fobias e tonturas, sem indicação da direção, duração ou objetivo das viagens nas quais embarcarão. O labirinto pelo qual o candidato é convidado a percorrer durante suas viagens, como na mitologia grega, torna-se a imagem-mestra da condição humana e simboliza, para o candidato, o desafio que precisa ser vencido com astúcia, coragem e persistência, porque o ansiado paraíso moderno do tipo “*Shangri-La*”, proposto por James Hilton, estaria “*lá fora*”, em um lugar ainda não explorado por qualquer profano, um pouco além de imensas massas de montanhas ou desertos mortais, ao fim de uma trilha nunca marcada.

O postulante, vendado e, portanto, ainda não conhecendo a luz, é veladamente auxiliado nessas “*viagens*” por um agente que, possivelmente, ele não conhece, mas em quem se vê obrigado a confiar. Ou, talvez, ele aqui descubra, pela primeira vez, que existe uma força benigna neste local que o ampara em sua passagem “*sobre-humana*”; quem sabe seja alguém que assemelhe ao poeta Virgílio, que conduziu Dante em sua viagem mística ao inferno e ao purgatório. (Alighieri, 2024). Assim, quando o profano se dispõe, voluntariamente, a fazer a perigosa jornada na escuridão, por meio da descida intencional aos tortuosos caminhos de seu próprio labirinto psíquico, logo se verá numa paisagem de figuras simbólicas.

Este é o estágio da purificação do “*Eu*”, em que os sentidos são sublimados e tornados humildes, e as energias e os interesses ficam concentrados em coisas transcendentais. Em outras palavras, trata-se do processo de dissolução e transcendência das imagens de nosso passado pessoal. Nessa dinâmica, parafraseando as premissas de Bachelard (2001) para a maçonaria, o candidato assimila imagens aéreas com infinitos horizontes, vacuidades em imensidões celestes, sonhos de voos e quedas, uma natureza gigantesca, mas, principalmente, do movimento desmaterializante e das imagens de verticalização do tempo.

Ao fazer as viagens, o candidato atravessa, um a um, os umbrais ocultos e derrota, em sucessão, dragões que se erguem como desafios em seu caminho. Sua confiança se expande, sua autoestima aumenta, e a estatura do herói que habita sua alteridade emerge, evocada de seus desejos mais primevos, até que, enfim, ele se funde na dança cósmica de sua própria essência. Ao alcançar tal ponto, o candidato supera a esfera restritiva do cosmo, elevando sua percepção a um patamar que transcende todas as experiências sensíveis, onde se desvela o imperativo de um simbolismo histórico, a chave para os segredos mais profundos e a revelação de uma realidade que vai além do tangível, tocando o imaterial. Basta-lhe agora a completude purificadora de seu espírito. É então que o candidato mergulha ambas as mãos no seio de uma fornalha abrasadora para, no passo seguinte, lavá-las com água. Assim, o fogo e a água constituem-se nos elementos que o limpam de qualquer nódoa do vício.

A força indômita que impele o candidato a romper as amarras de suas limitações pessoais é a mesma que o guia ao cume de seu desenvolvimento espiritual. Os mitos, símbolos, alegorias, o ritualismo e a filosofia maçônica despontam como recursos epistêmicos, concebidos para auxiliar o candidato a ultrapassar os exíguos horizontes delineados pelos antolhos sociais que o limitavam, obstruindo-o de elevar-se para além das esferas de percepção, em um constante e inexorável processo de crescimento.

### ***E A LUZ SE FAZ***

Na sequência ritualística, após o candidato ter vencido “*o porfiado combate entre o homem profano e o homem maçom*”, a iminência do precipício é banida, e a dispersa multiplicidade cessa de impor a cacofonia de sua reivindicação; resta apenas o agora neófito, em sua confluência temporal. A miragem e o propósito, que surgiram em meio às inesgotáveis profundezas de sua psique, e após ele ter recuperado o vigor e as formas preciosas de seu poder concentrado, com sua paisagem interior já iluminada por sua clarividência recuperada, chega ao momento supremo da realização, quando lhe é oferecida a luz. E o neófito, criatura nascida regenerativamente para a maçonaria no fulgor de um instante, é desvendado

e pode então vislumbrar o lugar pelo qual transitou por seu passado, rearranjou seu presente e se apropriou de novas perspectivas de futuro. Neste momento, revela-se diante de si a totalidade incandescente de sua realização em um vórtice formidável, onde toda a sua potência se move com a grandiosidade de um mundo em gestação, uma massa primordial, ainda confusa, mas definitivamente inquebrantável. De todas as direções surgem olhares flamejantes e provocadores, como estrelas de um universo tentador, que, ao se materializarem em suas verdadeiras identidades, tornam-se amigáveis e acolhedoras. Essa mesma percepção de ordem metafísica parece ser sugerida nos versos finais de Alighieri (2024), nos quais o viajante iluminado tem finalmente o poder de elevar os corajosos olhos para além dos horizontes, alcançando a Luz:

*“A vista, que em pureza sublimava,  
Do alto, que é por si toda a verdade,  
Mais e mais pelos raios penetrava”.*

*“E o que vi, desde então, na imensidade      Transcendeu quanto o  
verbo humano intente:*

*Cede a memória a tanta majestade”.*

*“Qual homem que, a sonhar, vê claramente,      Depois só guarda a  
sensação impressa.*

*E o mais em todo não lhe volta a mente”;*

*“Tal eu; quase a visão inteira cessa.      Mas no meu coração quase  
destila.*

*Doçura que em seu êxtase começa”.*

*(“Paraíso”, canto XXXIII, 82 ss.)*

## ***INICIA-SE UMA NOVA HISTÓRIA NA MAÇONARIA***

Eliade (1979, p. 19) disse que “... cada ser histórico transporta consigo uma grande parte da humanidade anterior à História.” O ser natural que acaba de se revelar à maçonaria, no segredo da ação mútua,

torna-se, por consequência, um ponto de interseção de vários ciclos de leis organicamente naturais. A relação imediata que se produz permanece numa alternância de atualidade e de latência. O homem que, até então, era portador do que Bauman (2016) classificou como integrante da “*modernidade líquida*”, que não podia ser experienciado, mas apenas tocado, torna-se de novo um “*Ele*”, uma soma de qualidades, uma quantidade com forma sólida. Agora, pode-se conhecer sua substantividade na sua integralidade, pela qual sua história passa a ser contada, pois, como se torna oportuno destacar, a história de cada ser não pode transformar profundamente a essência de sua personalidade enraizada. Embora ela acrescente continuamente, ao longo do tempo, novos significados, esses não alteram a estrutura dos constructos que a constituíram.

Isso pode ser ilustrado quando recorremos ao tratado delineado por Jung (1964), que elucida seu conceito de arquétipo, que se expande para abarcar o mito do herói como uma expressão universal e atemporal da condição humana, traduzindo seus anseios, medos e conquistas com rara clareza para sua metódica utilização na maçonaria. Longe de constituírem projeções irracionais ou manifestações neuróticas, essas metáforas operam como instrumentos de uma compreensão madura, ponderada e prática da realidade, imprescindíveis para a repetição controlada dos eventos que se desenrolam no cotidiano de cada maçom. Como sustenta Kudara (2008), parece que existe em nosso cérebro uma zona perfeitamente específica que poderíamos chamar de memória poética e que registra para a eternidade aquilo que nos encantou, comoveu e que dá à nossa vida sua beleza própria.

As metáforas cósmicas sublimes, espelhadas nos grandes épicos homéricos, na Divina Comédia de Dante, no Gênesis, constituíram os alicerces da existência humana e a fonte de inspiração para a filosofia da arte real. Onde quer que esses símbolos herdados tenham sido tocados por figuras como LaoTsé, Buda, Zoroastro, Cristo ou Maomé — mestres espirituais que os utilizaram como veículos de uma instrução moral e metafísica de imensurável profundidade —, deparamo-nos, inquestionavelmente, com a manifestação de uma consciência vasta e iluminada, em oposição às trevas da ignorância.

Aos neófitos, bem como aos demais maçons, para apreenderem plenamente o valor das figuras mitológicas que lhes chegam, torna-se imperativo compreender que elas não se limitam a meros sintomas do inconsciente (embora, de fato, todos os pensamentos e ações humanas o sejam), mas constituem igualmente declarações intencionais e controladas de princípios espirituais, que têm perdurado imutáveis desde os primórdios da maçonaria, mesmo anteriores à sua condição especulativa, refletindo a forma e a estrutura essencial da própria psique dos maçons.

Surge, então, um novo ente, não como resultado de uma busca intencional, mas como consequência natural da integridade com que se entrega à sua jornada, tanto no âmbito profano quanto no caminho maçônico. Com esse novo ser, manifesta-se também uma capacidade de consciência mais elevada, uma acuidade perceptiva que acrescenta uma dimensão mais profunda à sua vida. Essa percepção, assim como o renascimento do iniciado, não emerge de uma busca direta, mas floresce indiretamente, como reflexo da pureza de sua entrega e do seu comprometimento com a Ordem Maçônica.

### ***O MITO DA CAVERNA DE PLATÃO***

O profano entrou no templo maçônico na forma de crisálida e, ao concluir o processo de sua iniciação, saiu dele como uma borboleta. No entanto, essa metamorfose não ocorre sempre como estados que se alternam nitidamente — o profano e o maçônico, mas, amiúde, são processos que se entrelaçam confusamente numa profunda dualidade e que se tornam o novo modo de vida do neófito. De um lado, uma das extremidades de um contínuo: sua vida profana, fragmentada em sua substantividade; na outra extremidade, sua vida maçônica, onde existem incontáveis variações interligadas sistemicamente, entre a natureza e as valorações de sua personalidade.

Para ilustrar com maior clareza este processo metamorfofóico na maçonaria, recorremos a Platão e seu “*Mito da Caverna*”. Trata-se de um dos textos filosóficos mais lidos de todos os tempos, extraído de sua obra “*A República*”. É uma obra de formação intelectual que explica como

podemos nos libertar da escuridão que nos aprisiona através da luz da verdade.

Neste texto, Platão (2012) conta que havia uma caverna na qual muitos prisioneiros, desde seus nascimentos, viviam acorrentados. Eles viam sempre sombras projetadas nas paredes, formadas pela luz de uma fogueira, e acreditavam que as imagens que essas sombras formavam eram a realidade. Mas suponha-se que um dos homens da caverna consiga escapar daquele local e sair de tal ambiente. Quando chega ao mundo externo, a verdadeira luz quase o cega. Seus olhos doem, mas ele se adapta. Logo percebe que sempre viveu acorrentado numa ilusão que acreditava ser a verdade. Lá fora, ele vê os verdadeiros seres, cujas imagens se projetavam de maneira distorcida no interior da caverna. Ele decide voltar e compartilhar seu conhecimento com os outros homens que continuam acorrentados. No entanto, esses homens zombam dele e não acreditam em seu relato. Suponhamos que a caverna seja a vida profana do iniciado e que essa era a única realidade que ele conhecia. Em contraponto a esse plano de distorções e sombras, o iniciado passa a conhecer, na maçonaria, uma realidade em si, com objetos reais, tal como são verdadeiramente. Esse seria o seu “*Mundo das Ideias*”.

O iniciado, ao ver a luz, é como o homem da caverna de Platão, é como se tivesse renascido para o mundo em sua condição anímica<sup>9</sup>. “*Nenhuma criatura pode atingir um grau mais alto da natureza sem cessar de existir*”, observa Ananda Coomaraswamy (apud Campbell, 1997, p. 88), para, como uma Fênix, ressurgir de seus despojos. O neófito, renascido com a estruturada “*individuação*” (proposta pela psicologia analítica), cujo apego ao ego já foi extirpado, passa a transitar livremente pelos horizontes do mundo, adentra e emerge do dragão com a mesma facilidade e espontaneidade com que uma criança percorre as distâncias entre os brinquedos de um parque infantil. Nessa sincronicidade de ir e vir reside seu poder, pois seu trânsito e retorno revelam que, por trás dos contrários da fenomenalidade, subsistem fatores transcendentais inerentes ao espírito do indivíduo, que o fazem incriado e imperecível; assim, não há o que temer. A junção de elementos diversos e até contrários forma uma unidade que, ao ser reproduzida nas sessões maçônicas de iniciação, inspira não apenas o candidato, mas também todos os atores desse palco. São lampejos da

eternidade, instantes absolutos em que o mundo para numa experiência de insights míticos. Esta, contudo, não é uma realidade estática; ela adquire contornos para cada ator, que opera necessariamente em diferentes instâncias fenomenológicas, vislumbradas por perspectivas objetivas e subjetivas, construídas pelo espírito e pela história de cada um naquele momento.

### ***A IMPORTÂNCIA DO COMPROMETIMENTO EM UMA SESSÃO DE INICIAÇÃO MAÇÔNICA***

Diversos antropólogos, estudiosos dos rituais de iniciação das mais remotas civilizações até nossa contemporaneidade — entre eles, destacamos Campbell (1997), Eliade (1979) e Bachelard (2001) — são unânimes em defender a seriedade e o grande valor que as diferentes culturas deram às suas ritualísticas de iniciação. Da mesma forma, encontramos na maçonaria consagrados escritores; entre eles, Nicolas Aslan, Rizado da Camino e José Castellani, que fazem coro àqueles autores em relação à ritualística maçônica. A realização de cerimônias de iniciação maçônica reveste-se de uma importância que transcende o mero cumprimento de um rito formal. Insistimos aqui no fato de que essas cerimônias são, por essência, marcos simbólicos que assinalam a transição do indivíduo de uma fase a outra de sua existência, conferindo significado às mudanças que, sem tal ritualização, poderiam passar despercebidas ou esvaziadas de seu real valor.

Entre os extremos da objetividade e da subjetividade de uma sessão de iniciação maçônica, desdobra-se um vasto espectro de nuances, no qual a excelência da arte de representar, desempenhada por cada protagonista ou coadjuvante, revela de modo inequívoco o ponto preciso onde o trabalho se situa nessa escala.

Independentemente das razões que possam justificar uma performance superior ou inferior por parte dos atores deste verdadeiro teatro mítico — sejam elas fruto da inspiração ou da compulsão —, se houver adesão plena ao sentido metafísico e eterno da ritualística mística

que ali se desenrola, algo novo e imprevisível irrompe na existência do iniciado: aquele “*algo*” surgido das profundezas de seu ser — um núcleo primordial que começa a se delinear.

O cuidado e a seriedade na execução dessas ritualísticas refletem o respeito à continuidade histórica e ao legado cultural passado nessas circunstâncias. Cada elemento cerimonial carrega uma carga simbólica que, quando bem executada, fortalece o vínculo entre passado, presente e futuro, criando uma teia de significados que entrelaça gerações de maçons. Esse zelo ritualístico, portanto, atua como um fio condutor que assegura a perpetuação dos valores maçônicos fundamentais, reforçando a coesão social e a manutenção da nossa história, tecida ao longo dos milênios, além de proporcionar ao iniciado uma experiência profundamente transformadora, imbuindo-o de uma renovada consciência de pertencimento, identidade e responsabilidade perante o novo status que lhe é conferido.

Quando negligenciada a elaboração cuidadosa dessas cerimônias, arrisca-se esvaziar a própria essência da iniciação, reduzindo-a a um ato meramente burocrático, desprovido da carga simbólica que lhe dá relevância. Por isso, é imperativo que esses ritos sejam conduzidos com toda a solenidade, profundidade e significância que lhes são devidas, de modo a não apenas honrar as tradições, mas, principalmente, proporcionar ao iniciado e à coletividade maçônica uma experiência de pertencimento, transformação e continuidade.

## ***CONCLUSÕES***

Para Mircea Eliade (1979), os psicólogos contemporâneos, entre os quais C. G. Jung, evidenciaram como os grandes dramas do mundo moderno emergem de um profundo desequilíbrio psíquico, tanto no âmbito individual quanto no coletivo. Esse desajuste advém, em parte, do fato de o ser humano ter-se afastado da natureza, com a qual partilhou, durante milhares de anos, sua ontologia, e cujas circunstâncias, ao longo desse tempo, moldaram adequadamente sua existência. Tal distanciamento o desviou de sua substantividade, resultando em uma progressiva esterilização da sua imaginação, levando-o ao desenvolvimento de uma

ortodoxia pragmática, com consequências que comprometeram sobremaneira a harmonia antes existente entre a dualidade social e a espiritual.

Valorizar a imaginação faculta aos maçons usufruir de uma riqueza interior, proporcionada por um fluxo contínuo e espontâneo das alegorias e dos seus mitos. Contudo, essa faculdade não implica invenções arbitrárias. Ter imaginação, para o maçom, particularmente para aquele iniciado, significa contemplar o mundo em sua inteireza, pois o poder e a missão das imagens e dos mitos que lhe são apresentados, e dos quais ele passa a ter algum convívio, estão em captar aquilo que resiste à apreensão conceitual. Os iniciados que reaprenderam capacidades esquecidas e reapropriaram ferramentas perdidas da cidadania tornam-se os únicos que verdadeiramente adquiriram a condição de construtores à altura de erigir pontes que os capacitam a transpor os mais caudalosos rios, com a missão de permitir o fluxo e o refluxo milenar das práticas maçônicas históricas, quer nos estratos públicos, quer no privado.

Essas podem ser consideradas premissas funcionalistas<sup>[16]</sup> teorizadas pelo sociólogo Émile Durkheim (2007), um dos mais influentes teóricos do século XIX e considerado um dos fundadores da Sociologia Clássica. Durkheim defende a ideia de que as sociedades se mantêm unidas por meio de suas instituições, que desempenham papéis fundamentais na organização e no ajuste da vida social, assegurando seu pleno “*funcionamento*”. A teoria funcionalista, portanto, coloca a maçonaria, a qual sempre desempenhou papéis de grande relevância na estruturação de todas as sociedades das quais faz parte, como uma das principais artífices do ordenamento social, político e econômico dessas sociedades.

Sucedendo esse pensador, encontramos o filósofo José Ortega y Gasset, considerado o maior filósofo espanhol do século XX, que se tornou mais conhecido por sua célebre frase: “*Eu sou eu e minha circunstância, e se não a salvo, não me salvo a mim*” (apud Cordeiro, 2008). Para Gasset, a formação da personalidade humana está condicionada tanto pelas estruturas biológicas do indivíduo quanto pelas circunstâncias sociais que o envolvem. Esses dois aspectos, interligados, moldam o indivíduo, sendo ambos indispensáveis para o seu pleno desenvolvimento e, em última instância,

para sua sobrevivência. Assim, tanto o crescimento físico, regido pela biologia, quanto a inserção e adaptação ao meio social são fatores essenciais para o ser humano conseguir se consolidar e prosperar em sua totalidade.

O entrelaçamento dessas duas filosofias, tanto a de Durkheim quanto a de Gasset, legitima a história da maçonaria como uma das principais organizações humanas que moldaram as sociedades ocidentais, a partir da interação que sempre manteve com os mais diversos e até mesmo conflituosos interesses dos estratos sociais onde atua. Ao “*lapidar*” o caráter do maçom por meio do envolvimento deste com toda a ortodoxia valorativa e com o dogmatismo filosófico inerentes aos preceitos maçônicos, a maçonaria está formando cidadãos socialmente institucionalizados e, em tais circunstâncias, na plenitude de suas integralidades morais.

Contudo, a partir do limiar do novo milênio, com o espetacular avanço nos sistemas tecnológicos de comunicação, a volatilidade do tempo tornou a própria história a-histórica. A instantaneidade na ocorrência de eventos que se sucedem de forma contínua e ininterrupta faz com que fiquem obsoletos os eventos que os imediatamente antecederam, tornando a história autofágica. As consequências das arbitrariedades desse novo mundo trouxeram, para os maçons, novas responsabilidades. O candidato, ao se apresentar para integrar os quadros da maçonaria, traz consigo diferentes antinomias difíceis de avaliar e ainda mais difíceis de resolver. Um exemplo fornecido por Bauman (2001) é a contradição das identidades auto constituídas, que devem ser suficientemente sólidas para serem reconhecidas como tais e, ao mesmo tempo, flexíveis o suficiente para não impedir a liberdade de movimentos futuros em circunstâncias constantemente cambiantes e vaporosas. Some-se a isso o que se tornou a precariedade das parcerias humanas, agora sobrecarregadas de expectativas maiores do que nunca, mas mal institucionalizadas e, portanto, menos resistentes à carga adicional; ou ainda, a fragilidade de toda ação comum, que tem como apoio apenas o entusiasmo e a dedicação dos atores, mas que precisa de algo mais durável para manter sua integridade durante o tempo que leva para alcançar seus propósitos.

É de extrema importância que reconheçamos nos candidatos à iniciação, para que estes se sintam bem-vindos e confortáveis no novo ambiente que pode ser considerado, à primeira vista, como hostil, que, ao buscarem suas inserções à ordem maçônica, podem ter suas próprias identidades no emaranhado incerto e instável de um mundo cada vez mais virtual, distanciadas de uma necessária e integrativa vivência social, dificultando as manifestações de alteridades recíprocas que, em circunstâncias passadas, se manifestariam necessariamente. Os candidatos, nessas circunstâncias, podem se apresentar com suas identidades fragmentadas, algumas vezes mesmo comprometidas em suas substantividades. A eventual solidez que essas identidades poderiam ter quando contempladas de dentro de suas próprias experiências biográficas, no momento em que os candidatos se apresentam à iniciação, quase sempre se deixa transparecer sem seus aparatos de invulnerabilidades, revelando-se frágeis, vulneráveis e constantemente dilaceradas por forças que se instauraram na chamada pós-modernidade.

Historicamente, as civilizações conceberam arranjos que visavam preservar e eternizar suas culturas e, assim fazendo, preservavam também suas identidades e seus valores morais, que perpassavam de pais para filhos e de geração para geração. Porém, o advento da “*instantaneidade*” conduziu as culturas e a ética humana a um território estrangeiro e inexplorado, onde a maioria dos hábitos aprendidos para lidar com os afazeres da vida perdeu sua utilidade e sentido. Mas o que o aspirante à maçonaria veio tentar encontrar consiste na preservação da memória e na confiança no futuro, que foram para ele, até aqui, os dois principais pilares em que se apoiavam as pontes culturais e morais entre a transitoriedade e a durabilidade, a mortalidade humana e a imortalidade das realizações humanas, e também entre assumir a responsabilidade e viver o momento. O problema é que, nestes novos tempos, quando a própria noção de contemporaneidade se vê em cheque, não apenas os aspirantes à maçonaria, mas também muitos dos próprios maçons, tateiam as vagas e, muitas vezes, sombrias promessas de um futuro, tentando encontrar algo, minimamente uma referência, que pode não estar lá.

Como parte essencial das civilizações, sobretudo após a Idade Média, frequentemente criadora de seus paradigmas sociais e políticos mais

relevantes, a maçonaria, por consequência, não ficaria imune às influências da precariedade, da instabilidade e da vulnerabilidade características deste atual período, e muito menos poderia deixar de se influenciar por ele.

No seio da ordem maçônica, tem-se em mente o mesmo aspecto da condição humana comum à maioria, experimentada conceitualmente de várias formas e com nomes diferentes por todas as Lojas. O fenômeno que esses conceitos almejam captar, avaliar e analisar reside na ausência de garantias — sejam elas de posição, títulos ou sobrevivência —, na incerteza quanto à continuidade e estabilidade futura, e na insegurança que afeta o corpo, o Eu e suas extensões: propriedades, vizinhança e comunidade. Este é o principal dilema que tem sido comum nos debates em Lojas, em busca de possíveis alternativas, dos quais os neófitos, ainda incertos sobre terem aportado em algum porto seguro, continuam buscando respostas para seus questionamentos, já que, no mundo profano, suas vozes se confundiram com milhões de outras, numa cacofonia de incertezas.

Outro dilema que se configura para os maçons, diante da recepção de novos irmãos, constituídos principalmente por jovens profissionais liberais, industriais, comerciantes, bancários e servidores públicos, entre outros, cujas consequências são, em sua maioria, suas principais vítimas, é a ocorrência sistemática, ao nível global do mundo profano, de instabilidades políticas, insegurança jurídica e, destacadamente no Brasil, a insistência na instalação de um regime que se convencionou chamar de “*juristocracia*”<sup>[17]</sup> no qual alguns membros voluntariosos do poder judiciário agem arbitrariamente, à revelia de imperativos constitucionais, de formas definitivamente comprometedoras de toda a nossa institucionalidade democrática.

Os países do Ocidente, de modo geral, e, em particular, os da América Latina, têm sido objeto de experiências assustadoras por parte de esferas do poder público, que trazem para a nossa realidade a era que inspirou distopias como as de Huxley (2014) ou de Orwell (2022). As premonições desses autores parecem acontecer diante de nossos olhos com lentes ampliadas. Por consequência, os neófitos, na condição de aprendizes e já conhecedores da história da maçonaria — tida como uma das principais salvaguardas das instituições democráticas e liberais — colocam-se na

expectativa de que a Ordem Maçônica possa, mais uma vez, oferecer à nação brasileira alternativas mais promissoras do que as surgidas nos nebulosos horizontes nacionais.

Nessas circunstâncias, o elevado propósito da maçonaria surge como um bálsamo para o espírito do iniciado, pois a jornada vivida por ele no processo de iniciação moldou sua percepção do futuro, com suas complexidades e sutilezas, e a sua participação nele, quando, ainda na condição pré-iniciática, recolhido reflexivamente na “caverna”, fizera contato com a imanência histórica do estranho: o futuro. Esta nova característica pessoal transforma-se no espelho onde o iniciado, no estágio atual, se contempla e se define como maçom.

Quaisquer que tenham sido os motivos ou mesmo os atrativos que fizeram com que o então profano aceitasse o convite para integrar os quadros da Arte Real, sua maravilhosa, quase mágica, capacidade de dar forma ao disforme e duração ao transitório, nestes tempos tão inconstantes e incertos, está certamente entre eles. Graças a essas capacidades, os iniciados — e entre eles muitos dos veteranos — esperam da maçonaria que, como propôs Bauman mais uma vez, esta retome as rédeas do destino de nossa nação, exercendo papel dentre os protagonistas na moderna ambição de “submeter”, “encilhar” e “colonizar” o futuro, a fim de substituir o caos pela ordem e a contingência pela previsibilidade na sequência dos eventos. À maçonaria foram atribuídas muitas virtudes e efeitos benéficos, como, por exemplo, a criação de regimes democráticos mundo afora, o aumento da riqueza e a eliminação da miséria, entre outros; mas, subjacente a todos os méritos atribuídos a ela, está sua decisiva contribuição para o estabelecimento da ordem e para o ato histórico de colocar a espécie humana no comando de seu próprio destino.

Por fim, a título de orientação a todo aspirante à maçonaria, adaptamos para este contexto as palavras de Tocqueville, cujos princípios democráticos comungavam fielmente com os princípios maçônicos que podem ser, em última instância, o telos maçônico: — O Maçom é um cidadão que tende a buscar seu próprio bem-estar através do bem-estar da cidade — enquanto o profano tende a ser omissivo, cético ou prudente em

relação à causa comunitária, ao bem comum, à boa sociedade ou à sociedade justa.

### ***REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS***

Bachelard, Gaston. 2001. O ar e os sonhos: Ensaio sobre a imaginação do movimento. São Paulo: Martins Fontes.

Bauman, Zygmunt. 2001. Modernidade líquida. Rio de Janeiro: Zahar.

Buber, Martin. 1977. Eu e Tu. São Paulo: Cortez & Moraes.

Campbell, Joseph. 2001. Mitos, sonhos e religião. Rio de Janeiro: Ediouro Publicações S.A.

Campbell, Joseph. 1997. O herói de mil faces. São Paulo: Cultrix/Pensamento. PDF, acessado em 14 maio 2023. (arquivo local).

Chalita, Gabriel. 2005. Vivendo a filosofia. São Paulo: Ática.

Durkheim, Émile. 2007. As regras do método sociológico. São Paulo: Martins Fontes.

Eliade, Mircea. 1979. Imagens e símbolos. Lisboa: Arcádia.

Fiori, G. d'. 2012. "Carta de Bolonha." PDF. Acessado em 2012. <http://www.provinciamassonicakr.it/public/docs/CartaBologna.pdf>.

Gasset, Ortega y. 2013. "Nivaldo Cordeiro, um espectador engajado." Arquivo da Web. Acessado em 8 set. 2024. <http://web.archive.org/web/20190829022122/http://nivaldocordeiro.net/blog/2013/06/11/ortega-y-gassete-as-circunstancias/>.

Huxley, Aldous L. 2014. Admirável mundo novo. Rio de Janeiro: Biblioteca Azul (Globo Livros).

Jung, C. G. 1964. O homem e seus símbolos. Rio de Janeiro: Nova Fronteira.

Kant, Immanuel. 1988. Crítica da razão pura. São Paulo: Nova Cultural.

Kundera, Milan. 2008. A insustentável leveza do ser. São Paulo: Companhia de Bolso.

Leon, Festinger. 1975. A teoria da dissonância cognitiva. São Paulo: Zahar.

Lima, Marcos. 2024. "A ressingularização da Ordem Maçônica." In *Maçonaria & Democracia*, editado por H. P. Bezerra, Brasília: A Gazeta Maçônica.

Lispector, Clarice. 1988. A hora da estrela. Rio de Janeiro: Rocco.

Maxence, Jean-Luc. 2004. A aurora da Maçonaria: O pensamento junguiano na Ordem Maçônica. São Paulo: Madras.

Orwell, George. 2022. 1984. Rio de Janeiro: Garnier.

Platão. 2012. A República. São Paulo: Martin Claret Ltda.

Schopenhauer, Arthur. 2015. O mundo como vontade e representação. São Paulo: UNESP.

Tocqueville, Alexis de. 2019. A democracia na América. PDF, Idoctpub. Acessado em 13 set. 2024.

## *AS SETE ARTES LIBERAIS*

Nathanael Kusch Brey<sup>[18]</sup>

ARSL Fraternidade Acadêmica Ciência e Arte Real N° 4284

GOB - Oriente Joinville

### *INTRODUÇÃO*

Este trabalho tem como objetivo apresentar e discutir as sete artes liberais sob o contexto histórico filosófico, partindo dos preceitos da ciência na idade média como contexto histórico, e a interrelação com a maçonaria com caráter filosófico.

Assim, inicialmente deve-se compreender o objeto de estudo, na qual Shigue (2012, pg. 1 apud MEDEIROS, 2019, pg. 69) define que:

*Artes liberais é uma expressão que designa um conjunto de estudos e disciplinas através das quais se intenciona prover conhecimentos, métodos e habilidades intelectuais gerais para seus estudantes, ao invés de habilidades ocupacionais, científicas ou artísticas mais especializadas.*

Conseqüentemente, Joseph (2014) explica que as artes liberais denotam os sete ramos do conhecimento que iniciam o jovem numa vida de aprendizagem. Basicamente, o conceito é do período clássico, mas a expressão e a divisão das artes em trivium e quadrivium datam da Idade Média. Para ela o trivium inclui aqueles aspectos das artes liberais pertinentes à mente, sendo a lógica, a gramática e a retórica. Enquanto isso, o quadrivium está ligado àqueles aspectos das artes liberais pertinentes à matéria, sendo a aritmética, a música, a geometria e a astronomia.

Basicamente as sete artes liberais era uma forma de metodologia de ensino, concebida na Idade Média. Tinha como intuito a formação multidisciplinar visando à formação plena, sem necessariamente ser profissionalizante. Referiam-se as disciplinas acadêmicas ou profissões (artes) exercidas pelos homens livres, compostas do trivium (lógica, gramática, retórica) e do quadrivium (aritmética, música, geometria, astronomia).

Almeida (2018) rememora a idade média, que os estudos universitários eram divididos entre o aprendizado do trívium (retórica, oratória e teologia) e o do

quadrivium (gramática, matemática, geometria e literatura). Ele ainda alega que tanto no trivium quanto no quadrivium procurava-se o belo e o verdadeiro.

Tal metodologia de ensino baseada nas sete artes liberais foi adotada por Santo Agostinho (354-430), ao eleger o conhecimento do trivium e do quadrivium como necessários para a compreensão e ensino das escrituras (PEINADO, 2012). De acordo com Peinado (2012), para Santo Agostinho, a compreensão das escrituras pressupunha que o estudioso soubesse ler e escrever, bem como também tivesse conhecimento do trivium e do quadrivium.

Em caráter filosófico, para Figueiredo (1998), as artes liberais são as que se ensinam alegoricamente ao companheiro maçom, do simbolismo, durante as segunda e terceira viagem de sua recepção. Considerando que na segunda viagem o companheiro maçom lhe é apontado a arquitetura, a escultura, a pintura, a música e a poesia; e na terceira viagem, se lhe indicam as ciências naturais: matemática, geometria, filosofia, biologia e sociologia (FIGUEIREDO, 1998).

Ainda neste contexto, Figueiredo (1998) afirma que outros autores apresentam como artes liberais neste grau a lógica, a gramática, a retórica, a aritmética, a geometria, a astronomia e a música. Na figura 1, apresenta-se uma obra Hortus Deliciarum do século XII, de Herrad de Landsberg, nominada *Philosophia et septem artes liberales*.



Figura 1- Philosophia et septem artes liberales ("Filosofia e As Sete Artes liberais") de Herrad de Landsberg da obra Hortus Deliciarum (século XII).

## ***TRIVIUM***

Trivium significa o cruzamento e a articulação de três ramos ou caminhos e tem a conotação de um “cruzamento de estradas” acessível a todos (JOSEPH, 2014). Ainda para Joseph (2014), o trivium (lógica, gramática, retórica) são as três artes da linguagem pertinentes à mente, e denota-se pôr a lógica que é a arte de pensar; a gramática, que é a arte de inventar símbolos e combiná-los para expressar pensamento; e a retórica, que é a arte de comunicar pensamento de uma mente a outra, ou de adaptar a linguagem à circunstância.

O trivium composto pelas disciplinas: gramática, dialética e retórica, é um conjunto de conhecimentos que abrange desde a forma da escrita, o significado das palavras, a lógica do pensamento até ao uso da linguagem que deveria ser escolhida para comunicar e ensinar o que se compreendeu (PEINADO, 2012). Nesta linha, Durkheim (1995, pg. 52 apud PEINADO, 2012, pg. 3) afirma que:

O trivium tinha por objetivo ensinar a própria mente, isto é, as leis às quais obedece ao pensar e expressar seu pensamento, e, reciprocamente, as regras às quais deve sujeitar-se para pensar e expressar-se corretamente. Tal é, com efeito, a meta da gramática, da retórica e da dialética. Esse triplo ensino é, pois, totalmente formal. Manipula unicamente as formas gerais do raciocínio, abstração feita de sua aplicação às coisas, ou com o que é ainda mais formal do que o pensamento, ou seja, a linguagem.

Assim, as três artes da linguagem podem ser definidas conforme se relacionam com a realidade e entre si, pois a metafísica ou ontologia, a ciência do ser, trata da realidade, da coisa tal como ela existe. Desta forma, a lógica, a gramática e a retórica têm as seguintes relações com a realidade: A lógica trata da coisa tal como ela é conhecida; A gramática trata da coisa tal como ela é simbolizada; A retórica trata da coisa tal como ela é comunicada (JOSEPH, 2014).

## ***LÓGICA OU DIALÉTICA***

Athayde (2009) sugere que para que as pessoas possam discutir apropriadamente, é necessário que estas tenham o conhecimento de como falar de maneira correta e verdadeira. Como a natureza das palavras e a natureza das intelecções (intellectuum), que são as bases pelas quais um tratado de filosofia pode ser explicado de maneira clara e racional, devem fazer parte da ciência lógica. Salienta ainda, que a lógica racional ou argumentativa abrange a retórica e

a dialética, assim como a lógica do discurso se relaciona com a gramática, a dialética, a retórica e ainda a argumentativa.

Santo Agostinho, sugere que a lógica é a ciência do raciocínio, e que não servia apenas para articular discussões e enganar o adversário, mais para convencê-lo da verdade (PEINADO, 2012). Dentro desta linha de pensamento, Athayde (2009) sugere que a dialética é a disputa afiada para distinguir o certo e o errado, o que difere da retórica que é a disciplina a que cabe convencer sobre as coisas que forem convenientes. Ele cita Santo Agostinho, quando ele a define como “o que é relativo à da alma, onde reina a disciplina da discussão e a do número”, ele menciona que Santo Agostinho diz que a dialética também denominada por ele como disciplina da discussão é de suma importância para entender e solucionar as dificuldades que se apresentam nas escrituras (ATHAYDE, 2009).

Enfatiza-se que a lógica surgiu devido à necessidade de discutir apropriadamente sobre as coisas, pois estas não se comportam no raciocínio da mesma maneira que nos números: com os números, é possível computar-se algo e o resultado ser equivalente às coisas (ATHAYDE, 2009 pg. 72).

No contexto maçônico, Camino (2001 apud MEDEIROS, 2019) sugere que a lógica é referente a compreensão das etapas que devem ser empregues, no processo do cotidiano para a realização de uma determinada atividade, considerando que, a partir dessa mesma lógica, é possível se compreender o princípio e o desfecho de um acontecimento com base apenas no fragmento de informação apresentada. Assim, simbolicamente, ensina o companheiro a ser reto, justo, leal compreensivo e tolerante, pois as conclusões da razão devem provir de uma mente treinada e tranquila, ponderada e reflexiva, tratando-se da ciência da vida ajustada pelo raciocínio dado palavra ao verdadeiro sentido e o equilíbrio social (CAMINO, 2001 apud MEDEIROS, 2019).

## ***GRAMÁTICA***

Segundo Joseph (2014) a gramática é a ciência de falar sem erro, ou mesmo a gramática zela para que todos falem da mesma coisa, e é a arte de inventar e combinar símbolos, mais também a gramática é um conhecimento experimental dos modos de escrever nas formas geralmente correntes entre poetas e prosadores de uma língua. Está dividida em seis partes: (1) leitura instruída, com

a devida atenção à prosódia [versificação]; (2) exposição, de acordo com figuras poéticas [retórica]; (3) apresentação das peculiaridades dialéticas e de alusões; (4) revelação das etimologias; (5) relato cuidadoso das analogias; (6) crítica das obras poéticas, que é a parte mais nobre da arte gramatical (JOSEPH, 2014).

Na obra “*Trivium e Quadrivium - As artes liberais na idade média*” encontra-se a gramática definida da seguinte forma (ATHAYDE, 2009 pg. 74):

*Assim é que, com Donato e Prisciano, a ars grammatica se limita ao estudo da língua; na idade média se subdivide em quatro partes: ortografia, morfologia, sintaxe e métrica, e só no século XVIII é que se instaura a divisão em três partes: fonética, morfologia e sintaxe.*

No meio maçônico, Medeiros (2019 pg. 73) ao tratar da gramática afirma que:

*É através da gramática que o companheiro maçom pode instruir-se mais profundamente nos saberes e mistérios da ordem, deixando de fazer simples análises simbólicas e dialogando com autores, estudiosos e filósofos através dos escritos deixados por seus antecessores. O tempo de estudos de um aprendiz é dotado de passos retos na direção do que é certo para a maçonaria, enquanto ao companheiro é dada a liberdade de sair do caminho e retornar ao seio da filosofia maçônica.*

## **RETÓRICA**

Para Joseph (2014) a retórica é a arte mestra do trivium, pois pressupõe e faz uso da gramática e da lógica, é a arte de comunicar através de símbolos as ideias relativas à realidade. Joseph (2014 pg. 34) afirma que Aristóteles em sua obra sobre a retórica, define: “*A retórica pode ser definida como a faculdade de, em qualquer situação, perceber os meios de persuasão disponíveis*”. Assim a retórica se preocupa com as escolhas daquele que fala ou escreve a partir das opções que a gramática e a lógica oferecem.

Santo Agostinho também a denomina à retórica como eloquência, apresentando a seguinte explicação:

*Existem também certas normas para o discurso mais desenvolvido, chamadas eloquência. Apesar das normas serem verdadeiras, elas podem persuadir coisas falsas. Mas, como graças a essas normas, os homens podem também expor o que é verdadeiro, a culpa não é da*

*arte da palavra, mas a perversidade vem dos que dela se servem mal. Tampouco, foi de instituição dos homens que uma exposição agradável arraste o ouvinte; que uma narração breve e clara insinue facilmente o que intenta; e que a variedade sustente a atenção sem cansaço. Tampouco foram inventados pelos homens preceitos análogos que deixam de ser verdadeiros em si próprios, quer nas causas falsas, quer nas verdadeiras, à medida que fazer crer ou conhecer algo de novo, ou movem os ânimos a desejá-lo ou, ao contrário, evitá-lo. Essas normas são encontradas já existentes desse modo, antes de serem instituídas para que surjam desse modo (ATHAYDE, 2009 pg. 76).*

Da mesma forma, Medeiros (2019) sugere que a retórica é em concepção a arte da eloquência, da argumentação e da oratória, não de forma desordenada ou sem regras, mas pensada e direciona a construção dos saberes. Camino (2001 apud MEDEIROS, 2019) afirma que a eloquência é a arte de falar bem, cultivada por algum podendo ser resultado de muito esforço e estudo, ou resultado de dom natural, inato.

No contexto maçônico, tem-se por tradição que as lojas maçônicas são de fato e direito oficinas de retórica, formadoras de cidadãos fomentadores de sociedades melhores e mais esclarecidas (MEDEIROS, 2019).

## ***QUADRIVIUM***

A segunda parte das artes liberais é o quadrivium, que segundo Joseph (2014) etimologicamente significa o cruzamento de quatro ramos ou caminhos. A autora segue afirmando que o quadrivium está voltado para o estudo da matéria, por meio do domínio das seguintes disciplinas: aritmética (a teoria do número); em música (a aplicação da teoria do número), em geometria (a teoria do espaço) e em astronomia (a aplicação da teoria do espaço), e que o objetivo destas artes ditas "*da quantidade*" era prover meios e métodos para o estudo da matéria, sujeitos a aprimoramento no âmbito das disciplinas ditas superiores.

Na mesma linha, Peinado (2012) sugere que o quadrivium consiste num conjunto de conhecimentos objetivos e abstratos os quais também eram uteis, como predito por Durkheim (1995, pg. 52 apud PEINADO, 2012 pg. 4) em sua análise sobre o quadrivium:

*[...]Jera um conjunto de conhecimentos relacionados com as coisas. Seu papel era tornar conhecidas as realidades externas e suas leis, leis*

*dos números, leis do espaço, leis dos astros, leis dos sons. Assim, as artes que abraçava era chamadas de artes reales ou physica.*

Por fim, Sousa et al (2016) alega que a aritmética, a música, a geometria e a astronomia, corresponde, grosso modo, às ciências exatas que por alguns é definida com qualquer área da ciência que é capaz de se expressar quantitativamente, ou seja, o quadrivium, que etimologicamente significa o cruzamento de quatro caminhos, está voltado para o estudo da matéria. Para eles, a matemática é a ciências dos números e o quadrivium é a divisão da matemática em quatro ramos: Aritmética – ou números em repouso, relacionada ao estudo dos números; Música – ou números em movimento, considerada uma aplicação da aritmética e ao estudo dos princípios musicais; Geometria – ou grandezas em repouso, relacionada com a teoria do espaço, grandezas estáticas; e a Astronomia – ou grandezas em movimento, como também uma aplicação da Geometria (SOUSA et al, 2016).

## ***ARITMÉTICA***

Segundo Athayde (2009) a aritmética é também era conhecida como teoria matemática dos números naturais, ou seja, dos números inteiros positivos. O autor ainda advoga que mesmo existindo pouco material disponível para o ensino da aritmética, essa disciplina, ou arte tinha importância no currículo das escolas medievais considerada um pré-requisito para que os alunos assimilassem a música.

De acordo com a tradição de Pitágoras, era considerada como uma aplicação da teoria dos números, pois Pitágoras observou que quando os comprimentos de cordas vibrantes podem ser expressos como razões de números inteiros simples, como dois para três (para a quinta) ou três para quatro (para quarta), os tons serão harmoniosos. Este fato propiciou que a aritmética posicionasse com destaque no currículo escolar (ATHAYDE, 2009). No contexto maçônico, Medeiros (2019) crê que a arquitetura, qual possui estrutura primordial na inspiração maçônica tem seu seio na matemática, assim, a aritmética, enquanto ciência, é fundamental por estudar o entorno das operações matemáticas (soma, subtração, multiplicação, divisão etc.). Medeiros (2019) continua dizendo que é por meio da aritmética, que se encontra o símbolo que melhor compreende o atributo do companheiro Maçom, pois é por intermédio dele que se torna possível a multiplicação das virtudes, a exemplo da benevolência e da honradez.

## ***MÚSICA***

Desde a antiguidade o homem produz sons, e esses sons, numa sequência melódica, originam a música. Mas como surgem as escalas, as notas, os compassos de que temos conhecimento nos dias de hoje? Surgem de uma observação matemática (SOUSA et al 2016). Assim, lembrando, a música era para os pitagóricos um sinal da harmonia do cosmos, bem como uma via para conseguir o equilíbrio interno. Sousa et al (2016) advoga que os pitagóricos foram os primeiros a fundamentá-la cientificamente, e que consideravam que a música tinha uma aritmética escondida, se considerar que para os pitagóricos, “*tudo é número*”.

No âmbito do quadrivium, a música é entendida como o estudo dos princípios musicais, tais como harmonia, não podendo ser confundida com a música instrumental aplicada (uma das sete belas-artes) (JOSEPH, 2014). Nesta mesma linha, Sousa et al (2016) acredita que a Música são os números em movimento, considerando uma aplicação da aritmética e ao estudo dos princípios musicais.

Athayde (2009) sugere que a música possui duas definições filosóficas, sendo a primeira a que a considera como revelação de uma realidade privilegiada e divina ao homem, e que, tal revelação pode assumir a forma do conhecimento ou do sentimento. A segunda considera a música como um conjunto de técnicas expressivas que concernem à síntese dos sons.

Medeiros (2019) defende que a música é elemento fundamental na construção cultural, étnica e social do indivíduo. Ele acredita que a música é a arte em seu estado mais puro e a ciência no seu estado mais avançado, e que por meio dela se contam histórias, que gravam sentimentos e lapida-se a alma. No contexto maçônico, ligar-se com o sublime ou com o profano, é possível através da música, a qual funde o maçom ao meio em que está e torna a experiência vivenciada nos templos algo único e formidável (MEDEIROS, 2019).

## ***GEOMETRIA***

De forma geral, a geometria é a ciência que estuda as possibilidades métricas dos conjuntos, e acredita-se que foi Pitágoras quem deu forma de educação liberal ao estudo da geometria, procurando seus princípios primeiros e investigando seus teoremas do ponto de vista conceitual e teórico (ATHAYDE, 2009).

No mesmo entendimento, Medeiros (2019) alega que a geometria versa sobre a aplicação da aritmética na construção de formas que constituem o mundo, referindo-se a questões que envolvem a forma dentro da matemática, tais como o tamanho, posição, propriedades e espaços em que se apresentam. Assim, sabe-se que a régua é usada para traçar partes de retas pela ligação de quaisquer dois dos seus pontos, visto que a reta é infinita nos seus dois sentidos, e o compasso é utilizado para construir circunferências, onde todos os pontos de uma mesma circunferência têm a mesma distância, o raio, a um mesmo ponto, o seu centro, na qual todos estes conhecimentos advêm da geometria, e são plenamente aplicáveis no mundo real (SOUSA et al, 2016). A geometria possui grande significância no contexto maçônico, pois como predito por Camino (2001, pg. 73 apud MEDEIROS, 2019 pg. 76):

*[..] ela é responsável pela construção de toda obra edificada. Não há um símbolo, seja uma Coluna, ou um Avental, uma Estrela ou outro qualquer que dispense para a sua criação do traçado geométrico e é tamanha a importância desta ciência-arte, que o Maçom denomina no Grau 2 o Grande Arquiteto do Universo como Grande Geômetra, analisando com profundidade a letra “G”. [...]*

Assim, Medeiros (2019) afirma ser imprescindível a busca pela compreensão filosófica para com a natureza que permeia o Maçom, e sua relação com o universo, a devida proporção áurea de suas análises em sintonia com a exatidão e retidão de suas ações.

## **ASTRONOMIA**

Segundo Athayde (2009) a astronomia é a ciência que trata a lei dos astros e a revolução do céu, investigando as regiões, as órbitas, os movimentos, o raiar e o pôr-se das estrelas e as razões do nome de cada uma. Ele afirma que no princípio, quando da descoberta da geometria denominada também “medição da terra”, a grandeza imóvel foi atribuída à geometria e a grandeza móvel à astronomia. Assim, a dimensão das regiões e das órbitas celestes analisada pela geometria é imóvel, já, o objeto de indagação da astronomia, ao contrário, é móvel, como as órbitas dos astros e os intervalos de tempo, uma contempla aquilo que permanece, outra indaga aquilo que passa (ATHAYDE, 2009).

Oliveira (2012) traz um conceito acerca de astronomia, segundo Van Roomen, em sua obra *Mathesis Polemica* de 1605, na qual:

*A astronomia é a ciência do movimento dos corpos celestes. A uranografia distingue o céu em suas partes tanto sensíveis quanto inteligíveis. Sensíveis são as estrelas e a via láctea, porém inteligíveis são as esferas e os círculos. Além disso, a uranografia é uma parte da astronomia, e certamente a principal.* (ROOMEN, 1605, pg. 26 apud OLIVEIRA, 2012, pg. 39)

No sentido aristotélico, sensível é aquilo que pode ser percebido através dos sentidos, enquanto, inteligível é tudo que pode ser entendido com o intelecto, por isso Van Roomen escreve que as estrelas e a via láctea, por exemplo, são sensíveis, pois podem ser percebidas pelo sentido da visão, enquanto os círculos e as esferas só podem ser concebidos como objetos do intelecto humano (OLIVEIRA, 2012).

Na concepção maçônica, Medeiros (2019) descreve que a forma de adorno nos templos maçônicos por meio da representação cósmica, permite ao culto, contemplar de frente a totalidade da existência, possibilitando a compreensão que por mais esforçado que seja, ainda não é concebível compreender a totalidade da verdade.

E no simbolismo maçônico, Medeiros (2019, pg. 77) alega que:

*A ciência que versa o movimento, o destino cosmológico e sua dimensão relativa à insignificância humana, quando aliada a justa filosofia, permite ao companheiro maçom compreender mais do que o simbolismo advindo dos mistérios do mundo antigo (a exemplo dos panteões gregos e romanos os quais adotavam o cosmos representativamente em suas divindades), mas passe a compreender verdadeiramente seu papel enquanto membro da sociedade e seu papel enquanto elemento cósmico (o que pode ser revelador, pois se constata sua insignificância no processo levando o verdadeiro companheiro maçom ao entendimento de uma verdade maior, a qual ainda precisa desbravar).*

## **CONCLUSÕES**

Nesta peça de arquitetura objetivou-se apresentar e discutir as sete artes liberais sob o contexto histórico filosófico. Realizado por meio da fragmentação das sete artes liberais no trivium (lógica, gramática e retórica) e no quadrivium (aritmética, música, geometria e astronomia).

Ao apresentar cada um dos assuntos, buscou-se fazê-lo sob duas perspectivas: histórica – preocupando-se principalmente com o contexto histórico, principalmente na era medieval; e filosófica – preconizando contextualizar com os preceitos maçônicos.

Assim, foi possível compreender, que as sete artes liberais, significavam uma estrutura metodológica de ensino, como se fosse um currículo básico de formação superior, antes do adentramento nos estudos superiores (teologia, medicina, direito etc.).

Minha percepção individual, foi no sentido filosófico, de que a formação do companheiro maçom é pautada em uma estrutura pedagógica que preconiza a aprendizagem e o autoconhecimento. E que alguns conhecimentos devem ser adquiridos pelo companheiro maçom, pois são primordiais para que se tenha a plenitude (deveres e direitos) como maçom.

### ***REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS***

Almeida, Vasni de, org. 2018. História da educação e método de aprendizagem em ensino de história. Palmas, TO: EDUFT.

Athayde, Wesley Rodrigues. 2009. "As artes liberais e mecânicas: Uma via para o conhecimento da Sapiência, segundo Hugo de São Vítor." Dissertação de Mestrado, Departamento de Filosofia, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo.

Figueiredo, Joaquim Gervásio de. 1998. Dicionário de Maçonaria: Seus mistérios, seus ritos, sua filosofia, sua história. 3ª ed. rev. e ampl. São Paulo: Editora Pensamento.

Joseph, Miriam. 2014. O Trivium: As artes liberais da lógica, da gramática e da retórica. Reimpresso no Brasil. Philadelphia: Paul Dry Books, Inc.

Medeiros, Jonas de. 2019. O Rito Moderno (Francês) – Ensaios Filosóficos (Grau de Companheiro). Vol. 2. Joinville: Independently Published.

Oliveira, Zaqueu Vieira. 2012. "Os fundamentos da astronomia segundo Adriaan Van Roomen." Revista Brasileira de História da Matemática 12 (24).

Peinado, Maria Rita Sefrian de Souza. 2012. "O ensino do Trivium e do Quadrivium, a linguagem e a história na proposta de educação agostiniana." Imagens da Educação 2 (1).

Sousa, Áurea, Helena Melo, Jerônimo Nunes, João Cabral, Maria do Carmo Martins, Oswaldo Silva, e Paulo Medeiros. 2016. Matemática 7: Perspectivas. Portugal: EGA – Empresa Gráfica Açoreana.

## ***REVISÃO HISTÓRICA DA ADOÇÃO DOS LOWTONS.***

Neumar Antônio Trajano de Sousa<sup>19</sup>

ARLS Herman Blumenau nº 1896 – REAA ARLS Acadêmica

Concórdia et Humanitas nº 4449 Rito Moderno

GOB - Oriente de Blumenau

### ***INTRODUÇÃO***

Há alguns anos surgiu o Tema dos Lowtons de forma muito peculiar, quando realizava uma outra pesquisa ainda não finalizada a respeito de Jerônimo Francisco Coelho, considerado o Patrono da Maçonaria Catarinense. Durante a revisão bibliográfica – ponderando o binômio data/evento - surgiu a hipótese (ver apêndice sobre Jerônimo Francisco Coelho de que a sua iniciação na Ordem poderia ter ocorrido antes do tempo normal para a época cuja idade prevista na legislação em vigor dispunha que “(...) *nenhum cidadão poderia ser apresentado à iniciação se não houvesse completado 20 (vinte) anos (...)*”.

Havia, entretanto, uma exceção para o ingresso favor de um Leuton<sup>[19]</sup>. Este termo era utilizado para se referir – pelos Regulamentos Particulares das Lojas Maçônicas, de 1832, - ao filho de um Mestre pobre que havia sido adotado por uma Loja para aprender uma profissão a fim de satisfazer todas as suas necessidades até que completasse dezoito anos, preparando-o para o futuro ingresso na Maçonaria.

Esse fato despertou o interesse pela pesquisa do tema Lowtons na literatura maçônica com o objetivo de revisar as suas origens históricas, a sua concepção no âmbito da Ordem e os termos utilizados para a sua designação, e, especificamente no que diz respeito ao Grande Oriente do Brasil, o intuito foi o de realizar o levantamento histórico dos Lowtons na legislação, visando esclarecer quem pode ser adotado, quem pode adotar e os requisitos para a adoção, bem como, verificar a existência de outras disposições legais principalmente no que diz respeito às obrigações da Loja para com os adotados.

A base material existente é abundante na literatura estrangeira pesquisada (principalmente nas obras em francês e inglês), e o século XIX

foi o auge da produção literária acerca dos Lowtons, as suas cerimônias e rituais, os cânticos entoados<sup>[20]</sup> e a •• diferenciação entre as suas espécies (o batismo, a recepção e a adoção). Em razão disso, optou-se por realizar a revisão bibliográfica nessas fontes, que se apresentaram como um referencial teórico sólido sobre o tema.

Quanto à revisão bibliográfica nacional, muito pouco se localizou que pudesse trazer algo diferente daquela acima referida. Encontrou-se alguns poucos artigos de revistas e parágrafos em capítulos de livros que se limitaram a apresentar um pequeno resumo geral do que são os Lowtons e uma breve exposição da cerimônia de adoção.

Ao final, encontram-se as referências bibliográficas consultadas para o desenvolvido desse trabalho, precedido das considerações finais.

### *LOWTONS: ORIGENS.*

Os autores pesquisados são unânimes em afirmar que a história por detrás da palavra Lowton é muita antiga e que sua origem se perdeu no tempo.

Há fontes documentais, entre os Séculos XVIII e XIX, que, em seus significados originais, importam duas coisas muito diferentes para designar propriamente o filho de um Maçom. Assim, na Maçonaria de língua inglesa existe o Lewis que é uma ferramenta operacional cujo grampo de ferro é inserido numa cavidade preparada para prender qualquer pedra grande, de modo a dar fixação a uma roldana e gancho, através do qual a pedra pode ser convenientemente levantada para qualquer altura e depositada em sua posição adequada, de modo que o maçom operativo era capaz de levantar as pedras mais pesadas com um esforço comparativamente insignificante de força física. Simbolicamente representa o dever do filho de um Maçom em apoiar os poderes em declínio e ajudar a força fraca de seu pai.

Alguns autores de língua inglesa associam outras ideias ao significado da palavra Lewis. Wilmshurst (2024), por exemplo, é da opinião de que:

*Lewis é uma moderna corruptela de Elêusis e de outros termos gregos e latinos associados com a luz. Em nossas preleções de instrução se diz que designa ao “filho de um maçom”.*

Oliver (Oliver, 1853) acrescenta dois requisitos para caracterizar o Lewis:

*Lewis também deve ser um jovem culto e moralmente respeitável, ou a entrada na loja será recusada a ele, bem como àqueles cujos pais não são maçons.*

Numa matéria publicada na Revista da Loja Quatuor Coronatorum há a descrição da origem da palavra Lewis, tendo o seu significado advindo da língua anglo-saxônica:

*No vol. xi. 8ª série de “Notes and Queries” há referências à derivação de Lewisham por dois estudiosos da A.S., que têm o seguinte efeito: “Em uma Carta de Ethelbert datada de 862, o local acima é então conhecido como Liofshema mearc, a marca dos habitantes de Liofsham, a casa ou moradia de alguma pessoa cujo nome começava com o elemento Liof ou Leof, ou seja, querido. Esse prefixo parece ter sido corrompido de Leof-su, que veio de Leof-suna, literalmente, filho querido. Ele ainda sobrevive no sobrenome Leveson, que todos sabemos que é pronunciado como Lewson. O nome do lugar parece ter passado por algumas digressões, pois no século XVII era escrito Lews'am, e era soletrado foneticamente como Lusam, e finalmente se tornou Lewis devido à mudança de etimologia.*

Embora tenha sido apresentada a origem da derivação da palavra Lewis numa base material, ao final, concluiu que aquela solução apresentada ficou muito aquém do objetivo pretendido. De uma maneira geral não se pode ignorar de todo as origens dos sobrenomes toponímicos ou mesmo os ocupacionais, de cargos e aqueles relacionados com os apelidos oriundos do Domesday Book<sup>[21]</sup>. Porém, nenhum deles atesta a origem do significado maçônico da palavra Lewis.

Após explicar que o dispositivo (Lewis), bem como essa nomenclatura, era de uso comum em França desde muito cedo, resultado da ocupação romana e de algumas semelhanças com a linguagem antiga daquele País, Falconer lançou a ideia de que a origem etimológica daquela palavra veio do verbo “levitar”<sup>[22]</sup>:

*A palavra latina leuis, que significa levitar, deu origem à palavra latina média levis, que significa leve em peso. Ambas as palavras refletem apropriadamente o propósito de Lewis, que é facilitar o levantamento de uma pedra ou, no vernáculo, aliviar a carga. O latim antigo leuare, o latim médio levare, o francês antigo leveor, o inglês médio levour e o inglês moderno lever são todos descendentes do latim leuis e têm o mesmo significado. Além disso, euis seria escrito como lewis no inglês moderno*

Numa carta dirigida ao Lorde Mulgrave, em 1790, Francis Gibson retrata uma ferramenta – que ele denomina de Lewis – utilizada na construção da Abadia de Whitby (antigo Monastério de Streaneshalch, 657 A. D.), em North Yorkshire, na Inglaterra, revelando a impressionante tecnologia que foi empregada naquela construção de estilo gótico para erguer grandes blocos de pedra (de uma tonelada e meia cada uma), depositando-as em seu lugar de destino:

*As pedras-chave dos arcos superiores são de grandes dimensões, medindo cerca de uma tonelada e meia cada. Ao examiná-las quando estavam no chão, fiquei surpreso ao ver na coroa de cada uma delas uma cavidade em muitos aspectos semelhante àquelas cortadas em grandes blocos de pedra com o propósito de levantá-las por uma máquina comumente chamada de Lewis.*

Para evitar a redundância de palavras, anexeí a essas observações desenhos da forma da atual Lewis; seções da cavidade cortadas em tom para sua recepção; uma seção da mesma nas pedras-chave da abadia, com a suposta forma da máquina usada anteriormente.

Concluiu a exposição afirmando que o Lewis não era uma invenção francesa moderna, contudo, um aprimoramento de uma outra mais antiga

reinventada pelos ancestrais ingleses.

Em França, a palavra utilizada para representar o filho de um Maçom foi Louveteau que significa um jovem lobo. A citação que apoia esta nomenclatura – e é bem aceita na Maçonaria francesa – advém de uma passagem do filósofo romano Ambrosius Aurelius Theodosius Macrobius (aproximadamente entre 395 e 435 A.D.), na sua Saturnálias, Capítulo XVII<sup>[23]</sup> que, sob a lição de Ragon, dizia:

Louveton ou louveteau são nomes de origem muito antiga e significam jovem lobo, um nome dado nos mistérios de Ísis ao filho de um iniciado chamado chacal ou lobo, porque a máscara que ele usava, mesmo em público, tinha a forma simbólica desse animal. que os antigos viam uma conexão entre o lobo e o sol que o iniciado representava na cerimônia de sua recepção: *"De fato, eles diziam, quando o lobo se aproxima, os rebanhos fogem e desaparecem, assim como as constelações, que são rebanhos de estrelas, desaparecem diante da luz do sol"*. Lux vem de luké, luz, daí lukos, lobo, chacal, que era o emblema do sol, cujo surgimento ele anuncia com seus gritos, como o galo. É por isso que o lobo foi consagrado a Apolo, daí o nome Apolo-Lúcio.

É muito comum confundir a referência feita à cabeça de lobo, nos antigos Mistérios de Ísis, com a cabeça do Deus egípcio com cabeça de chacal denominado de Anúbis. Entretanto, não é desse Deus que a referência é feita. O uso da máscara de lobo pelo candidato que seria iniciado (recepicionado) era uma deferência ao Deus Upuaut (aquele que abre o caminho), também chamado de Wepwawet, Wep-wawet ou Wepawet, pois, segundo Falconer: é um simbolismo mais apropriado para um candidato na Maçonaria.

Pérou, considerado um escritor/editor antimaçônico, produziu uma obra intitulada *"L'ordre des francsmaçons trahi"*, que ainda hoje serve de fonte documental da Maçonaria, da sua introdução em França, nas primeiras décadas do Século XVIII, onde descreve em pormenores os principais ritos praticados e o catecismo (que são as perguntas e respostas que fazem entre si, para se reconhecerem, aprendizes, companheiros e

mestres) maçônico, onde se encontra referência ao nome maçônico atribuído ao filho de um maçom:

*D. Qual é o nome de um maçom?*

*R. do Mestre. Gibeão.*

*P. E o do seu filho?*

*R. do Mestre. Lufton.*

*Pronuncie Loufton. Essa pronúncia é a razão pela qual alguns, e de fato todos os franceses, pronunciam e escrevem Louveteau; mas isso é um erro.*

*D. Que privilégio tem o Filho de um Maçom numa Loja?*

*R. do Mestre. Para ser recebido antes de qualquer outra pessoa, mesmo antes de uma Cabeça Coroada.*

Como se disse, na Maçonaria inglesa é usada a palavra “*Lewis*” para se referir ao filho de um Maçom adotado por uma Loja. O “*Dicionário analógico da língua francesa*”, de Boissière, conceitua a palavra “*Lowton*” como o filho de um maçom (com variadas grafias). Embora esta exata palavra tenha sido consagrada na Maçonaria francesa, a palavra “*Louveteau*”<sup>[24]</sup> é utilizada naquela língua nativa, as vezes com outras grafias como

“*Louvetou*”, “*Louveton*” ou “*Louveteaux*”. As palavras “*Luwton*” e “*Lufton*” também foram utilizadas pela maçonaria francesa para designar o filho de um Maçom. Na “*Preciosa Coleção da Maçonaria Adonhiramita*”, publicações de 1781, 1785, 1786 e 1789, Saint-Victor apresentava – na parte relativa às perguntas e respostas do catecismo de Mestre - a palavra “*Luwton*” para se referir ao filho de um Maçom. Curiosamente, esse mesmo título publicado em 1787 modificou a grafia de “*Luwton*” para “*Lowton*”. Essas obras foram elaboradas com base em Travenol que, nas perguntas e respostas ao catecismo de companheiro, referia-se ao filho de um Maçom como “*Lufton*”; na Maçonaria Belga a nomenclatura varia um pouco entre “*Luwton*” , “*Lowton*” e “*Lowtonnes*”<sup>[25]</sup>; na Holanda usasse “*Loefton*” e “*Loughton*”<sup>[26]</sup>; para a Maçonaria alemã, “*Lufton*” ou “*Louton*”<sup>[27]</sup>; na

Itália, o filho de um maçom é conhecido por “*Lupacchiotto*”<sup>[28]</sup>, e também “*Lupetto*” ou “*Lupicini*” como uma derivação da língua francesa e a cerimônia é denominada de “*protettorato*”, embora também haja referência, em ritual, para a palavra “*Ulivelli*”<sup>[29]</sup>; para a Maçonaria de língua espanhola usa-se “*Lubetón*”, “*Lubetone*” ou “*Lobato*”, ou simplesmente a expressão “*Hijo de un Mason*”, traduzindo-se do francês a palavra “*Louveton*” para “*Luveton*” ou “*Luveto*”, e do alemão, a palavra “*Louton*” para “*Luston*”.

## ***CERIMÔNIAS DE LOWTONS DURANTE O SÉCULO XIX***

A Maçonaria adentra na vida dos homens, na maioria das vezes, a partir da Cerimônia de Iniciação, momento marcante onde cada um opta, por juramento, ingressar numa vida de virtudes. Entretanto, existem outras ocasiões muito significativas em que ela se faz presente: na Adoção de Lowtons, no Dia das Mães, no Dia dos Pais, no Reconhecimento Conjugal, na Exaltação Matrimonial para as Bodas de Prata, Ouro e Diamante e até mesmo no Funeral Maçônico e nas Pompas Fúnebres.

As cerimônias maçônicas que envolveram os Lowtons, ao longo do Século XIX, foram as de batismo, de recepção e de adoção, cada qual com as suas particularidades. No passado, a cerimônia de batismo maçônico era destinada à recém-nascidos. A cerimônia de recepção envolvia os jovens adolescentes, preparando-os para ingresso na Ordem no Grau de Aprendiz Maçom. Ambas não são mais praticadas. A cerimônia de adoção manteve-se praticamente inalterada. Representava algo similar a uma Iniciação destinada às crianças e aos jovens, com o objetivo de prepará-los para a vida adulta e futuro ingresso na Maçonaria.

Quanto ao batismo maçônico, ao longo do Século XIX, travou-se um feroz combate entre a Igreja Católica, e as demais religiões oriundas do cristianismo, e a Maçonaria, opondo-se veementemente ao ritual maçônico de batismo enfatizando dogmas morais, reivindicando para si a sua exclusividade.

Um dos exemplos foi protagonizado pelo escritor antimaçônico Marie Joseph Gabriel Antoine Jogand Pagès, mais conhecido como Léo Taxil. Com o objetivo de influenciar negativamente o mundo profano contra

a Maçonaria e prolongar a polêmica sobre o “*batismo maçônico*” com a comunidade cristã, divulgou os rituais especiais da maçonaria francesa de forma falaciosa, trocando a palavra “*adoção*” - da obra de Ragon - pela palavra “*batismo*” (Batismo de um Louveteaux).

Embora a Maçonaria utilizasse o termo “*batismo maçônico*” nunca teve a intenção de concorrer e/ou substituir as religiões, vez que a ablução – que nada mais é do que a ideia de purificação do ser por intermédio da lavagem ou lavação pela água – já era praticada muito antes do batismo cristão.

Na Escola de Elêusis, na Grécia Antiga, para percorrer o caminho sagrado era necessário antes purificar o corpo pela água; e, antes de celebrar os rituais em Atenas, os Bantos – sacerdotes da Deusa Cotito – deviam banhar-se com água; Em Roma a ablução também era prática comum antes da realização das orações e do sacrifício aos seus deuses; anterior aos cristãos, os mulçumanos já praticavam a lavação em, pelo menos, três vezes por dia para adentrarem no templo para rezar; antes, no Período do Bronze, nas mitologias semitas, acádias e cananeias das deusas mães (Ishtar, Innana, Asherah) o banho (lavar-se) era adotado como forma de purificação; ou seja, de há muito que a humanidade utiliza a lavação do corpo como simbologia da purificação.

No que diz respeito à Maçonaria, já nas duas primeiras décadas do Século XIX, ocorria – em França - o cerimonial (ritual) de Batismo Maçônico<sup>[30]</sup> de um Louveton com menos de três anos de idade que, logo após o seu término, era recebido como Aprendiz Maçom, passando a ser filho adotivo da Loja. Quando o Louveton atingisse a idade de dezessete anos poderia ser admitido/confirmado como Aprendiz.

Nos Estados Unidos, na segunda metade do Século XIX, o Batismo Maçônico era destinado a bebês, assegurando ao menino ou à menina a proteção e a assistência da Loja e dos irmãos. O menino até 12 anos poderia ser batizado maçonicamente. Completados mais de 12 anos só poderia ser batizado se tivesse sido recebido como um Louveteau, ou adotado. Uma vez batizado, então, aos doze anos poderia ser recebido como um Louveteau. Para ser batizado o pai deveria ser Maçom. Se não, a mãe deveria ser filha de Maçom (neste caso não poderia se tornar um Louveteau). No caso da

menina até 18 anos poderia ser batizada. Entretanto, se possuísse mais de 18 anos só poderia ser batizada se houvesse sido adotada.

Segundo Pike, a adoção poderia ser realizada por qualquer corpo maçônico, em qualquer grau ou rito, para crianças de ambos os sexos abaixo de vinte e um anos de idade. Para ele, a adoção gerava um vínculo que obrigava a Loja tanto a sustentar como educar aquele que era adotado, pois, tornar-se-ia filho da Loja. Então, para que fosse possível realizar a adoção, exigia-se o consentimento da Loja vez que todos os Irmãos, ou pelo menos a maioria, deveria ter ciência da dimensão da obrigação que estaria por assumir. Após apresentar variados critérios para indicar qual maioria na votação deveria ser exigida pela Loja na escolha pela adoção ou não de uma criança, Pike afirma que uma criança que já passou pela cerimônia de recepção (intermediária entre o batismo e a adoção, onde o menino passa a ser denominado de Louveteau) poderia ser adotado. Entretanto, se ainda não fosse um Louveteau e nem tivesse sido batizado, então, era *conditio sine qua non* para ser adotado que fosse batizado antes.

Em seu “*Ritual para Adoção de Jovens Louvetons*” , Ragon inicia afirmando que a lavagem do corpo (ablução), isto é, a simbologia da purificação pela água não é exclusividade da Igreja Católica, enumerando – na história – as civilizações precedentes que a utilizaram como forma de purificação da alma, práticas de adoração religiosa e até mesmo como preparação para a morte. A Maçonaria buscou a limpeza ou purificação pela água nos antigos mistérios como símbolo piedoso (de renascimento), ensinando aos iniciados a lavar os vícios da sua alma, renascendo para a virtude.

Na adoção havia uma espécie de purificação realizada por meio de exortações simbólicas nos olhos, nos ouvidos e na boca, utilizando-se mel, água, pão, vinho e fogo.

A adoção compreendia uma série de obrigações da Loja para com o louveton que deveria ter, pelo menos, sete anos de idade para compreender o significado de ser adotado:

*assume a obrigação de agir como seu guardião e guia nas  
provações da vida social; Ela também deve assegurar que ele*

*receba, de acordo com os desejos da natureza, todas as noções que tendem a desenvolver progressivamente sua inteligência e suas faculdades morais e físicas, a fim de prepará-lo para um futuro de acordo com elas. É por causa desse compromisso sagrado que as oficinas devem conceder essa adoção apenas com cautela e, na medida do possível, somente a filhos ou filhas de maçons que sejam louváveis por seus méritos e diligência em seu trabalho.*

Ao final dos trabalhos, o Irmão Secretário emitia um documento contendo tudo o que se passou na cerimônia. Se acaso o louveton desejasse ingressar na Ordem, após completar dezoito anos, bastava apresentar o documento para receber a isenção das provas físicas do 1º Grau.

Clavel esclarece que era costume em muitas lojas quando a esposa de um Maçom estava prestes a dar à luz, o Irmão Hospitaleiro se fosse médico e se não o fosse, então, outro irmão dessa profissão dirigia-se até ela perguntando sobre a sua saúde, em nome da loja da qual o seu esposo fazia parte, oferecendo-lhe ajuda médica e até mesmo financeira se achasse que ela poderia precisar. Nove dias após o parto, o Venerável Mestre e os Vigilantes iam visitá-la, felicitando-a pelo evento alegre. Se o recém-nascido fosse um menino, a loja era especialmente convocada para prosseguir com a sua adoção. O Templo era decorado com folhagens e flores e preparado com incenso<sup>[31]</sup>. O louveteau era levado para uma sala contígua à Loja junto com a sua babá. Os trabalhos se iniciavam<sup>[32]</sup> quando os Vigilantes – que eram os padrinhos natos do louveteau – iam ao encontro do recém-nascido com uma delegação de cinco irmãos, e chegando perto do louveteau, em discurso, dirigiam-se a enfermeira<sup>[33]</sup> recomendando-lhe não só zelar pela preciosa saúde do recém-nascido que lhe era confiado, mas que também deveria cultivar sua jovem inteligência, nunca lhe dando nada além de discursos verdadeiros e sensatos. O louveteau era, então, separado de sua babá e colocado por seu pai em cima de uma almofada e levado para dentro da Loja pela delegação<sup>[34]</sup>. O cortejo avançava sob um arco de folhagens ao leste onde parava. Em seguida o Venerável Mestre desenvolvia um diálogo com os Vigilantes:

- *O que os trás aqui, meus irmãos? – dizia o V aos dois padrinhos. – O filho de um de nossos irmãos – respondia o 1º V. – que a Loja deseja adotar.*

- *Quais são os seus nomes e que nome maçônico vocês lhe dão?*  
- *O padrinho responde, acrescentando ao nome de família e ao nome da criança um nome característico, como, Verdade, Dedicção, Beneficência ou qualquer outro da mesma natureza.*

Na sequência, o Venerável Mestre descia os degraus do Oriente, aproximava-se do louveteau e, dirigindo-se com as mãos estendidas acima de sua cabeça, recitava uma prece ao céu rogando que o infante no futuro se tornasse digno do amor e do cuidado que a oficina ofertava. Após isso, borrifava incenso num incensador e pronunciava um juramento que os padrinhos repetiam em nome do louveteau. Ato contínuo, vestia o louveteau com o avental branco constituindo-o e proclamando-o como filho adotivo da loja, aplaudindo essa adoção. Após retornar ao Trono, no Oriente, os Vigilantes dirigiam-se ao topo da Coluna do Norte com o louveteau onde o V◻M◻ apresentava as obrigações que vinculavam os padrinhos. Com o aceite dos padrinhos, a delegação que trouxe o louveteau para o Templo retorna com ele e o devolve para a sua enfermeira.

Por fim, era elaborado um relatório de tudo o quanto ocorreu na cerimônia, assinado por todos os membros da Loja e entregue ao pai do louveteau. Esse documento o dispensaria de, no futuro quando tivesse idade para participar dos trabalhos maçônicos, ter que passar por todo o processo de iniciação, bastando renovar o juramento feito na adoção.

Chappron, algumas décadas antes, descrevia essa mesma cerimônia, em um capítulo denominado de “Cerimonial relativo ao nascimento de um Loweton que o pai apresenta em Loja”, segundo o qual – após as comunicações e práticas tradicionais –, nove dias após o parto, o Venerável Mestre, acompanhado dos dois Vigilantes, dirigia-se à mãe para lhe expressar toda a satisfação dos Irmãos por ter dado à viúva mais um filho. Nesse capítulo, o autor utiliza as palavras “iniciação”, “apresentação” e “recepção” como sinônimas.

Favre descreveu o ritual de “*Protetorado Maçônico*” onde a Loja se comprometia a auxiliar com conselhos, defender das armadilhas da vida, ajudando material e moralmente, quando necessário, o filho de um irmão. Na introdução dos irmãos visitantes, o Venerável lembrava a todos do compromisso assumido:

*Não devemos apenas amar nossos Irmãos, mas mostrar com nossas ações que entendemos e que sabemos praticar a fraternidade, e que esta palavra, tantas vezes repetida nas nossas assembleias, não seja para nós letra morta.*

Esta cerimônia se iniciava após a introdução dos irmãos visitantes e senhoras com a saudação de costume pelo Venerável. A criança, usando um véu na cabeça e acompanhada da mãe e dos dois padrinhos, batia à porta. Desenvolvia-se um diálogo entre os vigilantes e o Venerável e, após a formação da abóbada, o Mestre de Cerimônias liderava a entrada da comitiva. O Venerável questionava os padrinhos sobre a sua presença na assembleia, dirigia-se à criança apresentando um sumário do protetorado e retirava o seu véu, momento em que todos se sentavam. Novamente eram desenvolvidos os diálogos entre Vigilantes e Venerável, a fim de esclarecer à criança quais eram as lições e objetivos da Maçonaria. Quem respondia pela criança eram os padrinhos, quando questionados. Na sequência eram realizadas algumas viagens onde, novamente, cada vigilante e o Venerável apresentavam noções de moral e da simbologia para a criança. A mãe também participava dessa cerimônia, referindo-se à importância da sua tarefa perante a criança em sua educação. O Venerável, então, dirigia-se à criança e, utilizando-se da simbologia, referia-se à importância dos sentidos e da inteligência no seu aperfeiçoamento, e após revesti-la com um avental, ele a admitia como filha adotiva da Loja, proclamando o protetorado maçônico.

Segundo expôs Boudet a adoção de Lowtons:

*foi originalmente chamada de batismo maçônico, e foi somente no final do século XIX que o termo batismo foi substituído pelo de adoção.*

De modo que, na metade da década de 1880, ocorreu o rompimento definitivo com o “*batismo maçônico*” mediante a publicação do “*Ritual de Adoção com Três Véus*”, de Foussier, Venerável Mestre da Loja “*Les Trinosophes de Bercy*”. Não se empregava mais a invocação ao G□A□D□U□, nem a imposição das mãos, e tampouco se mergulhava as mãos dos Lowtons em água. Por sua vez, estes não entravam mais com um véu branco, porém, com três véus negros, cada um com inscrições das palavras Miséria, Ignorância, Fanatismo, em letras douradas ou prateadas<sup>[35]</sup>.

## ***LOWTONS NAS CONSTITUIÇÕES DO GRANDE ORIENTE DO BRASIL***

A partir de 1831, teve início a elaboração de uma Constituição para o Grande Oriente Brasileiro, e enquanto não estivesse aprovada, haveria de vigorar a do Grande Oriente de França, por consentimento do povo maçônico, na parte que podia ser aplicada no Brasil<sup>[36]</sup>.

A primeira legislação brasileira – de que se tem notícia – a fazer referência aos Lowtons foi o “Regulamentos Particulares das Lojas Maçônicas”. Tratando dos requisitos para ingresso na Ordem, no Capítulo V (Das Iniciações e Filiações), estabeleceu a idade mínima de 20 (vinte) anos, como regra, para ser apresentado à Iniciação. Entretanto, uma das exceções em que o Cidadão poderia ser iniciado a partir de 18 (dezoito) anos completos se dava em favor de um “*Leuton*”:

*Art. 1º Nenhum Cidadão poderá ser apresentado à iniciação não tendo completado vinte annos, A Loja poderá dar dispensa de idade em favor, de hum Leuton; ou mesmo de qualquer profano por huma deliberação particular.*

Leuton foi o primeiro termo<sup>[37]</sup> utilizado para se referir especificamente ao filho de Mestre pobre, adotado por uma L, conforme conceitua o seguinte verbete<sup>[38]</sup>:

*ADOPÇÃO DE HUM LEUTON. He quando a L adopta o filho de hum M pobre, e o manda educar á sua custa, fazendo-lhe aprender huma Arte, a fim de satisfazer suas precisões; e fornece alimentos, e soccorros ao Irmão que se acha desgraçado.*

Em 1833 – não mais vigorando o termo “Leuton” - foi elaborada a primeira Constituição do GOB que, em sua Primeira Parte, Seção 1ª, Da Ordem Maçônica e dos Maçons, previa em seu artigo 4º a exceção da idade de 18 (dezoito) anos para o ingresso na Ordem no caso do<sup>[39]</sup>:

*filho de um Maçon, apresentado por seu Pai ou Tutor*

A Constituição de 1839, do GOB, na referência a exceção à idade mínima de vinte e um anos completos<sup>[40]</sup> para ingresso na Ordem, manteve a expressão “o filho de um Maçon”<sup>[41]</sup>:

*Artigo 4º He exceptuado da condição de idade o filho de Maçon apresentado por seu Pai, ou Tutor, para o qual basta a idade de dezoito anos.*

A Constituição de 1901 do GOB passou a utilizar duas terminologias – no que diz respeito à exceção da idade mínima exigida para ingresso na Ordem – incluindo a palavra “lowton” para aquele que foi regularmente “adoptado”, diferenciando-o do “filho do maçom”:

*Artigo 4º (...)*

*§ unico. São dispensados da condição 1.ª do presente artigo os filhos de maçons e os lowtons regularmente adoptados, que podem ser iniciados desde que tenham 18 annos de idade, com consentimento de seus paes ou tutores.*

A Constituição de 1914 do GOB estabeleceu a mesma exceção prevista na Constituição citada anteriormente, e incluiu uma diferença marcante, qual seja, a de que os filhos dos maçons e os Lowtons, iniciados com dezoito anos, não poderiam ser “elevados” ao grau de Mestre antes de completarem vinte e um anos de idade. Além do consentimento dos pais ou tutores, como estava estabelecido anteriormente, estes ficariam responsáveis pelo cumprimento dos seus deveres pecuniários.

A Constituição seguinte do GOB, de 1935, em seu artigo 1º, § 3º, manteve a previsão da Constituição anterior com uma pequena diferença, a de que os Lowtons e os filhos de Maçons – maiores de dezoito anos – não poderiam ser elevados ao grau de Mestre antes de obterem a emancipação civil (segundo o Código Civil em vigor, de 1916, se dava após completar vinte e um anos). Também previu – como direito das Oficinas – na alínea “c”, do artigo 18, tomar sob sua proteção, via cerimônia de adoção, os filhos de maçons de sete a dezessete anos e que poderiam ser iniciados após terem completado dezoito anos.

A seguinte, de 1938, no artigo 1º, § 3º, manteve a redação que a Constituição anterior no tocante ao ingresso dos Lowtons, e no artigo 18, alínea “c” quanto à iniciação aos dezoito anos.

A Constituição de 1953, no § 3º, do artigo 1º, previu que os filhos de Maçons e os Lowtons poderiam ser iniciados após completarem dezenove anos de idade, desde que houvesse o consentimento dos pais ou tutores – conforme o caso – que ficariam responsáveis pelos metais, mantendo-se a elevação ao grau de Mestre após a obtenção da emancipação civil ou após completarem vinte e um anos de idade. O artigo 18 – tratando dos direitos das Oficinas – previu em sua alínea “c” a possibilidade de as Lojas tomarem sob a sua proteção – pela cerimônia de adoção – os descendentes, enteados ou tutelados de Maçons com idade entre sete e dezessete anos que poderiam ser iniciados após completarem dezenove anos, respeitadas as disposições legais anteriores.

Em 1962, em seu artigo 3º, a Constituição do GOB retomou a idade de dezoito anos para a iniciação dos Lowtons e para os filhos de Maçons, mantendo as demais disposições da Constituição anterior. E, no artigo 24, inciso IV, estabeleceu como direito das Lojas a possibilidade de que tomassem sob sua proteção, pela cerimônia da adoção, os descendentes, enteados ou tutelados de Maçons, de cinco a dezessete anos.

O artigo 3º da Constituição do GOB de 1967 manteve as disposições da anterior quanto a idade de admissão dos Lowtons e aos filhos de Maçons, e no inciso IV, do artigo 29, conservou o direito de adoção de Lowtons com as mesmas disposições anteriores.

A Constituição do GOB de 1975, no § 2º, do artigo 5º, foi a primeira que estabeleceu que os mesmos requisitos para ser admitido na Ordem por qualquer profano fossem observados tanto para os filhos de Maçons como para os Lowtons<sup>[42]</sup>, exceto a idade mínima que para estes permanecia a de dezoito anos (desde que obtivessem a autorização dos pais ou tutores), sendo que a Exaltação à Mestre só poderia ocorrer após completarem vinte e um anos de idade. No artigo 33, inciso XIX, inovou a tomada sob a proteção da Loja – pela cerimônia de adoção – apenas do descendente ou do dependente de Maçom entre sete e quinze anos de idade.

O § 2º, do artigo 5º, da Constituição do GOB de 1977 conservou as mesmas disposições da Constituição anterior para ingresso na Ordem, contudo, manteve apenas para os Lowtons o direito de serem iniciados após completarem dezoito anos, desde que cumpridas as demais condições (citadas na última nota de rodapé). No inciso XIII, do artigo 32, disciplinou como direito da Loja tomar sob a sua proteção e pela cerimônia de adoção os descendentes ou dependentes de Maçons, desde que tivessem idade compreendida entre sete e quatorze anos .de idade.

A Constituição do GOB de 1983, no § 2º, do artigo 5º, incluiu novamente os filhos de Maçons junto aos Lowtons no que concernia ao direito à iniciação aos dezoito anos desde que cumpridas as demais condições para ingresso na Ordem de qualquer profano (já referidas), havendo o consentimento dos pais ou tutores. Manteve-se aquela disposição segundo a qual a Exaltação somente poderia ocorrer após completarem vinte e um anos de idade. Também manteve a disposição estabelecida anteriormente de poder tomar sob a sua proteção, pela cerimônia de adoção, descendente ou dependente de Maçons que contavam com sete a catorze anos de idade, especificando-se a partir desta Constituição que poderiam ser adotados apenas jovens do sexo masculino.

A nova Constituição de 1990 estabeleceu – no inciso II, do § 1º, do artigo 29 – a possibilidade dos filhos de Maçons regulares e dos Lowtons de serem iniciados quando houvessem completado dezoito anos de idade, mantendo-se os demais requisitos (retro mencionados). Manteve pela cerimônia de adoção de Lowtons, como direito da Loja, a tomada de

proteção de descendentes, enteados ou tutelados de Maçons, de sete a dezessete anos de idade e do sexo masculino.

A Constituição de 2007 estabeleceu que a idade mínima para ingresso na Ordem seria a de dezoito anos completos (inciso I, do § 1º, do artigo 27). Não havendo mais distinção etária para ingresso na Ordem entre profanos, filhos de Maçons e Lowtons, essa Constituição estabeleceu a isenção de pagamento de taxas ou emolumentos para estes últimos perante o Grande Oriente do Brasil, os Grandes Orientes dos Estados (e Distrito Federal) e Lojas federadas (incluiu-se nessa isenção os DeMolays e os “*Apejotistas*”).

### ***ADOÇÃO DE LOWTONS NO GRANDE ORIENTE DO BRASIL***

No âmbito do Grande Oriente do Brasil são denominados de Lowtons os descendentes, enteados ou tutelados de Maçons que são tomados sob a proteção<sup>[43]</sup> de uma Loja. Esses descendentes, enteados ou tutelados devem ter a idade entre sete e dezessete anos, e ser do sexo masculino. Essa proteção se dá mediante a realização de uma Sessão Magna – que pela lei maçônica admite a participação de não Maçons<sup>[44]</sup> – denominada de cerimônia de adoção de Lowtons, prevista em ritual especial<sup>[45]</sup>. Antes, porém, a Loja deve obter o consentimento dos pais, tutores ou responsáveis<sup>[46]</sup>. No futuro, se os Lowtons forem admitidos na Ordem, dos dezoito aos vinte e cinco anos ficam isentos do pagamento de taxas ou emolumentos estabelecidos pelo Grande Oriente do Brasil, pelos Grandes Orientes estaduais e pelas Lojas<sup>[47]</sup>. Tanto o Grande Oriente do Brasil como as Lojas devem manter um cadastro atualizado dos Lowtons<sup>[48]</sup>.

A cerimônia de adoção de Lowtons pode ser praticada por todas as Lojas do GOB, independentemente do rito seguido e representa a materialização de um dos Fins Supremos da Maçonaria, qual seja, o da Fraternidade<sup>[49]</sup>. Os Maçons têm como dever essencial o amor à família, onde todos são Irmãos, quaisquer que sejam suas raças, nacionalidades, convicções ou crenças. Por meio das Lojas, obrigam-se a prestar assistência material e moral aos membros de seu Quadro, bem como aos dependentes de membros falecidos que pertenciam ao seu Quadro, de acordo com a possibilidade da Loja e as necessidades do assistido<sup>[50]</sup>.

Inexiste legislação específica, no âmbito do Grande Oriente do Brasil, que discipline as obrigações da Loja e dos Irmãos para com os Lowtons e seus pais, tutores ou responsáveis, salvo a informação preliminar do ritual especial de adoção de Lowtons que prescreve que a Loja contrai “(...) *a obrigação de servir-lhes de tutor e guia na vida social*”, somando-se àquela já referida acima, qual seja, a de prestação de assistência material e moral no caso de vir a falecer o Maçom (ascendente, padrasto ou tutor), segundo o binômio possibilidade/ necessidade.

## **CONCLUSÕES**

A pesquisa revelou que o Ritual de Adoção de Lowtons adotado pelo GOB tem uma semelhança gigantesca com o ritual escrito por Ragon, proveniente do rito francês ou moderno, e por isso mesmo, apontou no sentido de que não houve influência do REAA, na específica obra de Pike que delineou os rituais em outros Orientes. É possível extrair a lição de que, tendo origem na ferramenta operativa inglesa de nome Lewis ou mesmo na francesa grafada como Louveteau, a palavra Lowton traz como característica principal a força física ínsita da juventude e que representa na simbologia maçônica um dos pilares sobre os quais se ergue a construção do templo das virtudes. A força por si só, sem que esteja calibrada pelos pilares da Sabedoria e da Beleza que mostram a direção e o sentido, não têm aplicação naquela construção.

Na ausência de legislação específica no que diz respeito às obrigações da Loja adotante para com os Lowtons adotados, compreende-se que a opção do GOB foi a de manter a estrita ligação do ritual de adoção com os princípios fundamentais da Maçonaria Universal, que representam as lições aprendidas e repassadas de séculos em séculos pela Ordem e que hoje se encontram cristalizadas nos Princípios Gerais da Maçonaria e nos Postulados Universais da Instituição, com o objetivo de manter esta longeva e ancestral tradição maçônica que, ao mesmo tempo em que apadrinha os descendentes, enteados ou tutelados de um Maçom, procurando ensinar-lhes a doutrina e a filosofia maçônicas pelo exemplo, dá continuidade à Loja e a própria Maçonaria.

Portanto, mais do que ensinar através da palavra e/ou mediante os discursos, os Irmãos da Loja que adotam um Lowton têm a sagrada

obrigação de “*servir-lhes de guia e tutor na vida social*” por intermédio do seus exemplos de vida maçônica, isto é, exercitando os Princípios Gerais da Maçonaria e os seus Postulados Universais, fornecendo - aos olhos daqueles jovens que o observam - exemplos práticos de que “*a tolerância constitui o princípio cardeal nas relações humanas, para que sejam respeitadas as convicções e a dignidade de cada um*”, colocando em prática também o princípio segundo o qual a intolerância não faz parte nem da doutrina e nem da prática dos Maçons, ou seja, que “*o sectarismo político, religioso e racial são incompatíveis com a universalidade do espírito maçônico*”, porque só o intolerante é possuidor da verdade absoluta da sua corrente política, religiosa e racial, nivelando todos os demais segundo o seu ponto de vista que para ele é o único correto, de modo que aquele que pensa de modo contrário não é amigo e não é irmão. O verdadeiro combate é interno e deve estar concentrado em exemplos de vida que demonstrem que é a intolerância que gera o ódio, a ignorância e o fanatismo. A fim de servir de guia e tutor dos Lowtons na vida social – por intermédio do exemplo de vida –, os Maçons e a Loja devem elaborar um planejamento estratégico que sirva de roteiro de reflexão com delimitação nos Princípios Gerais da Maçonaria e nos Postulados Universais da Instituição para que se possa chegar mais próximo dos Fins Supremos da Ordem.

É preciso demonstrar pelos exemplos de vida, e não pelos discursos, que para buscar o aperfeiçoamento moral, intelectual e social da humanidade, isto é, para se preocupar com a coletividade, antes é necessário se dedicar ao aperfeiçoamento pessoal, pois, não há possibilidade de sucesso nessa empreitada sem que se enfrente a própria escuridão, ou seja, o conhecer a si mesmo, vencendo as próprias paixões, aquelas que são difíceis de admitir, pois, aí está presente outro Fim Supremo da Ordem (Liberdade). É preciso deixar claro que os Maçons têm a obrigação de estender e liberalizar os laços fraternais que os unem a todos os homens esparsos pela superfície da terra e, por essa razão não compactuam com os discursos que acentuam as diferenças de raças, nacionalidades, convicções ou crenças, pois, assim como acreditam na existência de um princípio criador, que é denominado de GADU, creem também na prevalência do espírito sobre a matéria, e por verem no outro um irmão não propagam a disseminação de preconceitos,

falsas verdades e de discriminações, de maneira que outro Fim Supremo (Igualdade) também seja posto em prática.

Diferentemente de algumas entidades Paramaçônicas, como, por exemplo, os DeMolays e os Apjotistas, que possuem regulamentação própria e centralizada às suas necessidades e interesses, cabe à Loja – dentro de seu planejamento estratégico – elaborar o seu próprio plano referencial para formação dos Lowtons, considerando como princípios cardeais para execução dessa tarefa aqueles Princípios e Postulados mencionados anteriormente, que se encontram estabelecidos na Constituição do GOB . A adoção de Lowtons gera para a Loja uma maior autonomia para incluir em seu plano de estudos as suas próprias tradições e costumes locais (que não contrariem obviamente aqueles princípios cardeais), ao mesmo tempo em que propicia a prática das virtudes maçônicas para com os adotados.

### ***REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS***

Annaes Maçonicos Fluminenses. 1832. Annaes Maçonicos Fluminenses. Tomo 1. Rio de Janeiro: Typ. dos Irmãos Seignot-Pancher.

Ars Quatuor Coronatorum: Being the Transactions of the Quatuor Coronati Lodge N°. 2076. 1897. London: W. J. Parre H, Limited.

Band, Erster. 1900. Allgemeines Handbuch der Freimaurerei: Bd. A–L. Leipzig: Max Hesse's Verlag.

Bazot, Étienne-François. 1845. Manuel du FrancMaçon et guide des officiers de loge. Paris: Tessier et Schmidt.

Bibliotheca Maçonnica, ou Instrução Completa do Franc-Maçon: Obra dedicada aos Orientes Lusitano e Brasiliense por um Cav. Rosa-Cruz. 1840. Tomo 4. Paris: J. P. Aillaud.

Brewster, David, e Alexander Lawrie. 1804. History of Free Masonry Drawn from Authentic Sources of Information, with an Account of the Grand Lodge of Scotland, from Its Institution in 1736 to the Present Time, Compiled from the Records, and an Appendix of Original Papers. Edinburgh: Alex. Lawrie and Co. for Alex. Lawrie, for the Grand Lodge of Scotland.

British Museum Catalogue of Printed Books. 1882. Edited by R. Garnett (1881–89) and A. W. K. Miller (1890–1900 and Supplement). 393 vols. London: Dr. v. Will. Clowes & Sons.

Boissière, Jean-Baptiste Prudence. 1862. Dictionnaire analogique de la langue française: Répertoire complet des mots par les idées et des idées par les mots. Paris: Larousse et Boyer.

Boudet, Louis. 1942. "Liturgie maçonnique – Le baptême." *Les Documents Maçonniques* 5 (février): 17–20.

Calisch, Isaac Marcus, e Nathan Salomon Calisch. 1882. *A New Dictionary of the English and Dutch Languages*. 3rd ed. Leiden: Albertus Willem Sijthoff.

Clavel, François-Timoléon Bègue. 1843. *Histoire pittoresque de la Franc-Maçonnerie et des sociétés secrètes anciennes et modernes*. 10th ed. Paris: Hachette-BnF.

Chappron, E. J. 1812. *Nécessaire maçonnique*. Paris: Cauet.

Corsi, Riccardo. 2007. *Compendio dei rituali ad uso del maestro delle cerimonie*. Torino: Editore Ananke.

Dubreuil, J. P. 1838. *Histoire des Francs-Maçons*. Tome 2. Bruxelles: H. I. G. François, Libraire-Éditeur.

Falconer, Donald H. B. 2004. *The Square and*

*Compasses: In Search of Freemasonry*. 2nd ed., vol. 2. Acessado em 10 março 2024. <http://www.mastermason.com/bridgeportlodge181/th eSC01.htm>.

Fava, Amand-Joseph. 1885. *Mgr. Le secret de la franc-maçonnerie*. 3rd ed. Lille, Belgique: Société de Saint-Augustin.

Favre, François. 1866. *Documents maçonniques recueillis et annotés*. Paris: Librairie Maçonnique de A. Teissier.

Gibson, Francis. 1792. "Observations on the Machine Called the Lewis." In *Archaeologia: Or Miscellaneous Tracts Relating to Antiquity* 10. London: The Society of Antiquaries of London; printed by J. Nichols.

Guillemain de Saint-Victor, Louis. 1781. Recueil précieux de la maçonnerie adonhiramite. Tome 1. Paris: Chez Philarethe.

Guillemain de Saint-Victor, Louis. 1785. Recueil précieux de la maçonnerie adonhiramite: Contenant les catéchismes des quatre premiers grades, l'ouverture et clôture des différentes loges, l'instruction de la table, les santés générales et particulières, ainsi que les devoirs des premiers officiers en charge. Paris: Chez Philarethe.

Guillemain de Saint-Victor, Louis. 1786. Recueil précieux de la maçonnerie adonhiramite: Dédié aux maçons instruits. Par un chevalier de tous ordres maçonniques (Guillemain de Saint-Victor). Paris: Chez Philarethe.

Guillemain de Saint-Victor, Louis. 1787. Recueil précieux de la maçonnerie adonhiramite, contenant les catéchismes des quatre premiers grades, et l'ouverture et clôture des différentes loges, l'instruction de la table, les santés générales et particulières, ainsi que les devoirs des premiers officiers en charge. Paris: Chez Philarethe.

Guillemain de Saint-Victor, Louis. 1789. Recueil précieux de la maçonnerie adonhiramite, contenant les catéchismes des trois premiers grades, l'ouverture et clôture des différentes loges... par le F. Louis Guillemain de Saint-Victor, chevalier de tous les ordres maçonniques. Paris: Au Grand Orient de France.

Instrucções Maçonicas, ou Cathecismo e

Regulamento Geral do Grão de Mestre, Terceiro Grau da Maçonaria Azul; organizados segundo o original francez, a tradução e anotações de Hypolito (Londres), e adoptados aos trabalhos da Loja brasileira Commercio e Artes, pelo seu Venerável J. da C. B. Cav. Ros I. 1833. Rio de Janeiro: Typ. dos Irmãos Seignot-Plancher.

Instrucções Maçonicas ou Cathecismo e Regulamento Geral organizados segundo o original francez, a tradução e anotações de Hypolito (Londres), e adoptados aos trabalhos da Loja brasileira Commercio e Artes. 1833. Rio de Janeiro: Tip. Irmãos Seignot-Plancher.

Le parfait maçon: Ou les véritables secrets de quatre grades d'apprentifs, compagnons, maîtres ordinaires et écossais de la franche-maçonnerie. 1744.

[s.l.]: n.p.

Le Tout–Paris Maçonique: Contenant 10 000 noms de francs-maçons de Paris et de la banlieue avec l’indication des documents. 1896. Paris: Imprimerie spéciale du Tout-Paris Maçonique; Hermelin, directeur-gérant.

Looff, Friedrich Wilhelm. 1870. Allgemeines Fremdwörterbuch. Langensalza, Deutschland: Verlags-Comptoir von Hermann Beyer.

Mackey, Albert G. 1914. A New and Revised Edition, an Encyclopædia of Freemasonry and Its Kindred Sciences. Vol. 1. New York and London: The Masonic History Company.

Mackey, Albert G. 1869. Lexicon of Freemasonry. 13th ed., enlarged and improved. Philadelphia: Moss & Co.

Macoy, Robert. 1870. General History, Cyclopeda and Dictionary of Freemasonry. New York: Masonic Publishing Company.

McClenachan, Charles T. 1868. The Book of the Ancient and Accepted Scottish Rite of Freemasonry: Containing Instructions in All the Degrees, Etc. New York: Masonic Publishing and Manufacturing Co.

Nisard, Désiré, ed. 1845. Macrobe (œuvres complètes); Varron (De la langue latine); Pomponius Méla (œuvres complètes); avec la traduction en français, publiées sous la direction de M. Nisard, professeur d’éloquence latine au Collège de France. Paris: J. J. Dubochet et Compagnie.

Novo dictionario dos termos maçonicos recopilado de todas as obras publicadas sobre a maçoneria, e o mais completo dos que se têm dado à luz. 1833. Rio de Janeiro, RJ: Typ. Imp. e Const. dos Irmãos SeignotPlancher e C.

Oliver, G. 1853. A Dictionary of Symbolical Masonry. London: Richard Spencer.

Péreau, Gabriel-Louis. 1763. L’ordre des francsmaçons trahi, et le secret des mopses révélé. Amsterdam: n.p.

Premoli, Palmiro. 1909. Vocabolario nomenclatore, illustrato (spiega e suggerisce parole, sinonimi, frasi). Vol. 2. Milano: Società Editrice Aldo

Manuzio.

Pike, Albert. 2010. *Masonic Baptism of Children*. [s.l.]: Kessinger Legacy Reprints.

Quentin, Charles François Nicolas. 1825. *Dictionnaire maçonnique, ou recueil d'esquisses de toutes les parties de l'édifice connu sous le nom de maçonnerie*. Paris: Julien Antoine Armand Brianchon.

Ragon, Jean-Marie. 1861. *Rituel d'adoption de jeunes louvetons (lowtons): Improprement appelée baptême maçonnique*. Paris: Collignon, Libraire-Éditeur.

Riebesthal. 1827. *Rituel maçonnique pour tous les rites*. Strasbourg: Silbermann.

Taxil, Léo. 1886. *Le culte du Grand Architecte: Révélations complètes sur la franc-maçonnerie*. Paris: Letouzey et Ané; Imprimerie Gustave Picquoin.

Teissier, Charles-Adolphe. 1856. *Manuel général de la maçonnerie: Comprenant les sept grades du rit français, les trente-trois degrés du rit écossais et les trois grades de la maçonnerie d'adoption, suivi d'un formulaire pour les travaux de banquets, pour les installations et inaugurations de temples, orné de planches avec l'explication de la pierre cubique et de la croix philosophique*. Paris: Teissier, Éditeur.

Travenol, Louis-Antoine. 1749. *Nouveau catéchisme des francs-maçons: Contenant tous les mystères de la maçonnerie*. 3rd ed., rev., corr. et augm. Paris: Pierre Mortier.

Wilmshurst, Walter Leslie. 1922. *The Meaning of Masonry*. Cap. 5, "Freemasonry in Relation to the Ancient Mysteries." Acessado em 10 março 2024. <http://www.sanjuanmasons.org/pubs/Wilmshurst, Walter Leslie ~ The Meaning of Masonry.pdf>.

## *Jerônimo Francisco Coelho – Patrono da Maçonaria Catarinense*

Jerônimo Francisco Coelho (1806-1860) teve uma infância difícil a partir da morte prematura do pai, em seguida a do tio que havia assumido a sua criação e entre idas e vindas conseguiu ainda muito jovem ingressar na Real Academia Militar, firmando praça como artilheiro e depois no Imperial Corpo de Engenheiros, na sua especialidade que era a engenharia, tendo já aos dezoito anos alçado ao posto de capitão, em 1824, no Rio de Janeiro. De família lagunense, veio para a cidade de Desterro em 1831 trazendo consigo na bagagem uma máquina de tipografia. Fundou o primeiro jornal “O Catharinense”, a Sociedade Patriótica Catarinense e a primeira loja maçônica no Estado (conforme afirmam os seus principais biógrafos, dos quais se destaca o saudoso ex-Desembargador do TJSC e ex-Professor Norberto Ungaretti).

Sua iniciação na Ordem poderia ter ocorrido antes do tempo normal. A hipótese adotada é a seguinte: Considerando que aos 18 (dezoito anos), em 1824, houvesse sido iniciado na Ordem, então, haveria um interstício de ao menos 3 (três) meses para o aumento de salário para o Grau de Companheiro, e, para o Terceiro Grau de, no mínimo, 5 (cinco) meses após a Recepção. Entretanto, no caso de um filho de Maçom, o Companheiro deveria ter completado 21 (vinte e um) anos para ter direito ao aumento de salário ao grau subsequente (Capítulo VI, Dos Graus, artigo 1º, *caput*, dos Regulamentos Particulares das LL.●● Maçônicas de 1832 do Rito Moderno). Os pedidos de aumento de salário eram feitos por um boletim posto no “saco das proposições” que, após a sua leitura e a cobertura do Templo pelo pretendente, a Loja se transformava, passando ao grau almejado, e após as conclusões do Orador, então, votava-se por escrutínio (não pelo sinal de costume) à maioria de votos, não se recebendo jamais o grau ambicionado na mesma sessão do pedido. As recepções a todos os graus eram anunciadas nas pranchas de convocação, fazendo com que houvesse novo transcorrer de tempo vez que a legislação exigia duas sessões de obrigação por mês. A Loja era administrada por Oficiais (somente M.●●M.●●), em número de quinze, eleitos na assembleia anual que precedia às festas da Ordem (Banquetes do Estio e de Inverno) e sob a

presidência de um Venerável com muitas atribuições o que requeria – além dos estudos como hoje – experiência anterior em variados cargos. Além disso, pela legislação da época, as condições de elegibilidade para o cargo de Venerável Mestre exigiam a idade mínima de 25 (vinte e cinco) anos, ter o mais alto grau que a Loja pode dar e reunir os títulos de Regularidade Maçônica. De modo que, em 1832, quando veio para o Desterro contando com apenas 25 (vinte e cinco) anos e como M□ M□ , deveria ter pelo menos quatro anos de “experiência” na Ordem para estar habilitado a fundar a primeira Loja Maçônica em Santa Catarina.

# ***FUGIR DO VÍCIO E PRATICAR A VIRTUDE: UM ESTUDO DOS VÍCIOS E VIRTUDES, SOB À ÓTICA DE SANTO TOMÁS DE AQUINO.***

Thaylan Werner<sup>[51]</sup>  
ARLS Atalaia Nº 3116  
GOB - Oriente Itajaí

## ***INTRODUÇÃO***

O objetivo primeiro desta peça é trazer a visão já condensada de Vícios e Virtudes por muitos autores, e mostrar que, sob os preceitos maçônicos e na ritualística estão a forma ainda mais condensada, justa e perfeita de toda a verdade na formação e desenvolvimento moral do homem livre. Santo Tomás de Aquino em seu Tratado de Vícios e Virtudes: Os Sete Pecados Capitais, obra que foi objeto de estudo principal para esta produção, faz uma síntese do conceito moral Platônico e Aristotélico, digerindo toda a ideia dos bastiões da filosofia e trazendo para o pensamento escolástico sob a ótica teologal, dando luz a uma série de novos pontos acerca da fé e da razão que se convergem em princípios morais e éticos. Como objetivo segundo, o intuito é deixar o canal aberto para que mais estudos sobre o tema sejam realizados e aqui somados, tendo em vista sobretudo

que a prática da Virtude um dos deveres magnos do Maçom.

## ***A VIRTUDE – O CONTRÁRIO DE VÍCIO***

O léxico Brasileiro resume a etimologia de virtude como: [...] Característica do que está em conformidade com o correto, aceitável ou esperado por uma religião, pela moral, pela ética etc. O que segue os preceitos do bem, de normas morais; boa conduta (Dic. Houaiss 2001). A Bíblia Sagrada, por sua vez, resume como sendo [...]a disposição de um indivíduo de praticar o bem [...] trata-se de uma verdadeira inclinação [...]os hábitos constantes que levam o homem para o caminho do bem (1º Paul. Cap2 Vers 1 à 5). Dentro do entendimento filosófico, Platão diz que [...]

cada segmento da alma deve atuar de acordo com a virtude que lhe corresponde. Desta forma, a ação do homem é determinada (Diálogos V-Mênon Pag57). Já o pensamento Aristotélico diferencia as virtudes intelectuais e virtudes morais, sendo que [...] o estado ideal é a moderação que se encontra no meio do defeito e do excesso. [...] Virtude intelectual é aquela que nasce e progride graças aos resultados da aprendizagem e da educação, e a virtude moral não é gerada em nós por natureza, é o resultado do hábito que nos torna capazes de praticar atos justos (Aristóteles para Todos; Mort. Adler pag 137).

A Maçonaria não é outra coisa que o emblema de toda a natureza; que sua moral é a homenagem que devemos prestar ao Criador do Universo, e, que entre nós, esta homenagem é a prática das virtudes [...]", assim se refere o Catecismo do Aprendiz Adonhiramita, já em suas primeiras páginas. No telhamento, ao ser questionado sobre o que se faz em loja, a resposta é que "*Levantam-se templos à virtude, e cavam-se masmorras ao vício*". No interrogatório o 1º Vigilante utiliza do mesmo grifo, e salienta que "[...] *forjam-se algemas ao crime*", seguido da resposta do 2º vigilante, que é a síntese máxima do princípio maçônico absoluto e principal dever de um maçom: "*Cumprir com as obrigações do estado em que a Providência o colocou, fugir do vício, e praticar a virtude*".

## ***O VÍCIO – A DOR QUE VEM DEPOIS DO PRAZER***

Cavar masmorras, forjar algemas, fugir. [...] Vício é o oposto da virtude. É o hábito que nos arrasta para o mal e é para impormos um freio salutar a essa impetuosa propensão, para elevarmo-nos acima dos vis interesses que atormentam o vulgo profano e para acalmar o ardor das paixões, que nos reunimos neste Templo. É assim que o 1º Vigilante define vício nas sessões de iniciação. O repúdio da Maçonaria ao vício é deixado exposto já desde o primeiro contato do recipiendário com o Templo e a Ordem, é contra o vício que se prende o combate, e sobretudo por ele que consiste no lapidar da pedra bruta. Vício, em latim "*vitium*", significa falha, ou defeito. O léxico brasileiro define como: "*Tornar mau, pior, corrompido ou estragado; alterar para enganar*". E por fim "*corromper-se, perverter-se, depravar-se*". Na mitologia grega, o vício "*Kakía / Cacia*" era tratado

como um “*Daemon*” (divindade interior) que se manifestava no intelecto do homem como a personificação da imoralidade; vinha como “*uma mulher vaidosa, maquiada e com roupas reveladoras*”, era como definiam. Platão em seus diálogos e os neoplatônicos se valiam desta definição para vício. Seu “*Daemon*” oposto era “*Arete*”, Virtude.

Esta é a definição da Antropóloga Margaret Mead acerca de vício e virtude:

*A virtude é quando se tem a dor seguida do prazer; o vício, é quando se tem o prazer seguido da dor.*

Egípcios, Hebreus, Cristãos, e tantas outras fontes de tradições iniciáticas das quais a Maçonaria bebeu, tem em comum nos seus rituais de iniciação as provas da terra, fogo, água e ar, das quais o valor simbólico é fazer com que através delas morra o profano cheio de vícios, e nasça o iniciado que, tendo passado pela dor de meditar sobre suas paixões mundanas, está apto a receber a luz para dar início à lapidação de sua pedra bruta: o Templo interior. Não há vício que não se torne dor, nem virtude alcançada sem a dor.

## ***AS SETE VIRTUDES***

Assim como na definição Maçônica, Santo Tomás de Aquino define a virtude como a reta razão humana, um hábito bom, que sendo constantemente realizado, serve para distinguir o comportamento do homem, ou seja, seu modo de agir. Sendo a virtude um hábito, se praticado, incorre no desenvolvimento e aperfeiçoamento da alma; a força motriz que conduz o homem a evitar o mal. São inúmeras as virtudes, no entanto dá-se foco as que chamamos de Virtudes Mãe, e que são as Cardeais e as Teologais. É importante saber que, é Cardeal pela literalidade da etimologia da palavra, ou seja, fundamental, e é Teologal por ser relativo à teologia, que é o estudo da natureza de Deus, e que são virtudes Mãe pois delas, se praticadas, surgem outras virtudes. São virtudes Cardeais: Prudência, Justiça, Fortaleza e Temperança. São virtudes Teologais: Fé, Esperança e Caridade. Na simbólica maçônica, os 7 degraus da escada de Jacó são representados pelas 7 virtudes Cardeais e Teologais respectivamente, sendo

a Prudência o primeiro degrau a ser conquistado, e a Caridade o último e que requer maior maturidade espiritual para alcançá-lo. As 7 virtudes que nomeamos de virtudes Mãe, nos ajudam a alcançar outras virtudes, a exemplo da Temperança que nos leva a Humildade, e da Fortaleza, que nos leva a coragem. Os degraus do Templo que dão acesso do Ocidente para o Oriente, estão simbolicamente representados pelas virtudes, sendo os 4 primeiros as virtudes Cardeais, e os 3 últimos pelas virtudes Teologais, sendo o último degrau o que dá acesso ao trono da Sabedoria, simbolicamente representado pela Caridade: a plenitude que se deve alcançar para tomar o trono de Salomão e dele dirigir a Loja.

### ***OS SETE VÍCIOS CAPITAIS***

Datado do século VI da Era Vulgar e tendo como base as epístolas de São Paulo, os 7 Vícios Capitais que, apesar de terem origem já no cristianismo, foram definidos pelo Papa Gregório Magno. Tal definição só se tornou regra na igreja de Roma após o século XIII, com o tratado de Vícios e Virtudes publicado na Suma Teológica de São Tomás de Aquino. Vício Capital é aquele do qual naturalmente procedem, a título de finalidade, outros vícios. Capital vem de “*caput*”, o mesmo que “*cabeça*” no sentido de líder ou primeiro de uma lista; ou seja, significa que tem valor soberano sobre os demais. São os vícios “*mãe*” pelo mesmo motivo ora explicado acerca das Virtudes; para Tomás, o Vício nada mais é do que uma restrição autêntica a liberdade, e um condicionamento para agir mal. Por serem “*Capitais*”, gozam de especial liderança, e uma vez praticados, procedem outros Vícios. A exemplo, cito grifos do autor: “*A Soberba geralmente é considerada como mãe de todos os vícios e, em depender dela, se situam os sete vícios capitais, dentre os quais a vaidade é o que lhe é mais próximo: pois esta visa manifestar a excelência pretendida pela soberba e, portanto, todas as filhas da vaidade têm afinidade com a soberba*” (De Malo 9, 3 ad 1). Os Vícios Capitais na enumeração de Santo Tomás são: Vaidade, Avareza, Inveja, Ira, Luxúria, Gula e Acídia, dos quais após o Concílio Vaticano II e até os dias de hoje, a Igreja se utiliza de Soberba para tratar de Vaidade, e Preguiça para tratar de Acídia. Eis a exposição breve das sete linhas principais de causalidade dos vícios: os sete vícios capitais.

Soberba (ou Vaidade) – Um pecado supracapital - A Vaidade é a vanglória (glória vã). Com efeito, se a busca pela excelência é um bem, a falta da busca é a Soberba: seja pela recusa de Deus, que lhe deu esta norma, ou seja projeção da própria soberba que o fez recusar. O acúmulo de riquezas de forma indevida, por exemplo, é a afirmação da existência do eu. Daí que a Caridade, que é o amor de Deus comanda todas as outras virtudes, a Soberba comanda todos os demais vícios. Filhas da Soberba/Vaidade: Desobediência, jactância, hipocrisia, contenda, pertinácia, discórdia.

Inveja – Entristecer-se com a felicidade do próximo. *“Daí que, entristecer-se com a felicidade do outro é claramente algo oposto a Caridade, pois por ela amamos ao próximo”*. [...] *“Quem inveja quem canta bem, não ama ao que canta bem. Filhas da Inveja: murmuração, detração, ódio, exultação pela adversidade, aflição pela prosperidade”*.

Acídia – Um pecado mal conhecido - A acídia é o tédio ou tristeza em relação aos bens interiores e aos bens do espírito. Os homens fazem muitas coisas pelo prazer, assim também o fazem por causa da tristeza: para evitá-la ou arrastados pelo peso da tristeza. [...] ninguém pode permanecer muito tempo em tristeza sem prazer. Com efeito, o homem é afastado a buscar o que lhe agrada para afastar-se daquilo que o entristece, e não conseguindo encontrar alegrias do espírito, instala-se nas do corpo. Eis o mal da Acídia. Filhas da Acídia: Desespero, pusilanimidade, torpor, rancor, malícia, divagação da mente.

Ira – O Vício que pode ser Virtude – O formal na Ira provem da alma apetitiva, a Ira como desejo de vingança, e o material diz respeito a alterações psicológicas, ou seja, ao calor do sangue próximo do coração. A Ira pode se dar tanto no apetite sensível quanto no intelectual, que é a vontade, e que é por onde o homem procura se vingar. Porém, a Ira pode ser boa, ou má. Ser furioso é um bem para o cão de acordo com sua natureza, mas não é para o homem. Já o apetite irascível em favor da verdade, ou de fazer o bem, é uma virtude para o homem. As Filhas da Ira: Rixa, perturbação da mente, insultos, clamor, indignação e blasfêmia.

Avareza - [...] desordenado afã de ter uma coisa qualquer, e em sentido específico, pelo afã de propriedade de posses que se resumem todas

no dinheiro, pois seu preço é medido com dinheiro. Uma atitude própria do Avaro é o excesso de juntar para si, que procede da inquietude. “*o avaro nunca se sacia de dinheiro*”. Eclesiastes 5,9. Filhas da avareza: traição, fraude, mentira, inquietude, violência, dureza de coração.

Gula – Algumas paixões se tornam ainda mais vício quando se torna mais difícil de se o submeter à regra da razão. [...] ora, de todas as paixões, a mais difícil de ordenar é o prazer segundo a razão e principalmente os prazeres naturais, companheiros da vida. Segundo Gregório Magno, há cinco facetas da Gula: antecipar a hora devida de comer, exigir alimentos, reclamar do preparo, comer mais que o razoável, desejar manjares com ímpeto de desejo desmedido. Filhas da Gula: imundície, embotamento da inteligência, alegria néscia (desordem da vontade), loquacidade desvairada (não ponderar o excesso).

Luxúria – [...] são os prazeres sexuais os que mais dissolvem a alma do homem. A prática do ato sexual é extremamente necessária para bem comum, que é a conservação do bem humano, ou seja, o ato submetido à ordem da razão. O fim da luxúria é o máximo prazer sexual ou carnal e desordenado, pois quanto mais excessivo o prazer carnal, mais despreza-se o espiritual. Filhas da Luxúria: cegueira da mente, irreflexão, inconstância, precipitação, amor de si, ódio de Deus, apego ao mundo, desespero em relação ao mundo futuro.

## **CONCLUSÕES**

A Vaidade está para o Vício assim como a Caridade está para a virtude. Esses hábitos que são Mãe diante da categorização de vícios capitais e virtudes cardeais e teologais, são, com efeito, os de maior relevância e que mais devem receber o olhar atento do Maçom. A vaidade é a mãe de todo o vício, a caridade é a mais nobre das virtudes: ambas irão conduzir o homem, uma ao caminho do bem maior, outra para o mal absoluto. Sob a ótica platônica, o homem, nas idas e vindas da alma, se molda até que se torne cem por cento virtuoso a ponto de sair do mundo das ideias, desligar-se do ser animado para seguir até a eternidade. Aristóteles diz que só se atinge a Eudaimonia (felicidade) praticando uma vida de virtudes. Ambos concordam que vícios e virtudes se opõem em potência:

não se pode ser virtuoso e cheio de vícios; não se é prudente e desleixado, moderado e austero, generoso e avarento. Tomás de Aquino, o Santo que mais deu luz à razão dentro do cânon da igreja universal, nos diz que há várias maneiras do mal servir ao bem. Em sua síntese destes pensamentos, nos faz meditar acerca de que o que foi inventado primeiro fora o bem, e desta forma, o bem existirá até quando o mal for cometido: pois o será em razão do bem, mesmo que este bem seja em razão de si próprio e isto, por si só, já aponte para uma série de outros vícios. Se o bem existe em todas as circunstâncias, a Virtude existe em todas as circunstâncias: é sob esta ótica que se deve cometer os atos: para o bem, e o bem comum. Vícios e virtudes são hábitos, e a maneira única - não menos árdua - de fugir do vício, é praticando a Virtude.

## **VITRIOL**

"Visita Interiorem Terrae, Rectificando, Invenies  
Occultum Lapidem"

### ***REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS***

Aristóteles. 2009. *Ética a Nicômaco*. São Paulo: Penguin.

GOB – Grande Oriente do Brasil. 2009. *Ritual de Aprendiz Maçom: Rito Adonhiramita*. São Paulo: Grande Oriente do Brasil.

Platão. 2005. *Diálogos V – Mênon: Da virtude*. São Paulo: Edipro.

São Tomás de Aquino. 2003. *Os sete vícios capitais: Tratado de vícios e virtudes*. Instrução de Aprendiz Maçom, GOB.

Adoum, Jorge. 2003. *O grau de aprendiz e os seus mistérios*. São Paulo: Pensamento Maçônico.

## ***SERIA O CRIADOR MATEMÁTICO?***

Tiago Albuquerque Marques Pinto<sup>[52]</sup>

ARLS Voluntas Nº 75

GLSC - Oriente de Florianópolis

### ***INTRODUÇÃO***

Tendo em vista que todas as instruções e complementos de Companheiro Maçom abordam de alguma forma o tema da numerologia, fazendo uso dos números e suas propriedades para explicar de forma simbólica o universo e nossa existência (macrocosmo e microcosmo), este trabalho se propõe a tentar expandir este entendimento com conceitos científicos mais atuais, na tentativa de fazer junção de ciência e esoterismo usando como instrumento os números.

A motivação deste trabalho é tentar demonstrar a convergência entre o conhecimento científico e esotérico, quebrando o mito da rivalidade entre ciência e fé.

Por acreditar que os números tanto na sua forma simbólica (numerologia) como na sua forma aritmética (matemática e física) são linguagens na qual se pode descrever e explicar o Universo, esta peça de arquitetura buscará construir o raciocínio para a busca do princípio criador, evidenciando como a linguagem numérica em qualquer das suas formas poderia fornecer esta resposta.

É importante destacar que este trabalho não pretende ter cunho científico, portanto as informações desta natureza descrita aqui se presta unicamente para evidenciar a argumentação do autor, sem preocupação de demonstração detalhada dos resultados ou suas fórmulas precisas. Também cabe salientar que os temas abordados não consideram superstições, adivinhações ou outras teorias sujeitas ao charlatanismo, focando somente na ciência fundamentada através do método científico.

Quando se menciona a crença através da “Fé” neste trabalho, entenda-se a crença religiosa, mas não através de “religiões” específicas, e sim com o contexto da interpretação esotérica e mística de algum fato que se baseia na crença pessoal voluntária. As religiões e suas interpretações rígidas e dogmáticas acabariam prejudicando o enfoque dado neste trabalho.

### ***DESENVOLVIMENTO***

Ao longo dos tempos houve vários conflitos e aproximações entre Ciência e Fé (esoterismo ou misticismo), cuja análise cronológica da humanidade evidencia um comportamento cíclico a este respeito.

Na Antiguidade os sábios eram justamente quem detinham um conhecimento esotérico e acadêmico sobre os fenômenos naturais, explicando “*cientificamente*” alguns fenômenos ao mesmo tempo que os atribuía de forma simbólica a alguma entidade divina, a exemplo dos mitos e dos deuses representantes dos planetas e seres da natureza. Este panteísmo existente nas antigas culturas grega, romana e egípcia contém fartos exemplos.

Na Idade Média os rígidos dogmas religiosos penalizaram pensadores como Galileu Galilei e Giordano Bruno, culminando na famosa Inquisição ocorrida neste período. Percebe-se aí o afastamento destes conceitos, ficando restrito a poucos do corpo clerical que dogmatizava este conhecimento.

Em contrapartida, na Renascença estes valores voltaram a se aproximar, quando então os pensadores da época retomaram o pensamento clássico aliado a toda evolução científica emergente na época. Os cientistas então se dedicavam tanto ao estudo científico quanto a teorização de propriedades esotéricas dos elementos (alquimia), a exemplo de Isaac Newton.

Esta época contemporânea é fortemente calcada no método científico como ferramenta do pesquisador. O método científico tem sua origem no pensamento de René Descartes, tratando-se do conjunto das normas que devem ser seguidas para a produção de conhecimentos que têm o rigor da ciência, ou seja, é um método usado para a pesquisa e comprovação de um determinado resultado.

Portanto, o método científico gera conhecimento através de experimentos sistematizados e repetíveis, afastando qualquer ato de fé, sorte ou adivinhações. Isso dá o caráter de seriedade da ciência atual.

No Grau de Companheiro-Maçom somos incentivados a fazer os questionamentos fundamentais, a inquirir de nós mesmos a origem do universo e a razão de nossa existência, apoiando-nos nas ferramentas simbólicas deste grau como a numerologia e os instrumentos da geometria como esquadro, compasso e a régua.

Daí podemos vislumbrar como este questionamento nasceu na humanidade, em um exercício mental de visualizar o homem primitivo

incomodado com estas questões e como ela foi evoluindo ao longo do tempo. A seguir tenta-se reproduzir este raciocínio:

Imagina-se que quando o homem no início da civilização observou o céu e se perguntou como funcionava a mecânica celeste, criaram-se então os mitos e lendas sobre a origem do universo, onde os corpos celestes como planetas e estrelas eram representados de forma deificada. Contudo, de certa forma, explicava todos os movimentos planetários e ciclos da natureza de forma simbólica.

Mais à frente no tempo Isaac Newton fez a mesma indagação e criou o cálculo, quantificando a mecânica celeste e podendo fazer previsões dos seus movimentos, usando os números para calcular porque a lua não caia a exemplo de uma maçã na terra.

A pergunta filosófica proposta sobre isso é: Quão distante são estas duas respostas em relação a verdade? A resposta científica e mitológica são mutuamente exclusivas? Será que o conhecimento dos sábios da Antiguidade eram tão divergentes da Ciência atual?

Continuando a provocação filosófica, pode-se ainda indagar: Os ensinamentos nas antigas escolas de mistérios egípcias e escolas filosóficas gregas eram inverídicos? Ou trata-se do mesmo conhecimento da Ciência atual, porém de forma velada?

E ainda mais um questionamento filosófico: O livro de Isaac Newton “Principia Mathematica” (Princípios Matemáticos da Filosofia Natural) possui ensinamentos e conclusões muito diferentes da “Tábua de Esmeralda” de Hermes Trimegisto?

Pretende-se discorrer na sequência sobre alguns conceitos científicos modernos, mostrando como os números de forma aplicada (através da matemática e física) são usados no entendimento do universo e os limites desta compreensão, onde a fé, o esoterismo e misticismo podem expandi-los ou ter conclusões semelhantes.

De forma sucinta, os tópicos a seguir poderiam ser intitulados de: “*O que a Ciência explica, mas não compreende!*”, ou ainda “*Os Mistérios da Ciência*”.

## **FÍSICA QUÂNTICA**

Novamente vale ressaltar que aqui não se pretende associar este ramo da física a conceitos sem fundamentos ou vinculados a adivinhações. O autor deste

trabalho se aterá aos conceitos acadêmicos e os limites desta ciência, dado que o abuso destes limites nas teorias quânticas deu margem a invenções e outras teorias supersticiosas sem o devido respaldo científico.

A quântica é o ramo da física que estuda os sistemas nas camadas próximas ou abaixo da escala atômica, a exemplo de prótons, neutros, elétrons e outras partículas subatômicas.

Para falar deste assunto, a própria ciência faz uso do conhecimento clássico, citando o filósofo grego Zeno (ou Zenão) de Eléia (490 a.C. - 430.a.C.), que fazia uso de paradoxos para provar a inconsistência de conceitos, principalmente dos conceitos de "*movimento*" e "*tempo*". A partir de premissas, Zeno buscava reduzi-las ao absurdo e com isso sustentar o ponto de fé dos eleáticos e de seu mestre Parmênides, que ia contra as ideias pitagóricas vigentes na época.

Como exemplo destes paradoxos, Zeno citava os casos da "*Dicotomia*" e "*Aquiles e a Tartaruga*".

No primeiro caso (Dicotomia), uma flecha era lançada até seu alvo, onde teria que percorrer metade do caminho até seu destino, contudo quando atingisse este ponto, teria que novamente atingir nova metade (metade da metade), e depois nova metade, e assim sucessivamente, de forma que seria impossível a flecha atingir o ponto final. Valendo-se deste raciocínio, as sucessivas frações resultariam em um número infinito impedindo que a flecha atinja o alvo final.

Já no paradoxo de "*Aquiles*", Zeno exemplificava com uma corrida hipotética entre este herói e uma tartaruga. Esta sairia na frente como vantagem, dado ser mais lenta. Contudo quando Aquiles inicia sua corrida, ele nunca ultrapassa a tartaruga, pois quando chega na posição inicial "*A*" da tartaruga, esta encontra-se mais a frente, numa outra posição "*B*". Quando Aquiles chegar a "*B*", a tartaruga não está mais lá, pois avançou para uma nova posição "*C*", e assim sucessivamente até o infinito.



Figura 1 – Paradoxo de Zeno

Desprezando-se o fator tempo, Zeno construía este tipo de paradoxo mental que desafiava a ciência (lógica e retórica) da época, e cujos exemplos são usados de forma análoga nos conceitos quânticos.

No mundo subatômico, onde a mecânica quântica reina, algo muito semelhante a estes paradoxos ocorre. Dividindo o tempo em pedaços suficientemente pequenos, tudo realmente congela no lugar. Isso é conhecido como o “*Efeito Zeno Quântico*” ou “*Efeito do Observador*”.

Basicamente, verificou-se que o fato de haver um observador em um sistema subatômico com transição de estados altera seu comportamento, o que contraria o método científico e levaria a um “*ato de fé*”.

Pode-se usar como exemplo desta teoria o famoso experimento mental do “*Gato de Schrodinger*”, descrito pelo físico austríaco Erwin Schrödinger no século XX, onde demonstraria o paradoxo de um gato estar vivo e morto ao mesmo tempo (sobreposição de estados ou superposição quântica): Um gato está preso dentro de uma caixa cujo interior não se pode ver, juntamente com um frasco de veneno e um dispositivo que quebrará o recipiente em momento aleatório, liberando o veneno e matando imediatamente o gato.

# SCHRÖDINGER'S CAT EXPERIMENT



Figura 2 – Ilustração do experimento “Gato de Schrodinger”

Em dado momento, para o observador de fora da caixa, não se pode determinar o estado do gato (vivo ou morto), e como não se pode identificar o estado diz que está em todos os estados ao mesmo tempo, portanto o gato está vivo e morto. Se a caixa for aberta para observação, altera-se o cálculo da possibilidade de o gato estar vivo ou morto, prejudicando o experimento.

Este raciocínio complexo desafia os físicos atuais como o holandês Gerardus Hooft, vencedor do Nobel de Física de 1999, que admite que "esse

*exemplo mostra que ainda não entendemos as implicações mais profundas da mecânica quântica". Seria a Ciência assumindo seus limites e dando espaço para a crença em algo criador infinitamente sábio?*

Prosseguindo o raciocínio, descreve-se agora um experimento prático sobre este efeito (núcleo radioativo de átomos): Em um núcleo radioativo, após uma hora mediu-se quantos átomos decaíram em uma amostra. Suponha que 50% deles o tenham feito. A partir daí passa-se a medir a cada minuto e no final (após uma hora) menos de 1% teria decaído! E de forma extrema, se observássemos continuamente o núcleo radioativo, ele nunca decairia! Eis então o efeito "*Zeno Quântico*" em ação.

Mais um exemplo intrigante, o chamado "*Experimento da Dupla Fenda*", onde é demonstrada a dualidade onda-partícula da mecânica quântica: Uma fonte de luz (ou laser) é direcionado para uma tela, com um anteparo entre ambos. Fazendo-se uma fenda no anteparo, a luz observada na tela aparecerá como um padrão de difração estreito. Com duas fendas no anteparo, o que chegará na tela será uma superposição quântica de duas ondas. Portanto conclui-se que a quantidade de fendas interfere no comportamento dos fótons emitidos da fonte de luz, e caracteriza o caráter ondulatório da luz.

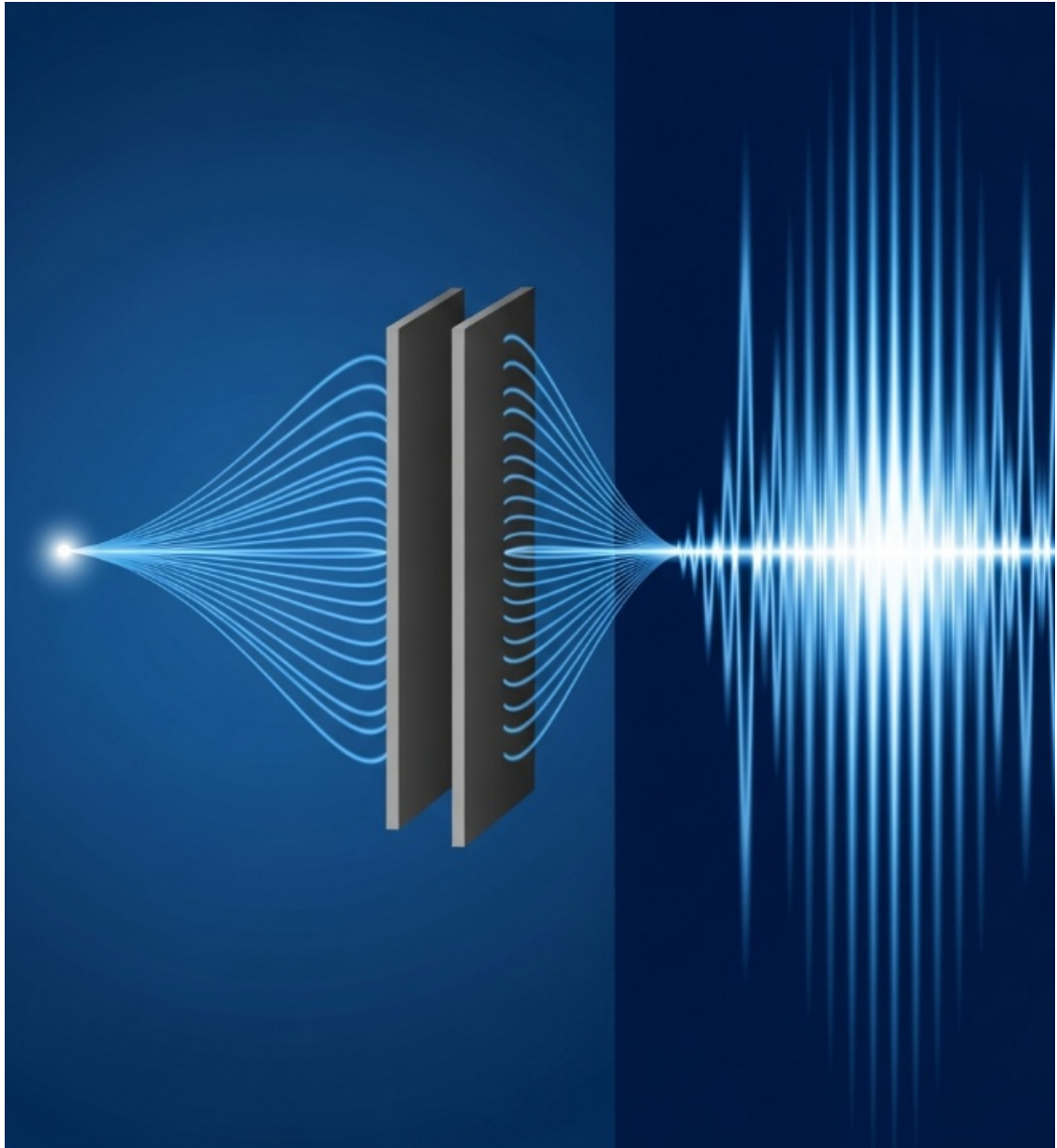


Figura 3 – Experimento da Dupla Fenda – Caráter de Onda

Refinando este experimento (já com as duas fendas), quando a fonte de luz é reduzida a somente um fóton emitido por vez, o resultado normal seria que esse fóton atravessasse ou uma ou outra fenda como uma partícula, e atingisse a tela como partícula. Contudo, os resultados mostram que qualquer fóton isolado atravessa ambas as fendas como onda, e cria um padrão de onda que interfere consigo mesmo, e ainda por cima o fóton é então detectado na tela como partícula.

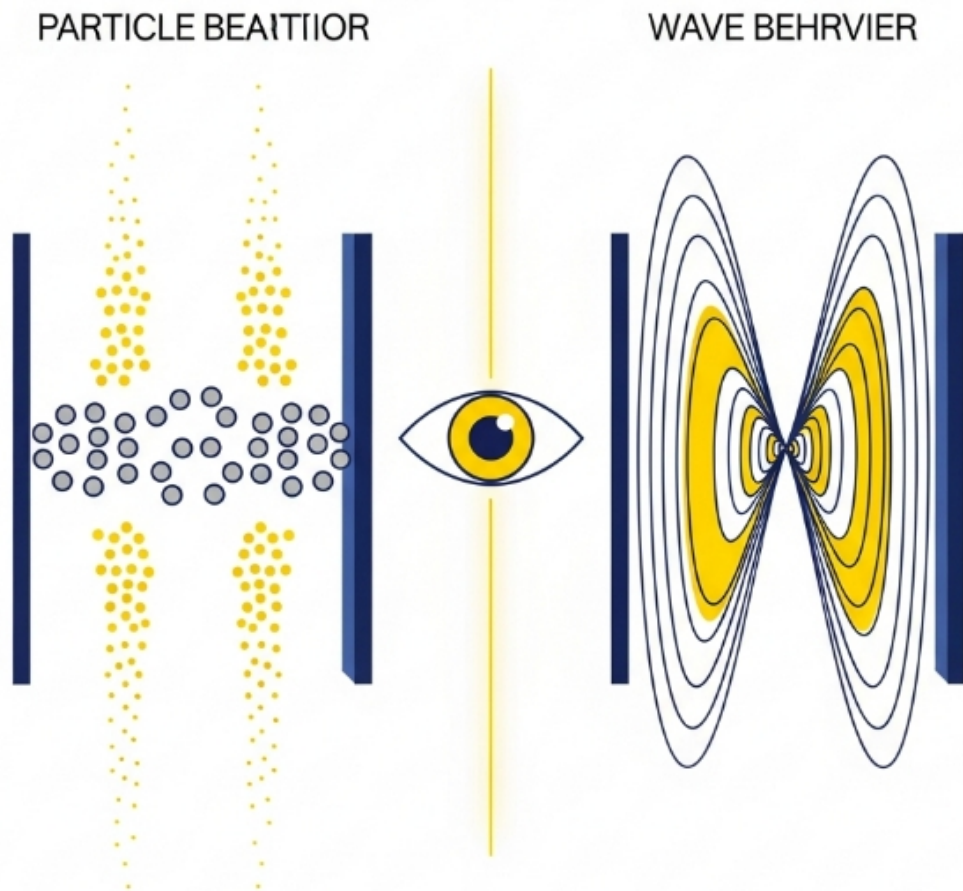


Figura 4 – Experimento da Dupla Fenda – Dualidade onda-partícula

Assim, os fótons funcionam como se fossem ondas enquanto eles atravessam as duas fendas, e a "*função de onda*" pertencente a cada fóton atravessa cada fenda. As funções de onda são superpostas ao longo de toda tela de detecção, e ainda assim na tela aparece apenas uma partícula (um fóton).

Novo mistério existe quanto a localização desse fóton ou elétron que irá atingir a tela, que dependerá de um processo completamente aleatório. Trabalha-se com probabilidade calculadas de localização, sem haver precisão dos resultados. Como a natureza consegue realizar essa proeza continua um mistério.

Estas situações intrigantes nos remetem às instruções maçônicas da dualidade representada no número “*dois*”, cujo estudo se inicia ainda no Grau de Aprendiz e são complementadas no Grau de Companheiro. A instrução do grau nos alerta sobre o perigo do caráter dual das coisas, causando a confusão e dificultando o raciocínio. Também sobre esta dualidade cabe lembrar a “*Lei dos Opostos*”, igualmente objeto de estudos neste grau maçônico.

Esse comportamento não-determinístico deste ramo da física, faz com que a linha de raciocínio se aproxime com o pensamento do esoterismo antigo. Nas antigas escolas de mistérios se assumia alguns comportamentos influenciados pelo ser, muitas vezes simbolicamente divinizados. Era sabido também que no futuro a humanidade conseguiria entender melhor este comportamento e sistematizá-lo, provocando nova etapa de evolução. Talvez o início desta previsão seja as incertezas que a ciência agora possui.

O físico-teórico norte-americano Michio Kaku (1947 - atual) resume este pensamento na seguinte frase: “*Em 2100, seremos como os deuses que hoje adoramos e tememos. Mas nossas ferramentas não serão varinhas ou poções mágicas, mas a ciência dos computadores, nanotecnologia, inteligência artificial, biotecnologia, e o mais importante, a teoria quântica*”.

## ***TEORIA DAS CORDAS***

A teoria das cordas é um modelo físico-matemático onde os blocos fundamentais são objetos extensos unidimensionais, semelhantes a uma corda, e não pontos sem dimensão (partículas), que são a base da física tradicional.

Os cientistas foram pesquisando a partícula fundamental e foram dividindo a matéria em suas partes constituintes, daí surgindo os modelos de átomos, subdividido em elétrons, prótons e nêutrons, e estes dois últimos divididos em quarks. O modelo padrão de constituição da matéria para nesta subdivisão, contudo esta nova teoria admite partículas primordiais formadas por energia que vibrando em diferentes frequências formaria diferentes partículas. Esses filamentos unidimensionais vibrantes foi batizado pelos físicos de “*cordas*”. Ao vibrarem, as cordas originariam as partículas subatômicas, associada àquele padrão de vibração. Em termos grosseiros, estas cordas seriam as “*células-troncos*” do universo, capaz de gerar qualquer outra partícula constitutiva do mesmo.

Fazendo outra analogia, as vibrações desses pequenos filamentos de energia produzem partículas diferentes assim como as diferentes vibrações das

cordas de um violão produzem sons diferentes.

# Teoria das Cordas

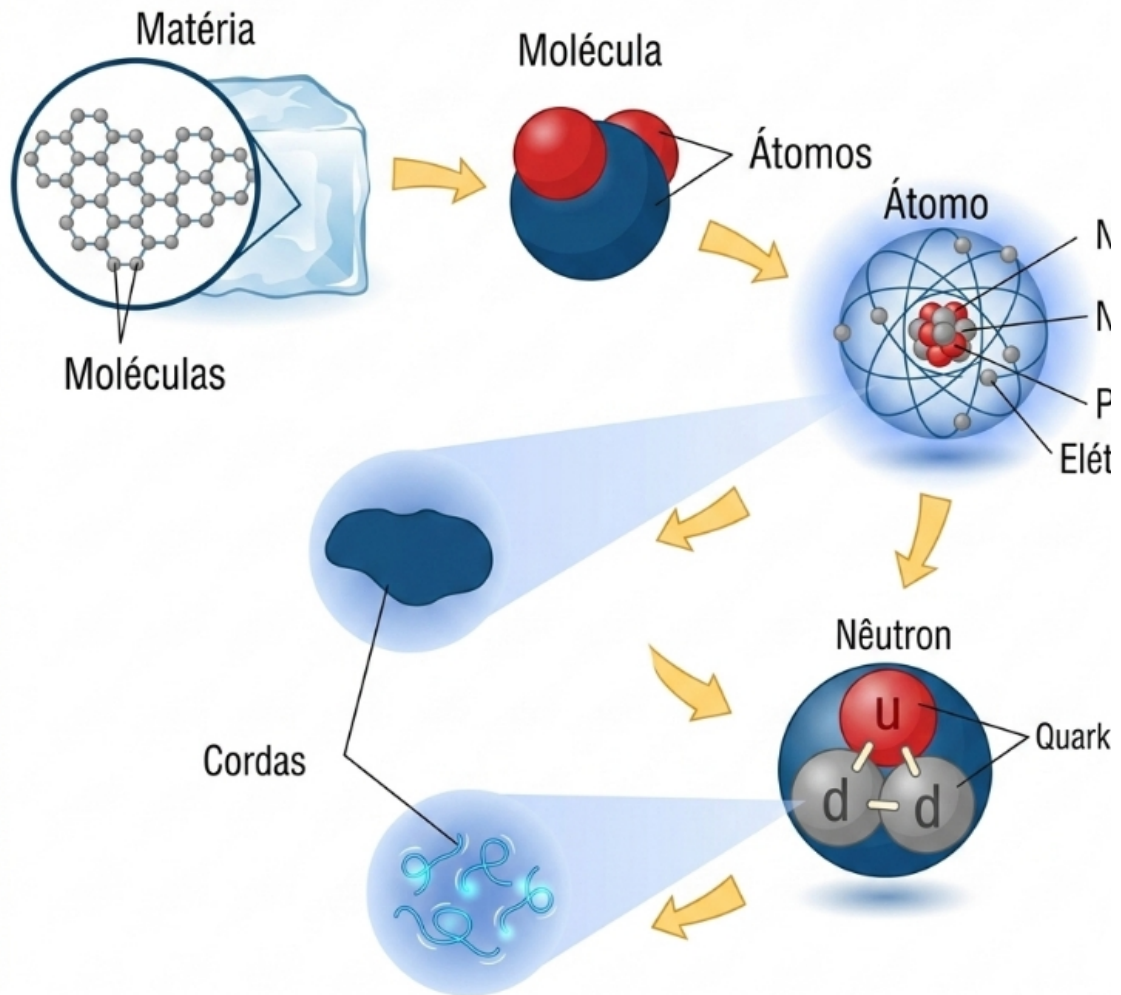


Figura 5 – Ilustração da Teoria das Cordas

Diante destas definições e fazendo um paralelo com o conhecimento antigo, será por acaso que Pitágoras além de usar os números para representar o Universo, também dava grande enfoque para a Música e o estudo do som produzido pelas vibrações?

Esta analogia também nos remete a alguns princípios herméticos do Caibalion: “*Princípio da Vibração*” e o “*Princípio do Ritmo*”, para citar novo exemplo de enlace entre ciência moderna e conhecimento místico antigo.

Apesar da teoria das cordas não poder ser atualmente demonstrada experimentalmente, a principal consequência da existência destas cordas está na sua demonstração matemática, dado que ela não funciona em um universo com três dimensões espaciais, e sim em um universo com dez dimensões de espaço e uma de tempo. Em outras palavras, a ciência admitiria que existiriam sete dimensões espaciais que não conseguimos perceber e que vão além da altura, comprimento e largura. Seria uma nova e diferente visão do universo como se entende hoje em dia.

A existência de vários “*universos*” citados no campo da física teórica, pode se relacionar aos conceitos espiritualistas de vidas em várias dimensões, ou ainda com o trecho bíblico de que “... *na casa de meu pai há várias moradas...*” (João, 14:2).

Obviamente que esta é uma opinião pessoal deste subscritor, mas digno de mencionar pela coerência destas ideias impostas pelo raciocínio proposto.

Alguns cientistas consideram o instante do Big Bang e o centro de um buraco negro como os dois lugares mais interessantes do universo, onde as equações de Albert Einstein não funcionam e deixam um campo de pesquisa além do nosso alcance. Foi então necessária uma nova teoria, com novas ideias e hipóteses, e é aí que entra novamente a Teoria das Cordas (ou das Supercordas).

A teoria das cordas leva em conta o momento exatamente anterior ao Big Bang, onde haveria um multiverso de universos, ou seja, diversas dimensões. Quando dois destes universos se colidem/fundem ou quando um se divide, o efeito é a geração de um novo universo com uma explosão em constante expansão, como o Big Bang.

Assumindo-se esta pluralidade de universos, elaborou-se a hipótese de se transitar entre eles, o que seria possível através do chamado “*wormhole*” (buraco de minhoca), que seria basicamente um atalho ou fenda no espaço-tempo conectando estes universos, através do qual seria possível “*viajar*” entre eles. Os cientistas atuais não sabem se seria fisicamente possível atravessar um *wormhole*, que é o cerne dos debates atuais sobre o assunto. Em sendo possível, ter-se-ia uma espécie de máquina do tempo.

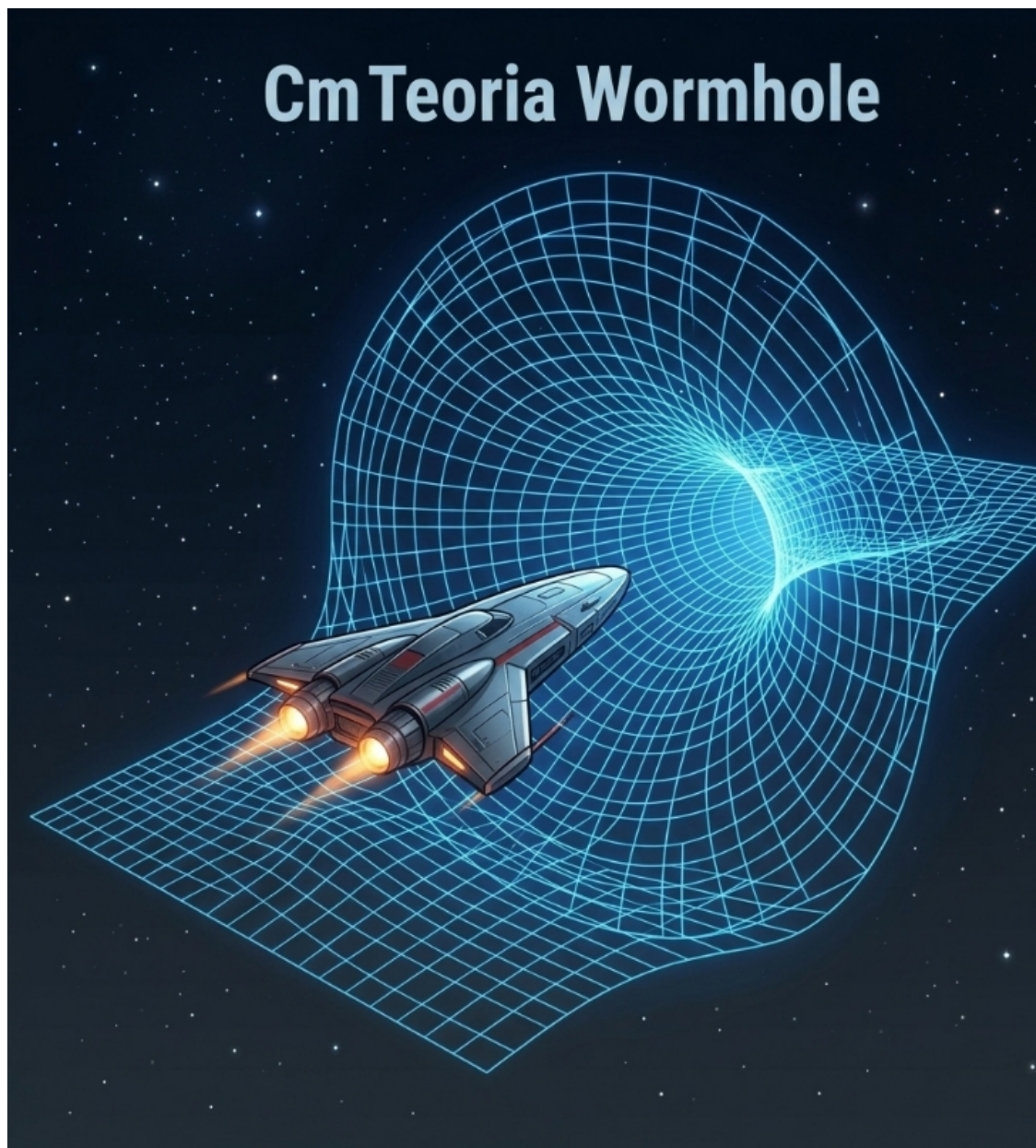


Figura 6 – Representação de um “wormhole”

O que se sabe é que essa expansão constante do nosso universo ao longo do tempo sempre resulta em seu fim, ou seja, *"as leis da física são um aviso de morte para toda a vida inteligente"*, nas palavras do cientista Michio Kaku. Portanto, tudo é passageiro, tem início e fim, inclusive o Universo, em um movimento de renovação constante, com respaldo científico.

Este mesmo físico Michio Kaku proferiu a frase que o autor deste trabalho considera a síntese de toda esta teoria e sua convergência com o princípio Criador

do Universo:

*"A mente de Deus, nós acreditamos que seja a música cósmica das cordas ressonando através do hiperespaço de 11 dimensões. Essa é a mente de Deus".*

### **ONDAS GRAVITACIONAIS**

Ondas gravitacionais são ondulações no tecido do espaço. Seria semelhante ao fenômeno de quando jogamos uma pedra em uma superfície com água que provoca ondulações, contudo a superfície é o próprio espaço.

A Teoria da Relatividade Geral de Einstein formulada em 1915 diz que a Gravidade é fruto da curvatura do tecido do espaço, portanto o Sol deforma o espaço em sua volta e mantém o planeta Terra em sua órbita. Extrapolando este conceito, o espaço seria um imensurável tecido elástico onde estas deformações e as ondulações decorrentes do movimento dos corpos celestes seriam propagadas. Em 1916, Einstein previu a existência destas ondas gravitacionais, inclusive demonstrando-a matematicamente através de uma fórmula específica. Somente em 2016 foi possível confirmar experimentalmente sua existência, o que possibilita uma nova forma de explorar o universo e tentar entender sua constituição e origem. Esta comprovação é considerada a descoberta científica mais importante desde então.

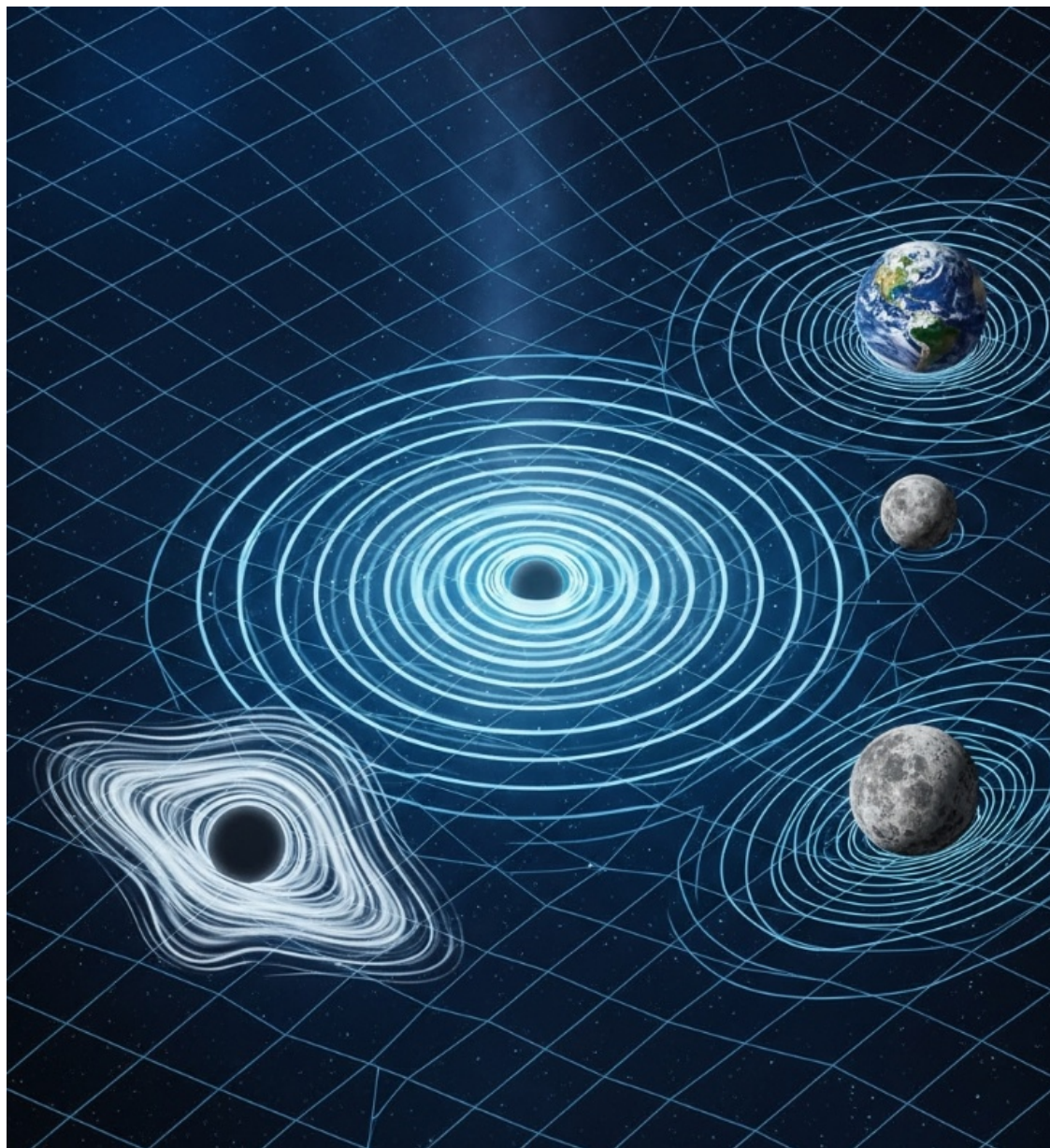


Figura 7 – Representação de Ondas Gravitacionais e Gravidade

As fórmulas destas ondas preveem que sua propagação no espaço faz com que qualquer coisa em sua superfície seja esticada e comprimida continuamente, ou seja, há um constante movimento de esticamento e achatamento em todos os corpos junto com a ondulação do espaço-tempo. Obviamente esta variação seria em menos de um diâmetro atômico, razão da dificuldade de sua comprovação pelo método científico e que foi o desafio dos cientistas desde a formulação desta teoria.

Aqui novamente pode-se fazer referência aos princípios herméticos do “*Princípio da Vibração*” e do “*Princípio do Ritmo*”, já de conhecimento dos antigos místicos.

O experimento que comprovou esta teoria, detectando as tais ondas gravitacionais, foi usando dois feixes de laser no vácuo, os quais se cruzavam e provocavam um padrão de interferência na projeção dos mesmos. Este padrão foi registrado e é sabido que qualquer variação na distância entre os dois feixes de laser produz um resultado diferente em sua projeção. O dispositivo usado no experimento estava protegido de qualquer outras influências ambientais, exceto da gravidade (que seria impossível), e quando projetado no espaço constatou-se a variação da projeção de forma constante, comprovando o movimento das ondas gravitacionais em ação.

A revolução científica nesta comprovação é pelo fato de que a luz pode ser bloqueada, ou seja, onde não há luz não podemos enxergar, limitando o alcance de visibilidade de nossos equipamentos. Contudo a gravidade é universal e não pode ser bloqueada, o que nos permite a “*enxergar*” além, como se usássemos sismógrafos espaciais, e o domínio sobre esta nova forma de visualização do universo nos permite mapear e estudar buracos negros e o próprio Big Bang, por exemplo.

Retomando o paralelo com o misticismo, a grande euforia desta descoberta é justamente poder estudar a origem do Universo, cuja descrição metafórica e simbólica está novamente na “*Tábua de Esmeralda*” de Hermes Trimegisto no 12o verso (“...*Assim o mundo foi criado...*”), conforme ensinamentos do Grau de Companheiro Maçom.

Ainda mais interessante, é que como as ondas gravitacionais vibram em certas frequências, é possível transformá-las em som para que o ouvido humano possa escutá-las. Seria som, música e arte diretamente do universo!

Com esta nova ferramenta de pesquisa do universo, podemos constatar como a nossa Ciência é avançada e em contrapartida como ainda há campos desconhecidos para serem pesquisados, refletindo nossa visão ainda incipiente sobre o Universo.

## ***VISÃO MAÇÔNICA***

A maçonaria reconhece a importância dos números para a compreensão do Universo, a fim de que como “*livres pensadores*” possamos usar deste

instrumento estudar, evoluir e tirar nossas próprias conclusões sobre a concepção do universo e nossos objetivos neste mundo.

Sabedora de que no mundo profano recebemos as instruções acadêmicas a respeito dos números, a Maçonaria apresenta a numerologia, usando dos números como forma de linguagem simbólica e interpretativa. A aritmética cabalista a qual somos introduzidos no grau de Companheiro corrobora este entendimento, mostrando que há todo um novo universo de estudos com base nos mesmos números ensinados nos meios acadêmicos.

Ainda sobre o grau de Companheiro, além da numerologia somos instruídos sobre “*Gravidade*” e “*Geometria*”, contudo em uma dimensão simbólica com grande semelhança com os conceitos científicos dissertados nesta peça.

A Maçonaria também admite o caráter “*matemático*” do Criador quando denomina como “*Grande Arquiteto do Universo*” ou “*Grande Geômetra*”, sabendo que os números formam uma abstração representativa de sua obra, e simbolicamente o associa com os instrumentos da Geometria, a saber, o esquadro e compasso.

Conforme ensina o complemento e telhamento do Grau 2 maçônico, a Geometria referenciada pela maçonaria é aquela “*aplicada à construção universal, que nos ensina a polir o homem e torná-lo digno de ocupar seu lugar no edifício social*”.

## **CONCLUSÕES**

Em resumo do exposto nesta peça de arquitetura, ao longo dos séculos a humanidade veio numa sequência de aproximações e distanciamento entre Ciência e Fé (enquanto crença religiosa, esoterismo e/ou misticismo).

Embora tido como campos contraditórios, percebe-se que o objeto de estudo é o mesmo e as conclusões são convergentes, conquanto usem de linguagens diferentes para se expressar. Mesmo quando usam do mesmo instrumento, como os números, cada um o faz de forma diversa: a Ciência o usa como notação de cálculo; o Esoterismo faz uso simbólico dos números e suas propriedades. A cabala hebraica apresentada no último complemento de Companheiro Maçom reforça a representação simbólica dos números com um novo campo de estudo.

Há correntes que tentam aproximar estes conceitos, a exemplo da tradicional Rosacruz (AMORC) e da nova Ciência Noética, esta última ainda em desenvolvimento e ganhando maturidade em seus conceitos.

Como outro exemplo de embate, pode-se citar a teoria evolucionista versus teoria criacionista da humanidade. Como admirador da ciência, não posso deixar de me declarar evolucionista, contudo acredito que a teoria criacionista seria uma alegoria que deveria ser interpretada ao invés de lida com exatidão. Portanto, não enxergo aí nova divergência.

Os antigos já conheciam o número de ouro e a proporção áurea, e Pitágoras já dizia que “*tudo são números*” e seus ensinamentos sobre a numerologia, geometria e música podem ser correlacionados com aspectos da ciência atual, como a teoria das cordas.

Busca-se uma teoria que consiga agregar todas as vertentes da física e consiga de forma unificada explicar o universo, a chamada “*Teoria de Tudo*”, que foi objeto de estudo de Albert Einstein e é atualmente de Stephen Hawking. Esta chamada “*Teoria de Tudo*” ou ainda “*teoria unificadora*” é uma teoria científica hipotética que unificaria e conectaria em uma só estrutura teórica todos os fenômenos físicos (juntando a mecânica quântica e a relatividade geral) num único tratamento teórico e matemático.

Esse elemento unificador, que faria a junção de todas as teorias científicas, não seria justamente o Princípio Criador do Universo, o Zero, ou como chamamos maçonicamente, o GADU? Pessoalmente estou convencido que sim, o que novamente aproximaria os conceitos de ciência e fé.

Retomando o exemplo da teoria evolucionista do universo, crédito o valor aleatório das combinações de fatores que permitiram a vida ser gerada na água e posteriormente alcançar a terra e o ar justamente a este princípio criador e regente do universo, cuja interpretação está mais próxima da fé do que da ciência.

Portanto, toda “*casualidade*” assumida pela ciência, eu enxergo a ação do GADU e sua justiça divina regendo o universo e provocando sua evolução contínua.

Pessoalmente acredito que nos dias de hoje ciência e religião estão cada vez mais convergindo, à medida que ambas evoluem seus entendimentos sobre o universo e nossa existência.

Tenho como hobby escutar podcasts no tempo livre, geralmente sobre assuntos ligados à ciência (principalmente matemática e física) e religião

(principalmente espiritualistas/espíritas). Faço a lista de reprodução intencionalmente mesclada, de forma que percebo uma conexão nos temas explorados nos áudios, reforçando minha convicção sobre o assunto.

Acredito que neste universo vivemos numa espécie de Matrix, cuja leis são regidas pela programação do criador e seu Arquiteto seria justamente o princípio que chamamos de GADU. Para enxergar a verdade, teríamos que extrapolar nossa visão do mundo visível, e buscar o conhecimento além das fronteiras dos limites de nossos sentidos.

De todo o exposto neste trabalho, eu responderia afirmativamente à resposta do título: o Criador é matemático!

Concluo com um pensamento sobre as áreas de conhecimento humano:

*“Se a Geografia é o tabuleiro da humanidade, a História é quem conta a evolução dos personagens, certamente a Matemática é a linguagem de programação na qual o universo foi escrito”.*

## **REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS**

Rooney, Anne. 2012. A história da matemática. Tradução de Mario Fecchio. São Paulo: M. Books.

"A revolução da teoria quântica." 2014. Superinteressante, edição 34. Acessado em [data não informada].<http://super.abril.com.br/ciencia/a-revolucao-dateoria-quantica>.

Bíblia Sagrada. n.d. Versão de João Ferreira de Almeida. Acessado em [data não informada]. <http://biblia.com.br/joao-ferreira-almeida-atualizada>.

Caibalion: Estudo da filosofia hermética do Antigo Egito e da Grécia. n.d. Acessado em [data não informada].<http://www.hermetics.org/pdf/KybalionBr.pdf>.

GLSC – Grande Loja de Santa Catarina. n.d. Complemento I à 2ª instrução de companheiramaçom (Gravidade e geometria). Ritual do REAA. Florianópolis, SC.

GLSC – Grande Loja de Santa Catarina. 2001. Complemento II à 2ª instrução de companheiramaçom (Lei dos opostos, Hermes Trismegisto, Tábua de Esmeralda). Ritual do REAA. Florianópolis, SC.

GLSC – Grande Loja de Santa Catarina. n.d. Complemento I à 3ª instrução de companheiramaçom (Números e suas propriedades). Ritual do

REAA. Florianópolis, SC.

Greene, Brian. 2016. "Gravitational Waves." Open Culture. Acessado em [data não informada]. <http://www.openculture.com/2016/02/brian-greenebreaks-down-einsteins-theory-of-gravitationalwaves-for-stephen-colbert.html>.

"Mecânica quântica." n.d. Wikipédia, a enciclopédia livre. Acessado em [data não informada]. [https://pt.wikipedia.org/wiki/Mec%C3%A2nica\\_qu%C3%A2ntica](https://pt.wikipedia.org/wiki/Mec%C3%A2nica_qu%C3%A2ntica).

"Método científico." n.d. Wikipédia, a enciclopédia livre. Acessado em [data não informada]. [https://pt.wikipedia.org/wiki/M%C3%A9todo\\_cient%C3%ADfico](https://pt.wikipedia.org/wiki/M%C3%A9todo_cient%C3%ADfico).

"Quantificando a física quântica." 2013. NerdCast, episódio 365, 31 maio 2013. Acessado em [data não informada]. <https://jovemnerd.com.br/nerdcast/nerdcast-365quantificando-a-fisica-quantica/>.

GLSC – Grande Loja de Santa Catarina. 2007. Ritual do grau de companheiro-maçom. Ritual do REAA. Florianópolis, SC.

Kaku, Michio. 2011. "String Theory." Vídeo do YouTube. Acessado em [data não informada]. <https://www.youtube.com/watch?v=kYAdwS5MFjQ>.

Dowden, Bradley. 2010. "Zeno's Paradoxes." Internet Encyclopedia of Philosophy. California State University, Sacramento. Acessado em [data não informada]. <http://www.iep.utm.edu/zeno-par/>.

---

[1] Trabalho vencedor na categoria Mestre Maçom

[2] Trabalho vencedor na categoria Aprendiz Maçom

[3] “Os Gideões Internacionais” é uma Associação Interdenominacional de Homens de Negócio e Profissionais cristãos e suas esposas, membros, em plena comunhão, de igrejas protestante-evangélicas. O propósito da Associação é a propagação do Evangelho de Cristo a todas as pessoas.

[4] Trabalho vencedor na categoria Companheiro Maçom

[5] Trabalho vencedor na categoria Mestre Maçom

[6] Refiro-me aqui à citação de George Orwell: “[w]e have now sunk to a depth at which the restatement of the obvious is the first duty of intelligent men” [Agora chegamos a um ponto em que reafirmar o óbvio se tornou o primeiro dever dos homens inteligentes], extraída de sua resenha “Review of Bertrand Russell’s Power: A New Social Analysis”, publicada em janeiro de 1939. Nessa resenha, Orwell critica o livro de Bertrand Russel e usa essa afirmação para enfatizar a importância de se reafirmar verdades básicas em uma era em que elas são frequentemente ignoradas ou obscurecidas. Essa citação encapsula a preocupação de Orwell com a clareza de pensamento e a importância de se afirmar verdades simples em tempos de confusão ou dissimulação generalizadas. Quase um século se passou, mas a relevância dessa citação permanece mais viva do que nunca nos dias atuais.

[7] Trabalho vencedor na categoria Mestre Maçom

[8] As Guildas, também chamadas de “corporações de ofício” eram estabelecidas por relações de solidariedade e de auxílio mútuo e tinham como objetivo principal conservar o ofício dos artesãos da qual ela era formada. A transmissão oral do ofício, que se dava no contato mestre artesão (relação Mestre, Oficiais e Aprendizes), era um processo fundamental para isso, já que, por diversos motivos, sendo um dos principais o resguardo daquelas técnicas a poucas pessoas, eram escassos registros escritos sobre aquelas atividades. As corporações tinham outras atribuições e princípios básicos, sendo eles:

- a- Ajuda mútua: as corporações, através do seu espírito de fraternidade, garantiam direitos básicos aos seus membros mais necessitados, como o que hoje seria o auxílio-desemprego e a aposentadoria;
- b- Controle direto da indústria: conhecido também como monopólio da produção de específicos, era vetada a participação de estrangeiros e não membros;
- c- Conduta moral entre os membros: eram proibidas vantagens obtidas por meio de golpes entre membros;

[9] Aristóteles afirmava que cada ser ou objeto tem uma substância própria, sendo o conjunto de todas as suas características fundamentais, como suas dimensões, qualidades, matéria de que é feito etc. Por meio da abstração, o homem conseguiria analisar esses atributos separadamente, inseparáveis no ser ou objeto em si. Assim, a substância do homem é sempre a mesma num indivíduo, independentemente de sua cor de pele, altura e nacionalidade. (estas são apenas acidentes). Determinar a substância de algo e, portanto, conhecer.

[10] Para Kant, Númeno ou noumeno (do grego νοούμενον) é um objeto ou evento postulado conhecido sem a ajuda dos sentidos. Na filosofia antiga, a esfera do númeno é a realidade superior conhecida pela mente filosófica. Também pode ser entendido como a essência de algo, aquilo que faz algo ser o que é. O termo é geralmente usado em contraste ou em relação com fenômeno, que em filosofia se refere ao que aparece aos sentidos, isto é, é um objeto dos sentidos. Platão utilizou esse conceito para se referir ao seu mundo das ideias. (Númeno — Wikipédia, (wikipedia.org), acessado em 20/07/2024)

[11] “A semiótica é o estudo dos signos, que consistem em todos os elementos que representam algum significado e sentido para o ser humano, abrangendo as linguagens verbais e não-verbais” e “busca entender como o ser humano consegue interpretar as coisas, principalmente o ambiente que o envolve. Desta forma, estuda como o indivíduo atribui significado a tudo o que está ao seu redor”. Fonte: Enciclopédia Significados – Acessado em 15/09/2024 <https://www.significados.com.br/semiotica/#:~:text=O%20que%20%C3%A9%20Semi%3Btica%3A&text=Desta%20forma%20estuda%20como%20o,%20religi%C3%A3o%20moda%20etc.>

[12] O termo dóxica descreve algo que está relacionado a opiniões, crenças ou interpretações subjetivas, em vez de certezas ou verdades objetivas. Ele se aplica principalmente em discussões filosóficas, culturais ou religiosas onde se destaca a diferença entre o que é percebido ou acreditado pelas pessoas e o que pode ser comprovado de maneira racional ou empírica.

[13] O “Véu de Maya” é um conceito originado da filosofia hindu, particularmente do Vedanta, tendo sido popularizado no Ocidente por meio da filosofia de Arthur Schopenhauer. Ele está associado à ideia de maya, que, no contexto da tradição védica, refere-se à ilusão ou ao engano que nos impede de perceber a verdadeira natureza da realidade.

[14] A maiêutica socrática tem como significado “dar à luz”, “parir” o conhecimento (em grego, μαιευτική — maieutike — significa “arte de partejar”). É um método ou técnica que pressupõe que “a verdade está latente em todo ser humano, podendo aflorar gradualmente na medida em que se responde a uma série de perguntas simples, quase ingênuas, porém perspicazes”. Sócrates conduzia este “parto” em duas etapas: na primeira, levava o interlocutor a duvidar de seu próprio saber sobre determinado assunto, revelando as contradições presentes em sua atual forma de pensar, normalmente baseadas em valores e preconceitos sociais. Na segunda, levava o interlocutor a vislumbrar novos conceitos, novas opiniões sobre o assunto em pauta, estimulando-o a pensar por si. Ou seja: a maiêutica primeiro demole, depois ajuda a reconstruir conceitos, transitando do básico ao elaborado, “parindo” noções cada vez mais complexas.

[15] Para haver efetividade no propósito de levar o candidato a um estado pleno de reflexão, este precisa permanecer no interior do templo, no mais absoluto estado reflexivo, por, pelo menos, três horas, até que seja conduzido para o início do cerimonial. Para isso, é de fundamental importância a prevalência de um completo silêncio ao redor do profano. Este período de três horas é consignado pelas principais entidades que promovem momentos de reflexão em suas ritualísticas, entre elas o Yoga e o Budismo, como o ideal para que se inicie alguma integração física, com o espírito do indivíduo e ocorra, assim, sua individuação.

[16] Segundo a teoria funcionalista, a sociedade é vista como um sistema composto por diferentes partes interdependentes que funcionam em conjunto para garantir a ordem e a continuidade social. O funcionalismo sugere que cada parte da sociedade tem uma função específica a cumprir e que, quando todas as partes trabalham em harmonia, a sociedade funciona de maneira eficaz. Seus teóricos acreditam que as instituições sociais, como a família, a religião, a economia, a política e, neste caso, a maçonaria, desempenham papéis importantes na manutenção da ordem social. Essas instituições trabalham juntas para satisfazer as necessidades e desejos dos membros da sociedade, criando assim uma sociedade funcional e estável. Fonte: <https://querobolsa.com.br/enem/sociologia/funcionalismo>.

[17] Juristocracia é o tipo de regime político incompatível com o constitucionalismo liberal que fragiliza as Constituições desses Estados, tornando-as disfuncionais e incapazes de assegurar o equilíbrio de poderes, a defesa de direitos e conter o abuso do poder estatal. Fonte: Claudia Maria Barbosa, Revista Eletrônica do Curso de Direito, v.14, n.2. 2019

[18] Trabalho vencedor na Categoria Companheiro Maçom

[19] Novo Dictionario dos Termos Maçonicos recopilado de todas as obras publicadas sobre a maçonaria, e o mais completo dos que se têm dado à luz. Rio de Janeiro, RJ: Typ. Imp. e Const. dos II Seignot-Plancher e C. 1833. p. .3.

[20] Dos muitos exemplos de cânticos que eram entoados nas cerimônias de batismo (Pour une Pête de Baptême), encontra-se um canto que faz referência aos *Lowtons*, no livreto cujo título correspondia a “Nova coleção de cânticos, hinos e canções maçônicas”: “(...) *Vous, jeunes Lowtons, Nos bien-aimés pupilles! A de sages leçons Pour vous montrer dociles ! Fidèles au devoir Dès votre adolescence , Remplissez notre espoir Par votre bienfaisance ; D'orphelins malheureux Chacun de vous est frère ; Soulagez leur misère... Ah ! prenez pitié d'eux ! Chers Lowtons ! pitié pour eux !* (...)”. **Nouveau recueil de cantiques, hymnes & chansons maçonniques**: rassemblés et mis en ordre par le F. Orcel. Lyon: Imprimerie Typographique de C. Jaillet, 1867. p. 34. Tradução livre: “*Vocês, jovens Lowtons, nossos amados pupilos! Temos lições sábias Para te mostrar dócil! Fiel ao*

*dever Desde a adolescência, Encha nossa esperança Com sua beneficência; Dos órfãos infelizes Cada um de vocês é um irmão; Alivie sua miséria... Ah! tenha pena deles! Caros Lowtons! pena deles!?”.*

[21] O Domesday Book representa algo como um senso das terras, construções, rebanhos e proprietários, realizado em 1086 A.D., na Inglaterra, ordenado pelo Rei Guilherme, o Conquistador, tendo como objetivo estabelecer as bases para futura cobrança de impostos. “(...) O Domesday Book fornece registros extensos dos proprietários de terras, seus inquilinos, a quantidade de terras que possuíam, quantas pessoas ocupavam as terras (aldeões, pequenos proprietários, homens livres, escravos, etc.), a quantidade de florestas, prados, animais, peixes e arados no terreno (se houvesse) e outros recursos, quaisquer edifícios presentes (igrejas, castelos, moinhos, salinas, etc.), e todo o propósito do levantamento - o valor do terreno e seus bens, antes da Conquista Normanda, depois dela, e na época do Domesday (...)” Disponível em <https://www.domesdaybook.co.uk/faqs.html#1>. Acesso em: 10/03/2024

[22] Todas as palavras com uma origem comum: Do latim antigo *leuare* (aliviar); do latim médio *levare* (levantar); do francês antigo *leveor* (aquele que levanta); do inglês médio *levour* (alavanca); do inglês moderno *lever* (alavanca).

[23] Em tradução livre, a passagem do texto ficaria assim: “*Como quem diria aquele que pela sua ascensão gera luz. Com efeito, o esplendor dos raios que precedem a aproximação do sol em todas as direções, pouco a pouco dissipa a espessura das trevas e gera luz. Os romanos, que herdaram várias coisas dos gregos, parecem ter-lhes emprestado o costume de representar a luz sob a figura de um lobo. Também os escritores gregos mais antigos deram ao ano o epíteto *luxáδavta* (andando como o lobo), palavra composta por *ς* (que trabalha e quem mede). Outra prova de que o sol recebe o nome de *Lycos* é que *Licópolis*, cidade de *Tebaida*, venera *Apolo* e o lobo (*λίxoc*), adorando o sol em ambos: porque na verdade este animal tudo remove e devora, como faz o sol, e, com o seu olhar penetrante, triunfa quase inteiramente, como esta estrela, sobre a escuridão da noite. Alguns também pensam que o lobo leva o nome de *λίxos* de *λίχη*, ou seja, a luz do crepúsculo; porque este animal escolhe este momento como o mais favorável para retirar os rebanhos, que o jejum noturno traz dos seus estábulos antes do amanhecer, para irem pastar.”. NISARD, Désiré. **Macrobe (oeuvres complètes); Varron (de la langue latine); Pomponius Méla (oeuvres complètes)**; avec la traduction en français, publiées sous la direction de M. Nisard,*

professeur D'Éloquence Latine au College de France. Paris: J. J. Dubochet et Compagnie Editeurs, 1845. p. 200.

[24] No catecismo de Mestre, da obra “O maçom perfeito”, de 1744, atribuída a St. Victor, o telhador perguntava: “(...) Qual é o nome de um Aprendiz? (...)”. A resposta era: “(...) Louvet (...)”. A seguinte questionava: “(...) Qual é o nome do filho de um Maçom? (...)”. Resposta: “(...) Louveteau (...)”. *Le parfait maçon: ou les veritables secrets de quatre Grades d'Apprentifs, Compagnons, Maîtres ordinaires & Ecossois de la Franche-Maçonnerie*. França, n.p, 1744. p. 90.

[25] *Ils affectent de dire que leurs Lowtons et leurs Lowtonnes, « à l'âge de raison et de pleine volonté, pourront déclarer vouloir embrasser une religion quelconque, (...)»*; em tradução livre: “(...) Eles fingem dizer que seus Lowtons e Lowtonnes, "na idade da razão e da plena vontade, poderão declarar que desejam abraçar qualquer religião", (...)”. FAVA, Amand-Joseph. Mgr. **Le Secret De La Francmaçonnerie**. 3ª ed. Belgique/Lille. Société de Saint-Augustin, 1885. p. 242.

[26] Loughton, s. zoon van een vrijmetselaar, louveton, m. Em tradução livre: “Loughton, S. filho de um maçom, louveton, m.”. CALISCH, Isaac Marcus; CALISCH, Nathan Salomon. **A New Dictionary of the English and Dutch Languages**. Third Edition. Nederlands/Leiden: Albertus Willem Sijthoff Uitgever. 1882. p. 234.

[27] O *Lufton* alemão provavelmente foi tirado do francês. Além dessas expressões, a palavra *loffat* também pode ser encontrada em francês com o mesmo significado. Significa aspirante a membro da guilda (...). BAND, Erster. **Allgemeines Handbuch der Freimaurerei**: Bd. A-L. Leipzig: Max Hesse's Verlag, 1900. p. 637. <sup>39</sup> Disponível em: <https://www.freimaurer-wiki.de/index.php/Lufton>. Acesso em: 10/03/2024.

[28] **Lupacchiotto** si chiama il figlio di un massone. PREMOLI, Palmiro. **Vocabolario nomenclatore, illustrato** (Spiega e suggerisce parole, sinonimi, frasi). Volume secondo. Milano: Scieita Editrice Aldo Manuzio, 1909. p. 548.

[29] “Ulivelli” em italiano significa “oliveiras” em português. O nome da cerimônia de adoção era “Ritual de Adoção de Oliveiras”. Riccardo Corsi revelou que Salvatore Farina foi quem introduziu o termo “Ulivelli”, na Itália, em 1960. Dizia ele: “(...) *Os rituais estão em desacordo sobre os nomes a serem dados aos jovens adotados: Lowton, Lofton, Loveson, Luston, Lupetto e Ulivello: o último nome, levando em conta que a oliveira é um antigo símbolo de paz, é mais popular. O nome Lupetto, outrora muito usado, embora diminutivo, ainda lembra um animal que certamente não é manso. A adoção é reservada apenas para os filhos homens das Lojas Maçônicas e ocorria imediatamente após o nascimento. Alguns oponentes da Maçonaria querem ver nesse rito uma paródia do batismo. Como o cristianismo herdou o caráter ritual e mágico da água de outras religiões, é bom ressaltar que há uma diferença substancial entre as duas cerimônias: o batismo limpa uma falha que remonta a Adão, enquanto a adoção é uma promessa para o futuro, a iniciação na vida da inteligência.*”

*Concorda-se com o que Farina diz, inclusive porque o nome “menino lobo” já é usado no mundo dos escoteiros. (...)*. CORSI, Riccardo. **Compendio Dei Rituali Ad Uso Del Maestro Delle Cerimonie**. Torino: Editore Ananke, 2007. p. 137.

[30] Segundo relato do Irmão Riebesthal “(...) *Esta cerimônia teve lugar na R. Loja da Verdadeira Fraternidade no Oriente de Estrasburgo, no dia 26 do 4º mês do ano 5825, para o Louveton Jacques-Léopold-Frédéric, filho do Irmão Grimmer, Frédéric-Guillaume, dignitário desta Loja. Aconteceu também na R. Loja Escocesa dos Irmãos-Reunidos no Oriente de Estrasburgo, no dia 15 do 8º mês do ano de 5825, para o Louveton AbelCharles-Auguste, filho do Ir. Brémens, Auguste-Joseph, dignitário desta Loja. (...)*”. RIEBESTHAL. **Rituel maçonnique pour tous les rites**. Strasbourg: Éditeur Silbermann, 1827. p. 42-44.

[31] Ragon especificava em detalhes a decoração do Templo que, tradução livre, fica assim: As paredes estão cobertas de branco, pontilhadas de abelhas, e são decorados com folhagens e guirlandas de flores, símbolos da tenra idade (celebração da infância). No centro, ergue-se um altar triangular, emblema das três idades do homem e as estações do ano antigo. Neste altar são colocados um esquadro, um compasso, luvas brancas, aventais, flores, vinho, um brioche, mel, um vaso cheio de água (uma toalha) e uma caçarola. O trono é cercado por troféus e guirlandas. Três tripés são colocados nos cantos do altar. Lemos estas máximas ou outras semelhantes nas paredes: “trabalho, consiste menos em fazer muito para fazer bem.” “O descanso só é doce para quem trabalha.” “Fale sobriamente com os adultos, cautelosamente com seus iguais, cordialmente com seus amigos, gentilmente com os pequenos, com ternura com os pobres e sinceramente com todos.” “Evite brigas, evite insultos, coloque sempre a razão ao seu lado.” “Perdoe tudo aos outros e não perdoe nada a si mesmo.”

[32] Ragon, sendo mais específico, dizia que os trabalhos se iniciavam como de costume no Grau 1, onde o Irmão Secretário lia o traçado da última sessão. Após a sua aprovação, o Venerável Mestre introduzia os Irmãos visitantes depois de reconhecê-los (pelo Telhamento), os elogiava, aplaudia e colocava-os em seus lugares. A seguir, tomavam entrada e assento as delegações de lojas visitantes com os costumeiros discursos, cumprimentos, aplausos. Na sequência, ingressavam no Templo (todos já haviam sido advertidos de que os sinais, gestos e palavras estavam suspensos) os pais, mães, irmãos, irmãs, parentes e amigos dos filhos e tomavam lugar os lowton anteriormente adotados. As damas eram colocadas à frente das Colunas (do Norte e do Sul). As boas-vindas eram dadas por cumprimentos (pela bateria com quatro golpes iguais). O Mestre de Cerimônias distribuía flores para as damas em nome do Venerável Mestre, como testemunho do prazer causado pela ilustre presença.

[33] Optou-se por utilizar a palavra “enfermeira” para preservar o sentido original do texto, muito embora admitese usualmente a substituição por “ama de leite”.

[34] Antes da entrada no Templo, segundo Ragon, fazia parte do ritual a recepção da delegação por meio de quatro pancadas. O Venerável Mestre informado pelo 1º Vigilante perguntava “quem se atreve a bater assim”, que era a deixa para o 1º Experto saísse, verificasse quem assim batia e informasse o 2º Vigilante que informava ao 1º Vigilante que respondia ao Venerável Mestre “são (os nomes) filhos dos nossos Irmãos que estão perdidos no mundo profano, onde as más paixões ameaçam a levá-los ao mal. Cada um deles é conduzido por um de nossos Irmãos que, guiado pelo gênio do bem, pede asilo e proteção para eles”. O Venerável Mestre, então, perguntava ao 2º Vigilante: “que meios estão a nossa disposição para ajudar essas crianças?”, cuja resposta dada pelo Irmão Orador era: “vamos admiti-los no Templo com seus condutores, deixando que cada uma dessas crianças encontre um protetor em cada um de nós, e assim esteja protegido contra os perigos que enfrentam”. O Venerável Mestre, então, pedia ao Irmão Orador para dar o seu parecer. Este se pronunciava dizendo: “sou da opinião que apresentemos a essas crianças a vida da inteligência para que o véu que cobre seus olhos desapareça; deixe suas bocas aprenderem a apenas pronunciarem palavras doces; que seu corpo seja purificado; que o amor ao trabalho lhes garanta uma boa conduta; que eles se inspirem pelo espírito de força, de virtude e de união, e que a adoção maçônica lhes abra o caminho para a felicidade”.

[35] A Revista “Les Documents Maçonniques”, onde se encontra publicado o artigo retro referido de Boudet, era considerada uma aliada na propaganda dos partidários do regime nazista, em França, contra a Maçonaria e contra os Maçons, tendo em Jean-Marquès Rivière um dos seus mais atuantes protagonistas.

[36] Na exposição do Quadro Histórico que compreendia a Terceira Época (de 1823 a 1832). Annaes Maçonicos Fluminenses. Tomo 1. Rio de Janeiro: Typ. dos Irm Seignot-Pancher, 1832. p. 25-26.

[37] No “Cathecismo de Mestre” da Loja Commercio e Artes, no ano seguinte (1833), o termo “Lowton” foi utilizado para se referir ao filho de um Maçom: “(...) P. Como se chama o Filho de hum Mação? R. Lowton: palavra ingleza, que significa discípulo de Architetura. P. Qual é o privilégio de hum Lowton? R. De ser recebido primeiro Mação, de que qualquer outro. (...)”. Instruções Maçonicas ou Cathecismo e Regulamento Geral organizados segundo o original Francez a tradução e anotações de Hypolito (Londres), e adoptados aos trabalhos da Loja brasileira Commercio e Artes. Rio de Janeiro: Tip. Irm. Seignot-Plancher, 1833. p. 141.

[38] Novo Diccionario dos Termos Maçonicos recopilado de todas as obras publicadas sobre a maçonaria, e o mais completo dos que se têm dado à luz. Rio de Janeiro, RJ: Typ. Imp. e Const.

dos II Seignot-Plancher e C. 1833. p. 30.

[39] A Loja Comércio e Artes já utilizava no Catecismo do 3º Grau a palavra “Lowton” para se referir ao filho de um Maçom: “(...) P. Como se chama o Filho de um Mação? R. Lowton: palavra Ingleza, que significa discipulo de Architectura. P. Qual he o privilegio de hum Lowton? R. De ser recebido primeiro Mação, de que qualquer outro (...)”. Instruções Maçonicas, ou Cathecismo e Regulamento Geral do Gráo de Mestre, Terceiro Grau da Maçoneria Azul; organizados segundo o original francez, a tradução e anotações de Hypolito (Londres), e adoptados aos trabalhos da Loja brasileira Commercio e Artes, pelo seu Venerável J. da C. B. Cav Ros I. Rio de Janeiro: Typ. dos Irm Seignot-Plancher, 1833. p. 17.

[40] Incluindo-se a condição de ser possuidor de bons costumes para admissão.

[41] Existe uma obra anônima (embora especialistas atribuam a sua autoria ao Maçom e médico português Miguel António Dias) em seis volumes, de propriedade de J. P. Aillaud (editor), intitulada “Bibliotheca Maçonica, ou Instrução Completa do Franc-Maçom”, cujo quarto volume (1840) contém um vocabulário de termos maçônicos no qual se encontra o verbete “Lwton” como sendo o filho de um Maçom (p. 179). Antes (p. 153), faz referência ao verbete “Adopção de um Lwton, ou de um Irmão - Uma Loja pode adoptar o filho de um Irmão, ou um antigo Maç N'aquelle caso, ella manda educar o lwton á sua custa, e ensinar-lhe um officio; e n'este, fornece alimentos e soccorros ao Irmão idoso e desgraçado (...)”. Por fim (p. 157), também faz referência a outro verbete “Cadêa de flores”, dizendo “(...) Quando se celebra a festa (...), ou a recepção de um lwton, orna-se o Templo com grinaldas de flores, a que se dá o nome maçonnico da Cadêa de flores (...)”. No complemento do título, lê-se “(...) Obra dedicada aos Orientes Lusitano e Brasiliense (...)”, de maneira que se presume que possa ter servido de guia para “recepções” de Lowtons tanto em Portugal quanto no Brasil. Bibliotheca Maçonica, ou Instrução Completa do Franc-Maçom: Obra dedicada aos Orientes Lusitano e Brasiliense por um Cav Rosa-Cruz. Tomo Quarto. Paris: J. P. Aillaud, 1840.

[42] Conforme estabelece o § 1º, do artigo 5º, alíneas “a”, “c”, “d”, “e”, “f”, “g” e “h”: ser do sexo masculino; possuir instrução que lhe possibilite compreender e aplicar os princípios da Instituição; não ter defeito físico que o impeça de cumprir os deveres maçônicos ou de praticar o cerimonial litúrgico; ter bons costumes, reputação ilibada e estar no pleno gozo dos direitos civis; ter profissão que lhe assegure subsistência própria e a de sua família, sem prejuízo dos encargos maçônicos; ter pelo menos dois anos de residência no Oriente da Loja; e, estar quite com o Serviço Militar.

[43] Constituição do Grande Oriente do Brasil, artigo 26, inciso XIII: “(...) São direitos da Loja: (...) tomar sob sua proteção, pela cerimônia de adoção de *Lowton*, descendentes, enteados ou tutelados

de Maçons, de sete a dezessete anos, do sexo masculino. (...)”.

[44] Regulamento Geral da Federação, artigo 108, § 3º, inciso I: “(...) As sessões das Lojas serão ordinárias, magnas ou extraordinárias conforme o rito que praticam. (...) São sessões magnas, admitida a presença de não-maçons, as (...) de adoção de Lowtons. (...)”.

[45] Grande Oriente do Brasil. Rituais Especiais (Eventos Irrestritos) Adoção de Lowtons; Consagração Matrimonial; Exaltação Matrimonial para Bodas; Transmissão de Cargo e Comemorativa; e Homenagem ao Dia das Mães. (Roteiros) Ceia Festiva; e Lançamento de Pedra Fundamental de um Templo Maçônico. Brasília/DF, Ed. Grande Oriente do Brasil, 2017. p. 15-42.

[46] Regulamento Geral da Federação, artigo 97, inciso VI: “(...) São direitos da Loja: (...) adotar *Lowtons*, com o consentimento dos pais, tutores ou responsáveis, com a idade de sete a dezessete anos. (...)”.

[47] Constituição do Grande Oriente do Brasil, artigo 27, § 2º, alínea “a”: “(...) A admissão de candidato na Ordem maçônica, disciplinada no Regulamento Geral da Federação, será decidida por deliberação de uma Loja regular, mediante votação. (...) Visando à admissão na Ordem e após sua implementação, estarão isentos do pagamento de taxas ou emolumentos estabelecidos pelo Grande Oriente do Brasil, pelos Grandes Orientes dos Estados e do Distrito Federal e pelas Lojas: (...) os *Lowtons*, os *DeMolays* e os “*Apejotistas*” com dezoito anos, no mínimo, até completarem vinte e cinco anos de idade. (...)”.

[48] Regulamento Geral da Federação, artigos 96, inciso XXI e 184, inciso IX: “(...) *São deveres da Loja: (...) comunicar ao Grande Oriente do Brasil a adoção de Lowtons. (...)*”; “(...) *Compete à Secretaria-Geral de Entidades Paramaçônicas: (...) manter cadastro atualizado dos Lowtons adotados pelas Lojas Maçônicas no âmbito do Grande Oriente do Brasil (...)*”.

[49] Constituição do Grande Oriente do Brasil, artigo 1º, caput: “(...) A Maçonaria é uma instituição essencialmente iniciática, filosófica, filantrópica, progressista e evolucionista, cujos fins supremos são: Liberdade, Igualdade e Fraternidade. (...)”.

[50] Constituição do Grande Oriente do Brasil, parágrafo único, artigo 1º, incisos VI e VII: “(...) *Além de buscar atingir esses fins, a Maçonaria: (...) considera Irmãos todos os Maçons, quaisquer que sejam suas raças, nacionalidades, convicções ou crenças; (...) sustenta que os Maçons têm os seguintes deveres essenciais: amor à família, fidelidade e devotamento à Pátria e obediência à lei. (...)*”.

[51] Trabalho vencedor na categoria Aprendiz Maçom

[52] Trabalho vencedor na categoria Companheiro Maçom